



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FÁBIO LUÍS MARTINS

**EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E CULTURA:
OS SENTIDOS PRESENTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Londrina
2010



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO



**Londrina
2010**

FÁBIO LUÍS MARTINS

**EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E CULTURA:
OS SENTIDOS PRESENTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora:
Profa Dra Cleide V. M. Batista

Londrina
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M386 Martins, Fábio Luís.

Educação física, lazer e cultura: os sentidos presentes no contexto escolar / Fábio Luís Martins. – Londrina, 2011.
166 f. : il.

Orientador: Cleide Vitor Mussini Batista.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Mestrado em Educação, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Educação – Currículo – Teses. 2. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 3. Lazer – Teses. I. Batista, Cleide Vitor Mussini. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Mestrado em Educação. III. Título.

CDU 796:37.02

FÁBIO LUÍS MARTINS

**EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E CULTURA:
OS SENTIDOS PRESENTES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes
UFMG – Belo Horizonte - MG

Prof. Dr. João Batista Martins
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Cleide Vitor Mussini Batista
UEL – Londrina - PR

Londrina, _____ de _____ de 2010.

MARTINS, F. L. **Educação física, lazer e cultura**: os sentidos presentes no contexto escolar. 2010. 166f Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010.

RESUMO

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso de tipo etnográfico, onde por meio de observações, entrevistas e análise de currículo, textos e desenhos se pode interpretar quais os sentidos presentes nas aulas de Educação Física em sua relação com o lazer, sendo realizada em uma turma de quarta série de uma escola municipal de Londrina-PR. Pautamo-nos nos conceitos de cultura provindos da antropologia, em específico no conceito semiótico de Geertz, e pela relação que se estabelece entre cultura e educação, a partir de perspectivas críticas e pós-críticas, entendemos que a Educação Física escolar ao ter a cultura corporal de movimento como objeto de estudo mantém relação com a esfera do Lazer. Os objetivos desta pesquisa foram: (a) interpretar os significados que a professora de Educação Física e seus alunos(as) produzem nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas; (b) conhecer os sentidos atribuídos à disciplina de Educação Física, identificando as relações existentes entre a Educação Física escolar e o Lazer. Verificamos que são diversos os sentidos atribuídos à Educação Física, destacando-se: exercitar o corpo, momento de lazer, aprender jogos, esportes e ginásticas. Em sua relação com o lazer, as aulas de Educação Física têm alguns conteúdos que também estão presentes no lazer, tais como os jogos, os esportes e as ginásticas, caracterizando uma educação também voltada para o lazer, apesar de nem a professora e nem os alunos expusessem isto. Para uma parcela dos alunos a própria aula é momento de lazer, pois na aula podem vivenciar sensações de prazer, satisfação e descanso.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Lazer. Cultura.

MARTINS, F. L. **Physical education, leisure and culture**: the meanings present in the school context. 2010. 166 fl. Dissertation (Master's degree in Education) - Universidade Estadual de Londrina. 2010.

ABSTRACT

This research is characterized as a study of case of ethnographic type, where by means of comments, interviews and analysis of resumes, texts and drawings it can interpret which the directions exist in the lessons of Physical Education in its relation with the leisure, being carried through in a group of fourth series of a municipal school of Londrina. We use of the concepts of culture come from the anthropology, in specific in the semiótico concept of Geertz, and for the relation that it establishes between culture and education, from critical and after-critical perspectives, we understand that the pertaining to school Physical Education when having the corporal culture of movement as study object keeps relation with the sphere of the Leisure. The objectives of this research had been: (a) to interpret the meanings that the teacher of Physical Education and its pupils produce in practical the pedagogical ones developed in the lessons; (b) to know the directions attributed to disciplines of Physical Education, identifying to the existing relations between the pertaining to school Physical Education and the Leisure. We verify that the directions attributed to the Physical Education are diverse, being distinguished: to exercise the body, moment of leisure, to learn games, sports and gymnastics. In its relation with the leisure, the lessons of Physical Education have some contents that also are gifts in the leisure, such as the games, the sports and the gymnastics, characterizing an education also come back toward the leisure, although nor the teacher and nor the pupils displayed this. For a parcel of the pupils the proper lesson is leisure moment, therefore in the lesson they can live deeply sensations of pleasure, satisfaction and rest.

Key-words: Physical education. School. Leisure. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – . Brincadeira de bola.....	74
Figura 2 – Relação entre a Educação Física escolar e o esporte	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1. METODOLOGIA.....	12
1.2. CONTEXTO DA PESQUISA	16
1.3. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	18
2 ESCOLA E CULTURA	20
2.1 CULTURA E SEUS CONCEITOS.....	20
2.2 O CONCEITO DE CULTURA E A ESCOLA	27
2.2.1 O Conceito de Cultura Presente na Escola e nas Aulas de Educação Física	34
3 LAZER, CULTURA E ESCOLA	45
3.1 LAZER: ALGUMAS TENDÊNCIAS.....	45
3.2 EDUCAÇÃO E LAZER	59
4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	65
4.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LAZER	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE	98
APÊNDICE A – GUIA TEMÁTICO DAS ENTREVISTAS.....	99
ANEXOS	104
ANEXO A – PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	105
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	112
ANEXO C – TEXTOS E DESENHOS DOS ALUNOS	137

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo a questão do currículo escolar vem sendo discutida mais profundamente, tanto nos círculos escolares do ensino básico quanto nas universidades. Professores, estudiosos e pesquisadores voltam olhares mais críticos para o currículo, e o entendem não somente como um conjunto de procedimentos, técnicas e métodos que seriam mais eficientes na empreitada educacional. Hoje, o currículo começa a ser visto como um campo contestado englobando as categorias sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade e, os critérios de seleção dos conteúdos educacionais começa ser questionada. O “por quê” começa a fazer parte das análises dos conhecimentos tratados pelos currículos.

Considerando a cultura como uma estrutura de significados estabelecida socialmente, evitamos compreender que a principal função da escola e da educação é a transmissão de conhecimentos acabados e considerados corretos onde as pessoas o incorporam passivamente, se adaptando e visando uma formação para a vida adulta, para uma *futura* sociedade ou para o *futuro* trabalho. Nesta perspectiva, a educação é antes de tudo, prática social e de (re)significação. É uma forma de *viver* a cultura.

Definida como suporte do desenvolvimento singular da pessoa ou como preparação para a vida social (e não mais como iniciação a uma ordem humana ideal, ilustrada por um repertório de referências canônicas), a educação dirige-se doravante a indivíduos particularizados, situados no espaço e no tempo, e cujas capacidades, bem como disposições e expectativas, refletem as características ‘objetivas’ do mundo social e do mundo mental no qual são levados a viver (FORQUIN, 1993, p. 124).

Mesmo assim, lamentavelmente ainda é observada uma distinta separação do conhecimento. De um lado o conhecimento científico da escola, generalista, que é visto distanciado da vida cotidiana, e do outro lado, o conhecimento popular ou espontâneo, da vida prática (DELVAL, 2001). Tal estruturação dos conteúdos nos revela uma visão homogênea e padronizada, tanto dos conteúdos quanto dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Um modelo monocultural de educação escolar.

Quando almejamos uma sociedade que valorize e respeite as diferenças e as identidades dos diversos grupos que a compõem, vemos que

universalizações não dão conta do processo educativo. O conhecimento deve ser construído a partir da realidade do grupo social a qual faz parte, valorizando assim os diferentes pontos de vista. Neste sentido, Silva (2005, p. 16) descreve as preocupações que mobilizam as teorias do currículo colocando que as teorias críticas e pós-críticas não estão preocupadas somente em saber o “o quê?”, mas principalmente, o “por quê?” deste conhecimento, enfatizando as conexões entre saber, identidade e poder. Nestas perspectivas, a escola é “[...] concebida como um espaço de cruzamento, conflito e diálogo entre diferentes culturas” (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Diversas áreas de atuação profissional vêm situando a cultura como eixo central de suas discussões teóricas e práticas, e dentre elas a educação.

A cultura há muito situada na periferia do campo das ciências sociais, tem-se movido em direção ao centro, o que talvez se explique pela tendência mais ampla de enfraquecimento das divisões entre as áreas de estudo e de intensificação de estudos inter e transdisciplinares (MOREIRA; CANDAU, 2003).

Este movimento de complexificação dos olhares sobre as coisas, que as diversas áreas científicas, filosóficas e de atuação profissional vêm colocando sobre seus objetos de estudo e atuação, colaboram na tentativa de melhor compreender o mundo, em suas diversas relações dinâmicas que o compõem, pautados em teorias que não desprezam esta complexidade. E colocar a cultura como eixo norteador é uma forma de atender a esta necessidade. Entretanto não é qualquer concepção de cultura que realiza esta função.

No conceito semiótico de cultura (GEERTZ, 1989), as preocupações de análise se recaem sobre os significados que compõem determinada cultura, seu simbolismo e as interpretações existentes neste grupo e as interpretações destas interpretações (quando realizadas pelos pesquisadores). O currículo escolar, artefato sociocultural é também uma forma de viver e produzir “parte” da cultura. Ocorre desta forma, a seleção dos conteúdos escolares - a valorização de certos saberes em detrimento de outros. E, o entendimento de cultura influencia sobremaneira esta seleção dos conteúdos e a forma como trabalhá-los nas escolas. Entendendo a cultura como algo dinâmico, num constante movimento dos diversos grupos sociais em torno da significação, a sociedade multicultural é uma realidade. “O pluralismo cultural não existe somente entre as nações, ele está no interior das comunidades

que as compõem, e os próprios indivíduos não escapam à lei geral da diferenciação interna e da mestiçagem” (FORQUIN, 1993, p. 126).

Observamos que muitos sistemas de ensino trabalham com um currículo monocultural que vem privilegiando saberes instrumentais visando principalmente o trabalho no sentido produtivo. A educação que se vem realizando em nossas escolas, impregnada dos pressupostos lógico-rationais, desconsidera ou deixa em segundo plano as manifestações culturais lúdicas. As manifestações culturais lúdicas são componentes das diversas culturas e, como tais, transmitem certos significados em suas relações com os sujeitos. Todos os grupos sociais em sua magnitude de diversidade têm presentes estas manifestações pautadas na ludicidade. Tais manifestações, por serem culturais necessitam também de aprendizagem. Esta aprendizagem não se restringe somente ao fazer, a uma repetição mecânica e inconsciente de certos movimentos, mas também, saber olhar de forma crítica tais manifestações.

Em nosso cotidiano as manifestações culturais lúdicas estão mais presentes nos tempos e espaços de lazer. Essa esfera da vida, o lazer, mantém uma relação intrínseca com a ludicidade e, acaba sendo um dos poucos momentos onde a ludicidade “pode” se fazer presente nas sociedades capitalistas pautadas na produção e consumo. A escola responsável pela realização da cultura, de sua significação, deve compreender que não somente a esfera do trabalho, mas também, outras, inclusive a do lazer são pertinentes as suas funções na busca de cidadãos autônomos, criativos e críticos perante a vida em sociedade. “Operar com a noção de cultura nos incita e nos permite pensar para além de uma perspectiva pragmático-economicista de educação que privilegia o saber instrumental com vistas ao trabalho no sentido produtivo” (BRACHT, 2003, p. 148).

O lazer quando alvo de educação é concebido na maioria dos casos por meio das abordagens funcionalistas (MARCELLINO, 1995a), configurando-se como mecanismo de reprodução e manutenção social. Ter o lazer como objeto de educação crítica é possibilidade de compreendermos esta esfera da vida para além de seus valores funcionalistas e, sim, como possibilidade de produção cultural. A educação escolar seria responsável por questionar, desnaturalizar e desestabilizar as vivências de lazer em suas inter-relações com a sociedade, tornando-se fator de emancipação dos sujeitos. Pelo lazer podemos pensar a sociedade e, “é nesse âmbito que o lazer não pode ser encarado como uma fração isolada da vida, mas

como parte integrante de um projeto de sociedade comprometido com a inclusão social, cultural, educacional e territorial, entre outras, das maiorias” (WERNECK, 2003, p. 51).

Outro espaço onde estas manifestações culturais lúdicas podem se fazer presente e relacionadas ao seu objeto de estudo é na Educação Física escolar. Este pensamento não é aceito por todos, pois nem as funções desta disciplina escolar seriam de consenso. Durante alguns anos e, até mesmo nos dias atuais ainda paira sobre as cabeças dos docentes, discentes e de toda a sociedade em geral a questão de qual seria a função da Educação Física na escola. Isto ocorre devido à falta de uma definição clara de sua especificidade pedagógica, de seu objeto de estudo. Este objeto da Educação Física refere-se ao saber específico que será trabalhado nesta sua ação pedagógica. Algumas expressões são utilizadas para definir esta sua especificidade escolar: a) “atividade física”, “atividades físico-esportivas e recreativas”; b) “movimento humano”, “movimento corporal humano”, “motricidade humana”, “movimento humano consciente”; c) “cultura corporal”, “cultura corporal de movimento”, “cultura de movimento”.

Em relação a estas expressões, temos que ter em mente que “[...] a definição do objeto da Educação Física está relacionada com a função ou com o papel social a ela atribuído e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação” (BRACHT, 1999, p. 43). Quando analisamos os dois primeiros grupos, o da “atividade física” com seu embasamento biológico voltado a aptidão física e o do “movimento humano”, baseada na aprendizagem motora, no desenvolvimento motor e na psicomotricidade é possível ver:

[...] o objeto não como construção social e histórica e, sim, como elemento natural e universal, portanto, não histórico, neutro política e ideologicamente, características que marcam, também, a concepção de ciência onde vão sustentar suas propostas (BRACHT, 1999, p. 45).

Entendemos que o termo *cultura corporal de movimento* é o mais adequado para nortear uma prática pedagógica crítica na Educação Física. Mas, no entanto, é preciso compreender este conceito juntamente com o de cultura e suas relações com a educação.

Outro aspecto possível de ser considerado na elaboração dos currículos e nas práticas pedagógicas refere-se aos conteúdos. A Educação Física

pautada na cultura, mais especificamente numa parte desta cultura, a nosso ver, deve preocupar-se com a origem destes conteúdos e como fará o “recorte” desta cultura, para que possa atender as especificidades da Educação Física no seu trato com a realidade. Tendo historicamente uma relação íntima com as ginásticas, os jogos, os esportes, as danças e as lutas, alguns questionamentos são pertinentes: em qual(is) esfera(s) da vida a Educação Física vai buscar, ou deveria buscar, seus conteúdos? De que forma estes conteúdos são escolhidos? Quais os conhecimentos que pautam o estudo crítico destes conteúdos? Tais questionamentos são pertinentes para que a Educação Física não caia numa falsa pretensão de ser crítica ao naturalizar seu objeto de estudo, tratando-o desvinculado de uma cultura.

Para as pretensões deste trabalho entendemos que nos capítulos que seguirem algumas elucidações mais pontuais sobre as perspectivas abordadas a respeito dos temas cultura, educação, escola e currículo escolar se fazem pertinentes à melhor compreensão dos objetivos a serem propostos.

A Educação Física e o Lazer são partes constitutivas da vida das pessoas, imersos em uma cultura e se perpetuando pela educação e suas estruturas. Em vários pontos de análise os estudos referentes à Educação Física e ao Lazer se entrecruzam, principalmente, quando entendemos a cultura como a base e eixo norteador das ações desenvolvidas. Será que nos currículos de Educação Física das séries iniciais do ensino fundamental está havendo esta relação com o Lazer? Quais os sentidos que os atores envolvidos neste processo educacional dão à Educação Física e ao Lazer? A partir destas indagações referentes à Educação Física escolar e o Lazer, buscamos neste trabalho de pesquisa conhecer quais os significados existentes nas aulas de Educação Física referentes aos seus objetivos e as relações com o Lazer. Para tal, delineamos como **objetivos**: (a) interpretar os significados que a professora de Educação Física e seus alunos(as) produzem nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas; (b) conhecer os sentidos atribuídos à disciplina de Educação Física, identificando as relações existentes entre a Educação Física escolar e o Lazer.

Pretendemos, desta forma, identificar os significados presentes nas aulas de Educação Física em relação a seus objetivos e o Lazer, colaborando com a construção de conhecimentos visando melhor entender as relações existentes entre a cultura, o lazer, a escola e a educação física e, dar maiores subsídios às práticas pedagógicas dos profissionais envolvidos na educação escolar.

1.1 Metodologia

Buscando compreender a realidade em seu contexto e tendo a cultura, em seu conceito semiótico, como eixo central de nossa interpretação, o **estudo de caso de tipo etnográfico** adequou-se a responder nossas indagações. “O significado, de cada ocorrência, fato ou evento é de vital importância no estudo de caso de tipo etnográfico para a consolidação do novo corpo teórico” (SCHULTZ; BRZEZINSKI, 2007, p. 91). Corpo este concebido pelos significados atribuídos pelos atores (professora e alunos) envolvidos diariamente no processo e, pela nossa interpretação (pesquisador) pautada nas teorias que orientam esta investigação.

[...] a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido” (MAGNANI, 2002, p. 17).

Partindo da premissa que “[...] a cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos [...]” (GEERTZ, 1989, p. 9), a pesquisa estudo de caso tipo etnográfica busca interpretar as ações, comportamentos do grupo estudado por meio de *uma* leitura, registro e análise (conjuntamente) do que acontece. Para tal, segundo Geertz (1989) devemos:

[...] descobrir estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (p. 19).

A escola considerada como espaço social, de encontro, de trocas e (re)criação simbólica, possibilita que incursões de tipo etnográfica possam ser estabelecidas na busca de se constituir novas formas, mais aprofundadas, de compreensão desta realidade. André (1999) sinaliza três dimensões da prática

escolar cotidiana onde a pesquisa etnográfica pode se lançar, sendo objetivada neste trabalho a *dimensão instrucional* ou *pedagógica* que:

[...] abrange as situações de ensino nas quais se dá o encontro professor-aluno-conhecimento. Nessas situações estão envolvidos os objetivos e conteúdos do ensino, as atividades e o material didático, a linguagem e outros meios de comunicação entre professor e alunos e as formas de avaliar o ensino e a aprendizagem (p. 43).

Os diversos espaços onde as aulas ocorrem são contextos bastante significativos que se constituem como locais de pesquisa, e a aula de Educação Física é uma destas possibilidades.

O foco de estudo deste trabalho é a relação entre o Lazer e a Educação Física em âmbito escolar e, o campo de análise foram as aulas de Educação Física de uma escola da rede municipal de ensino de Londrina-PR, em seus diversos espaços de ocorrência. Constituíram sujeitos/atores sociais deste estudo uma professora de Educação Física e os alunos(as) de uma turma na qual ela intervém. As dinâmicas deste processo possibilitaram suscitar compreensões a respeito dos objetivos/fins da Educação Física escolar e suas relações com o Lazer. Isto é, segundo Magnani (2002), “[...] resultado do próprio trabalho etnográfico, que reconhece os arranjos nativos, mas que os descreve e trabalha num plano mais geral, identificando seus termos e articulando-os em sistemas de relações” (p. 20).

Preocupamo-nos em entender as ações em seu contexto, como os diversos significados são transmitidos e ressignificados em seu ambiente, como a cultura vem sendo desenvolvida em seu processo na vida das pessoas, a **observação participante** atende aos objetivos da pesquisa aqui apresentada. A observação participante segundo Lofland e Lofland (apud MAY, 2004, p. 177) é

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação.

As relações humanas necessitam de estratégia de pesquisa que considerem a complexidade que as compõe. Com este intuito a observação participante constitui-se como

[...] uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas informais e análise documental (MOREIRA, 2004, p. 52).

Das tipologias apresentadas por Gold (apud MOREIRA, 2004, p. 54) a respeito do grau de envolvimento do pesquisador, a de *observador como participante*, onde o pesquisador interage pouco com os sujeitos respondeu aos objetivos da pesquisa.

No desígnio de compreender os eventos, processos e relações sociais, a observação participante resulta em uma análise que considera os aspectos observados, o grupo em questão em seu contexto específico e amplo e também os valores e entendimentos particulares do pesquisador. Guiando-se pela “[...] identificação das relações presentes naquele contexto social e [...] [pela] descrição dos eventos e situações que ocorreram” (MAY, 2004, p. 187), as observações fornecem subsídios para a interpretação do contexto estudado.

Fruto destas observações, as anotações de campo “[...] descrevem lugares, pessoas e eventos. Também, são utilizadas como espaço contextual para registro das nossas emoções e experiências pessoais [pesquisador] [...]” (COFFEY apud MAY, 2004, p. 185). Mas, as anotações de campo devem orientar-se pelos objetivos da pesquisa. Os interesses teóricos orientam as observações, e “as anotações feitas dependerão do foco das suas interrogações” (MAY, 2004, p. 188), no caso desta pesquisa as relações entre os conteúdos da Educação Física e o Lazer.

Para auxiliar a organização das observações, foram adotados os índices da “adequação subjetiva” propostos por Bruyn (apud MAY, 2004, p. 189). Estes índices auxiliam nos objetivos da pesquisa e na validade da mesma, sendo eles: o tempo, o lugar, as circunstâncias sociais, a linguagem, a intimidade e o consenso social¹.

Buscando ampliar nossas interpretações, foi pedido a todos os alunos que **escrevessem** ou **desenhassem** o que seria a Educação Física na escola e, como eles gostariam que fosse. Esta parte da pesquisa foi realizada em

¹ O tempo: Quanto mais tempo na situação social, a interpretação realizada será mais profunda (MAY, 2004, p. 189). O lugar: “[...] considerar a influência das situações físicas sobre as ações” (ibid). As circunstâncias sociais: “Quanto mais variadas as oportunidades do observador relacionar-se com o grupo, tanto em termos de *status*, de papel e de atividades, maior será o entendimento dele” (ibid). A linguagem: “Quanto mais familiarizados os pesquisadores estiverem com a linguagem em sua situação social, mais precisas serão as suas interpretações daquela situação” (ibid). A intimidade: “Quanto maior o envolvimento pessoal com o grupo e seus membros, mais o pesquisador é capaz de entender os significados e as ações que eles realizam” (MAY, 2004, p. 190). O consenso social: “É por meio dele que o observador é capaz de indicar como os significados na cultura são empregados e compartilhados entre as pessoas” (ibid).

sala de aula, em horário que não das aulas de Educação Física e, num período/dia após o término das observações e anterior ao dia das entrevistas. Com o material oriundo deste processo pudemos conhecer mais sobre os sentidos presentes e que se inter-cruzam nas aulas, possibilitando melhor alcançar os objetivos deste trabalho.

A **entrevista** foi utilizada como parte do processo de compreensão do contexto. “As entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” (MAY, 2004, p. 145). As entrevistas visando aprofundar e esclarecer questões referentes às observações foram caracterizadas sendo do tipo semi-estruturada, onde

O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer (MOREIRA, 2004, p. 55).

O guia de entrevista (APÊNDICE A) foi organizado seguindo alguns temas (ou questões) referentes à pesquisa e contendo alguns pontos ou lembretes vinculados aos temas. Tais pontos serviram para garantir que aspectos específicos e relevantes à pesquisa fossem abordados nas entrevistas.

As entrevistas foram gravadas, visando favorecer um melhor relacionamento entre os entrevistados e o pesquisador, possibilitando também que algumas anotações referentes à linguagem não-verbal fossem realizadas. Após as entrevistas, o material resultante das mesmas foi transcrito e submetido a uma análise categorial na qual foram realizadas as inferências e análises/interpretações das mensagens. Tal análise/interpretação foi balizada pelos objetivos da pesquisa e pelo suporte teórico utilizado.

A entrevista foi realizada com a professora e com seis (6) de seus alunos(as) em horário diferente ao das aulas de Educação Física, mas em período escolar. No entanto, durante as aulas, professora e alunos(as) foram indagados sobre suas ações quando necessitei de informações para melhor compreender os fatos que ali ocorriam. O período de tempo destinado às observações foi, definido a princípio, quinze (15) aulas, realizadas no segundo semestre de 2009. Mas, devido a paralisações das aulas, pelo motivo de conter o avanço dos casos de gripe A H1N1,

a um longo período de chuvas que acometeu a cidade e os ensaios da apresentação de final de ano, as aulas foram bastante comprometidas em seu aspecto tempo, sendo, desta forma, possibilitada apenas a observação de sete (7) aulas, num período de um (1) mês. Este número de aulas possibilitou a observação de três (3) conteúdos curriculares, contribuindo para a exposição das possíveis relações dos conteúdos e objetivos das aulas com o lazer.

Para a realização das observações, desenhos/textos e entrevistas utilizamos respectivamente diário de campo, papel sulfite em branco e gravador de voz.

A análise documental foi realizada no currículo² oficial da escola. Esta análise possibilitou a realização de comparações entre as interpretações realizadas no contexto escolar das aulas e as propostas curriculares que alicerçam estas mesmas ações.

Foram utilizadas algumas categorias para a análise, tanto dos documentos quanto das entrevistas. Nesta fase de análise das mensagens nosso objetivo é direcionado à “[...] compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e, principalmente, *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira” (BARDIN, 2006, p. 36).

Para guiar nossas inferências e interpretações sobre estas mensagens, pautados em nossos objetivos, elencamos as seguintes categorias de análise: (a) temas primários: Escola/Educação, Educação Física, e Lazer; e (b) temas secundários que articularam os temas primários: conceito de cultura e sua relação com a escola/educação, Educação Física e Lazer, funções da Educação Física na escola, conceitos de lazer e ludicidade, relações entre a Educação Física e o lazer.

1.2 Contexto da Pesquisa

Os critérios de escolha da turma a qual a pesquisa teve como foco de interpretação foram: (a) ser da rede municipal de ensino; (b) ser uma terceira ou quarta série; (c) conhecer a professora. A pesquisa neste meio possibilita conhecer melhor este campo de intervenção do professor de Educação Física e, estas séries

² O currículo das escolas da rede municipal de educação de Londrina é nomeado de Proposta Pedagógica.

permitiriam deparar com práticas e saberes construídos durante todo o início de percurso da escolarização. Optando por observar a turma de uma professora a qual já era conhecida por conta dos encontros - palestras e grupos de estudo - promovidos pela secretaria de educação visando criar um bom relacionamento, com a própria professora e os alunos, durante as observações e entrevistas.

Do contato com esta professora alguns meses antes da previsão de início das observações, da exposição das intenções da pesquisa e, do interesse da mesma em colaborar com a pesquisa foi lhe entregue parte do projeto de pesquisa para colocá-la mais a par do estudo. No segundo semestre após as férias escolares e o recesso por motivo do surto de gripe, foi realizada a visita a escola para conhecer a professora e conversar com a mesma. A escola está situada na Zona Oeste do município de Londrina, próxima a outra escola municipal e a um colégio estadual.

A escola localiza-se num bairro predominantemente residencial, periférico, porém antigo e com toda infra-estrutura necessária, tais como água, luz, telefone, linhas de ônibus, posto de saúde, escolas de Ensino Fundamental e médio e comércio local (P.P., 2009, p. 8).

As ruas ao entorno da escola são de pouco fluxo de carros e pessoas, não havendo salões comerciais, somente casas e uma grande praça com quadra esportiva coberta.

A escola é pequena contendo: quatro salas de aula, uma biblioteca, banheiros, refeitório, almoxarifado, pátio central, secretaria e sala dos professores. A quadra de esportes fica nos fundos do terreno da escola, misturando-se com o pátio. A quadra é sem cobertura, tem um piso de asfalto pintado e possui duas traves/gols de futsal, e duas tabelas (um aro) de basquete. Grande parte das aulas de Educação Física é realizada neste espaço.

Segundo o Projeto Pedagógico (P.P.) da escola a classificação econômica média das famílias dos alunos é média baixa.

Ficou a cargo da professora a escolha da turma, onde a mesma escolheu a 4^a série A para ser o foco das observações. Esta turma é do período matutino, tendo as aulas de Educação Física nas terças e quintas-feiras, com duração de 50 minutos cada. A turma é composta por 30 alunos entre meninos e meninas numa faixa etária de 9 a 13 anos, sendo estes oriundos dos bairros que circundam a escola.

As observações, as entrevistas e a coleta dos textos/desenhos foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2009. Da chegada a escola no dia da primeira observação, fui levado pela professora a sala dos professores e apresentado a um grupo de professores desta referida escola. Na sala de aula a professora me apresentou aos alunos. Nestes dois momentos, a professora foi quem me apresentou e falou sobre os meus objetivos na escola, ficando eu em silêncio.

Durante a minha permanência na escola tive acesso a todos os ambientes da escola, sentindo-me muito à vontade. Além da professora de Educação Física que já conhecia, mais duas professoras desta escola já haviam trabalhado comigo em outra escola do município, pois também sou professor de Educação Física do município.

Nas aulas fui bem recepcionado pelos alunos que pareciam gostar da minha presença e demonstravam esperar algo de mim. Sempre que os abordava e perguntava qualquer coisa eles respondiam de imediato e de bom grado.

Durante o processo de coleta dos textos/desenhos, que ocorreu em sala de aula, tive um maior contato com eles, pois fiquei sozinho com os mesmos por quarenta minutos. Todos se propuseram a fazer o solicitado demonstrando certa alegria. Após entregarem suas folhas falei-lhes que na semana que viria, gostaria de conversar com alguns alunos sobre as aulas de Educação Física. Todos se propuseram a colaborar. Pautado nas observações e nos textos/desenhos deles escolhi três meninas e três meninos para as entrevistas, os quais foram comunicados somente no dia em que realizei as mesmas.

A entrevista da professora tinha ocorrido nesta semana, antes da entrevista com os alunos. Esta entrevista teve uma duração de uma hora e dez minutos, sendo realizada na biblioteca da escola. Também, solicitei a P.P. da escola à professora, onde esta me levou a supervisora que me forneceu uma cópia em CD.

1.3 Organização do Trabalho

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos com assuntos específicos, mas que se entrecruzam a todo instante, pois elencamos a temática cultura como uma das referências de nossas interpretações.

No primeiro capítulo, a *Introdução*, mostramos um pouco do referencial teórico que orientou a pesquisa, nossas indagações, objetivos, o contexto da pesquisa e a organização do referido trabalho.

No capítulo intitulado *Escola e Cultura* buscamos algumas concepções de cultura pautadas na antropologia, destacando o conceito semiótico de Geertz (1989), que serve de guia as nossas interpretações. Neste capítulo expomos algumas relações estabelecidas entre a cultura, em suas concepções, e a educação escolar, dialogando com as compreensões sobre estes temas da professora, do currículo da escola e das interpretações das aulas observadas.

Lazer, Cultura e Escola é o título do capítulo seguinte, onde abordamos questões referentes ao lazer, dando destaque a algumas reflexões realizadas por pesquisadores brasileiros nas relações que se estabelecem entre lazer, cultura e educação e as interpretações realizadas nas aulas. Também trazemos os conceitos que a professora e os alunos têm sobre o Lazer e a Educação Física em uma possível relação.

E, por fim, no terceiro capítulo, *Educação Física Escolar*, declaramos a *cultura corporal de movimento* como sendo para nós o objeto de estudo da Educação Física em âmbito escolar, trazendo a sua relação com o lazer como ponto marcante e, as concepções da professora, dos alunos e do currículo sobre a disciplina e seus objetivos.

Todos estes capítulos foram escritos tendo por base os conceitos teóricos que orientam esta pesquisa, referentes à cultura, a educação, ao Lazer e a Educação Física num diálogo com as interpretações realizadas das observações, das entrevistas, dos documentos e dos textos/desenhos, por meio de nossa ida a campo.

2 ESCOLA E CULTURA

A expressão *cultura* recebe cada vez mais destaque nos discursos referentes à área educacional. Ela sempre esteve presente no universo escolar, mas o entendimento do que vem a ser esta cultura influencia diretamente na organização da escola, na atuação dos professores, na elaboração dos currículos e nas possíveis reestruturações educacionais. Ao tratar da Educação Física escolar, remetemo-nos às funções específicas que esta disciplina teria dentro deste empreendimento educativo, e antepondo a isto quais seriam as funções da própria escola em nossas sociedades. É preciso entender os significados desta *cultura* em suas múltiplas dimensões, para que tenhamos as condições necessárias para compreender suas relações com a escola, a Educação Física e o Lazer.

Tendo a cultura como referência de nossas análises é imperativo expormos o conceito de cultura que orienta esta pesquisa e, por conseguinte, os significados apresentados no contexto das aulas de Educação Física e nas entrevistas realizadas, pois segundo Forquin (1993, p. 14) a “[...] educação e cultura aparecem como duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra”.

2.1 CULTURA E SEUS CONCEITOS

Ao conceito de cultura, podemos dizer que este é polissêmico e dinâmico e é um conceito social e histórico. Reflete o pensamento de grupos que se articulam com a sociedade num processo de compreensão e organização da mesma. O próprio conceito de cultura é uma construção cultural de significação e resignificação constante.

As pesquisas realizadas em ciências humanas e sociais têm a cultura como uma de suas referências. O conceito de cultura constitui base na forma como o pesquisador irá ver e compreender o grupo ou a sociedade que pretende investigar. Para se estudar o homem e sua organização social, para compreender as formas de ser e agir deste homem em sociedade é necessário definir o tipo de lente com a qual o observaremos, que conceito de cultura constitui ou constituirá nosso entendimento e conseqüentemente a nossa forma de fazer pesquisa. Estes

entendimentos configuram também à forma como as pessoas, em nosso caso o professor e os alunos darão sentido às ações desenvolvidas em ambiente escolar.

Compreendemos as aulas como parte constitutiva da **sociedade** e esta como um sistema simbólico onde

[...] a **vida social** não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural: ela é, também, uma questão de **ações e expressões significativas**, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela **interpretação das expressões que produzem e recebem** (THOMPSON, 1999, p. 165 grifo nosso).

A partir desta concepção de sociedade pautamos esta pesquisa no conceito de cultura provindo da antropologia. A concepção de cultura, como um campo de significados no qual determinado grupo social compreende o mundo, se organiza e se comunica é uma entre as várias concepções que co-existem atualmente. Perpassaremos sobre algumas destas concepções provindas da antropologia a fim de situarmos a concepção que orienta esta pesquisa.

O determinismo biológico e geográfico até início do século XX eram as duas correntes teóricas que acreditavam que tanto as diferenças genéticas quanto as diferenças do meio ambiente eram determinantes das diferenças culturais (LARAIA, 1996). A diversidade cultural era explicada baseada principalmente nas ciências naturais, onde as formas de ser e agir de cada indivíduo estariam condicionadas ao seu aparato biológico, portanto inatas, e as influências preponderantes do clima, altitude, latitude, do ambiente físico sobre o indivíduo. Através de estudos estas concepções foram mais tarde refutadas por alguns antropólogos, pois, os comportamentos são aprendidos, transmitidos de alguém para alguém pela educação; e o homem não interage passivamente com a natureza, submetendo-se a todo instante.

As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores.[...] Isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura (LARAIA, 1996, p. 24).

Edward Tylor em 1871 traz um conceito de cultura agregado ao de civilização, rompendo até então com as concepções deterministas. Para este etnólogo cultura e civilização são o “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 1996, p. 25).

Este conceito, que há muitos anos já vinha sendo gestado, caracterizou um marco na compreensão de cultura e nos estudos derivados dela. Cunhado como neutro possibilitaria se pensar toda a humanidade e que as diferenças culturais seriam os níveis a qual se encontrariam as sociedades e o homem no processo de evolução. Nesta perspectiva a cultura se opunha a natureza, onde num processo de evolução as sociedades eram caracterizadas como selvagens, bárbaras e civilizadas. Segundo Tylor (apud LARAIA, 1996)

Por um lado, a uniformidade que tão largamente permeia entre as civilizações pode ser atribuída, em grande parte, a uma uniformidade de ação de causas uniformes, enquanto, por outro lado, seus vários graus podem ser considerados como estágios de desenvolvimento ou evolução [...] (p. 30).

Esta perspectiva preocupada com a igualdade existente na humanidade, entendendo-a como tendo a mesma origem e, portanto o mesmo destino, traçou uma linha de evolução linear única das sociedades. Dos povos menos desenvolvidos, selvagens, aos mais desenvolvidos, os civilizados – que naquele momento eram os europeus.

Nesta perspectiva os estudos realizados preocupavam-se em descobrir ou calcular em qual estágio de evolução determinada sociedade se encontraria. Através da avaliação de alguns itens culturais, tais como religião, família, trabalho, governo, arquitetura e outros, os pesquisadores classificavam as sociedades. Destaca-se que os pesquisadores neste período dispensavam a sua ida a campo, realizavam suas análises sem ter contato direto com tais sociedades, sendo chamados posteriormente de *etnógrafos de escritório*.

Tal entendimento sobre cultura, homem e sociedade se encontra ainda presente. Durante o nosso dia-a-dia deparamo-nos com diversas situações que suscitam entre alguns tais pensamentos, e a escola é um dos locais onde podemos ver isto com certa facilidade. Acreditando em tais concepções, não

somente pesquisas e formas de ver a realidade são influenciadas, mas também ações desenvolvidas por alguns professores na escola. Esta forma de ver o outro traduz um tipo de pesquisa e intervenção docente que se atrela ao pensamento evolucionista provindo das ciências naturais.

O conceito que Tylor formulou trouxe grande contribuição à área, e em seu próprio dinamismo histórico o conceito de cultura foi transformando-se.

Considerando que os homens e as sociedades podem assumir diferentes caminhos, Franz Boas (1896) desenvolve uma concepção de cultura que ficou caracterizada como relativista

[...] segundo a qual cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou. A partir daí a explicação evolucionista da cultura só tem sentido quando ocorre em termos de uma abordagem multilinear (LARAIA, 1996, p. 36-37).

Cada cultura segue o seu próprio caminho não cabendo serem classificadas na estrutura dos três estágios de evolução. Nesta concepção a atenção volta-se para as especificidades de cada cultura e para compreender como ela influencia o comportamento dos indivíduos e como este se liga à sua cultura. A cultura humana singular é substituída pela diversidade, pelas culturas. O uso do termo cultura no plural foi o principal marco da antropologia moderna.

Esta foi a grande contribuição que Boas trouxe a antropologia e ao conceito de cultura. Não existiria uma cultura humana universal comum entre todos os homens, mas sim diversas culturas, sem padrões ou medidas comuns que impossibilitaria comparações e classificações entre elas. O autor também trouxe novos elementos à discussão antropológica de cultura: “[...] historicidade, pluralidade, determinismo comportamental, integração e relativismo” (STOCKING JR apud KUPER, 2002, p. 87).

Outra concepção que merece destaque é a funcionalista. Nesta perspectiva

[...] a cultura é entendida como uma totalidade orgânica auto-regulada, seus vários domínios são analisados estritamente pela sua dimensão funcional. [...] Cada cultura constitui um todo, onde todos os elementos de um sistema cultural se relacionam de maneira harmônica, o que faz desses sistemas estruturas funcionais e equilibradas, conservando as culturas idênticas a si mesmas (NEIRA; NUNES, 2006, p. 36).

A ênfase dos estudos antropológicos recai sobre partes de sociedades, sobre determinadas instituições e grupos de pessoas, visando à compreensão do todo. “O estudo da cultura deve tentar desmontar a herança social em seus elementos componentes e relacionar estes elementos um com o outro, com o meio ambiente e com as necessidades do organismo humano” (THOMPSON, 1999, p. 173). A cultura é vista como um meio do homem satisfazer as suas necessidades.

O antropólogo Bronislaw Malinowski, um dos principais pensadores desta concepção, destaca que para se entender determinada cultura é necessário que o pesquisador conviva com esta cultura, instaurando a observação participante como principal ferramenta de pesquisa.

As concepções de cultura evolucionista, relativista e funcionalista partilham segundo Thompson (1999) de uma mesma visão sobre a cultura e dos estudos que a abordam, caracterizando-as como **concepções descritivas** da cultura, resumindo-a como:

[...] a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes idéias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade; e o estudo da cultura envolve, pelo menos em parte, a comparação, classificação e análise científica desses fenômenos (THOMPSON, 1999, p. 173).

Esta análise científica seria realizada dentro de uma referencial evolucionista ou funcionalista de cultura.

Outra concepção amplamente divulgada pela antropologia e “[...] que em um dado momento teve uma grande aceitação no meio acadêmico brasileiro” (LARAIA, 1996, p. 62) foi a que considera a cultura como sistemas estruturais.

Esta corrente traz à luz da discussão antropológica a questão dos símbolos e significados. Perpassando por Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss sendo que: Durkheim atrela a concepção de cultura à sociedade e desenvolve a teoria da consciência coletiva; Mauss afirma que a sociedade impregna no corpo os seus costumes sociais, estabelecendo uma conexão entre o coletivo e o individual, criando símbolos e significados; e Lévi-Strauss classificando cultura como sistemas simbólicos originado na mente humana e que se desenvolve como sistemas estruturais – arte, mito, parentesco e linguagem – sendo os princípios da mente que

gerariam essas elaborações culturais (LARAIA, 1996, p. 62; NEIRA; NUNES, 2006, p. 37-38).

A cultura, os símbolos e os significados seria um sistema estrutural que foi acumulado dentro dos indivíduos provindo da sociedade – da consciência social.

Após breve panorama sobre algumas das concepções de cultura e forma de abordá-la pela antropologia, deteremo-nos, por conseguinte em apontar algumas das principais idéias de Clifford Geertz, precursor da concepção simbólica ou semiótica de cultura.

Contrapondo-se ao entendimento de que a cultura estaria dentro das cabeças dos indivíduos, a concepção semiótica entende cultura como uma “teia de significados” (GEERTZ, 1989, p. 4). Para Geertz (1989) **cultura** é:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (p. 66).

Os símbolos e significados que são partilhados pelos indivíduos de determinados grupos não são alheios a eles, lhes pertencem, mas não estão dentro deles, estão **entre** eles. “A cultura é pública porque o significado o é” (GEERTZ, 1989, p. 9).

Cultura está associada ao modo de vida, sendo ela o sistema simbólico que regula a forma de viver de determinado grupo de indivíduos. A cultura é condição essencial para a existência humana, pois organiza e controla os nossos comportamentos.

Nesta concepção, os estudos sobre a cultura não estariam preocupados em descobrir leis, em atribuir causas aos acontecimentos sociais, aos comportamentos ou aos processos, mas sim em “ler” o texto, em interpretar a cultura e descrevê-la, à procura dos significados.

“[...] A cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecida” (GEERTZ, 1989, P. 9) e estes significados se fazem através do comportamento humano que é visto como **ação simbólica**, uma ação que significa (GEERTZ, 1989, p. 8). O trabalho, tanto de pesquisa quanto de intervenção, nesta perspectiva deve considerar a estrutura de significados que estão presentes em

relação ao seu contexto. “O que devemos indagar [nas ações e comportamentos] é qual a sua importância: o que está sendo transmitido com sua ocorrência e através de sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho” (GEERTZ, 1989, p. 8). Desta forma, a cultura

[...] pode ser vista como um texto possível de ser lido, interpretado. Compreendida como um código, como um sistema de comunicação, seu caráter dinâmico é percebido pelas interpretações, significados, símbolos diante uma realidade permanentemente em mudanças ao mesmo tempo em que extremamente rica em sua diversidade (ALVES, 2003, p. 90).

O trabalho de interpretação da cultura consiste em uma descrição densa, pois perante

[...] uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele[o pesquisador] tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. [...] É como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 6).

As análises da cultura são registros de segunda ordem que revelam a interpretação que o pesquisador faz de determinado grupo social que se expressa e se interpreta dentro deste grupo - contexto. Nestas interpretações

[...] entramos em emaranhadas camadas de significados, descrevendo e redescrivendo ações e expressões que são já significativas para os próprios indivíduos que estão produzindo, percebendo e interpretando essas ações e expressões no curso de sua vida diária (THOMPSON, 1999, p. 175).

As aulas de Educação Física e as aulas das demais disciplinas escolares propiciam amplo campo de pesquisa nesta perspectiva semiótica. Sendo as ações humanas simbólicas, que carregam e transmitem significados diversos, que vinculam concepções sobre o mundo, convergem em campo profícuo para abordagens nesta perspectiva possibilitando uma compreensão dos significados que constituem dada disciplina tanto em sua ideação como em seu dia-a-dia vivido.

Esta perspectiva possibilita a nós construirmos uma interpretação até mesmo das concepções de cultura que os atores envolvidos nesta pesquisa têm. As administradoras da educação escolar e as próprias professoras trazem certas concepções sobre cultura, educação e Educação Física. Algumas concepções podem ser identificadas nas falas e nas ações educativas, pois sendo simbólicas carregam e transmitem determinados significados. Ainda, temos os alunos que significam tais termos-ações de outra forma, com outros fim e meios, e que partilham de uma mesma aula.

2.2 O CONCEITO DE CULTURA E A ESCOLA

Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa. A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, em que a referencia cultural não esteja presente (MOREIRA; CANDAU, 2003).

No campo educacional é essencial compreender as relações existentes entre a escola e a cultura. Nesta relação intrínseca da cultura e educação Forquin (1993, p. 14) argumenta que “[...] a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela”. Desta forma é importante destacarmos algumas considerações a respeito dos conceitos de cultura e suas relações com a educação escolar, pela ótica das teorias do currículo.

Durante muito tempo as teorias **tradicionais** do currículo entenderam a cultura “[...]como um conjunto inerte e estático de valores e conhecimentos a serem transmitidos de forma não-problemática a uma nova geração, [...] [existente] de forma unitária e homogênea” (MOREIRA; SILVA, 2001, p. 26). Esta cultura, pautada em pressupostos evolucionistas, descartava a possibilidade de todos os grupamentos humanos possuírem cultura, e por meio da educação as sociedades “adquiriam” cultura e se desenvolviam, saindo dos estágios de barbárie e selvageria. Ainda há o entendimento por parte de alguns que pessoa culta é aquela que possui os valores, as condutas e os conhecimentos que caracterizam um determinado e privilegiado grupo social tido como civilizado. Estes elementos são caracterizados pelo seu suposto refinamento e superior desenvolvimento em relação às outras formas de organização humana. E, por

consequente, o padrão cultural, a cultura considerada correta e digna de ser transmitida, por muito tempo foi a europeia: da pessoa branca, cristã, masculina e heterossexual.

Esta visão etnocêntrica³ presente entre nós se manifesta em todos os campos de atuação humana, explícita ou implicitamente. A educação e a escola, por suas intrínsecas relações com a cultura, são terrenos altamente influenciados por tais pensamentos. Quando esta perspectiva *monocultural* se faz presente na educação termos como “baixa cultura” e “alta cultura” são aceitos. Temos aqui um padrão a qual os menos educados (os alunos) têm de alcançar.

As teorias tradicionais entendem os conteúdos, os saberes curriculares como imparciais e neutros, sem pretensões políticas e ideológicas. Mas, a seleção cultural, a delimitação dos conteúdos curriculares é envolta por relações de poder, e estas são acompanhadas por questões ideológicas. Somente compreendendo o currículo como um campo ideológico onde forças e interesses diversos perpassam e compõem sua organização e as formas de se entender a educação, é que realmente poderemos realizar uma leitura crítica que procure desvelar as idéias e os interesses hegemônicos que se fazem presentes. Podemos assim dizer que os currículos tradicionais trazem saberes e conteúdos de uma certa cultura hegemônica⁴.

Neste currículo suscita-se um consenso em relação a esta ordem dominante, onde os diferentes grupos têm suas preocupações ouvidas, mas sem que os grupos dominantes percam sua liderança em relação às tendências gerais da sociedade. Uma idéia de unidade, identidade única é inculcada. A diversidade que compõe a sociedade é mascarada a favor da manutenção do poder nas mãos de alguns. Nestes currículos *monoculturais* as relações de poder e hegemonia são extremamente fortes e não dão vazão para que questionamentos a esta ordem imposta sejam feitos. São descartadas das análises curriculares as questões referentes aos *por quês* de tais conteúdos – se considera óbvia a resposta, pois tais conteúdos/conhecimentos são inquestionáveis – e suas preocupações se recaem

³ [...] visão presente em todas as sociedades, de que o “nosso” mundo é o centro de tudo e de todos, como se “nossa” cultura fosse a única possível e aceitável. Em decorrência desta visão etnocêntrica, muitos preconceitos, intolerâncias, violências, racismo, ainda se fazem presentes em todo o mundo (ALVES, 2003, p. 88).

⁴ O conceito de hegemonia refere-se a um processo no qual grupos dominantes da sociedade se juntam formulando um bloco e impõe sua liderança sobre grupos subordinados. Um dos elementos mais importantes que essa idéia implica é o de que o bloco do poder não tem de se basear em coerção (APPLE, 2001, p. 43).

sobre as questões relacionadas ao *como* transmitir tais conhecimentos. Limitam-se, assim, as discussões curriculares a afazeres técnicos.

Ao se falar da crise educacional a qual as escolas estariam passando nos Estados Unidos, dois pressupostos da Nova Direita (APPLE, 2001) em relação à estruturação curricular e as funções do ensino escolar se sobressaem e acabam por abafar outras questões que suscitariam uma reflexão mais crítica sobre a escola. Uma destas questões relaciona-se a esta visão de cultura unitária e correta. “[...] Fala-se de valores ‘cristãos’ da tradição ocidental, da família tradicional, e de uma volta ao ‘básico’” (APPLE, 2001, p. 42). Esta volta ao tradicional que tal perspectiva *neoconservadora* (APPLE, 2001) preconiza é bastante seletiva. Ela apóia somente as questões que seriam de interesse para um determinado grupo com a finalidade de conservar valores e hábitos considerados corretos.

A segunda questão referente à educação e a escola preconizada pela Nova Direita e absorvida pela maioria da sociedade é que a educação deveria se preocupar com as necessidades econômicas da nação.

No momento atual de globalização, da grande expansão capitalista pelo mundo, e da grande influência do setor econômico em todas as esferas da vida humana, a escola, com sua característica de grande alcance social e enorme força formadora de hábitos, é compreendida por um determinado grupo como um meio de inculcar os valores econômicos e capitalistas nas crianças e adolescentes. Tal objetivo pauta-se nos discursos de eficiência e produtividade que são defendidos por uma parte desta Nova Direita: os *neoliberais*. Para este grupo a escola seria a grande responsável pelas dificuldades econômicas que a nação estaria passando. Entendem que a “[...] economia é estorvada em seu potencial competitivo em função dos baixos padrões, da falta de disciplina de trabalho, e do fraco rendimento [...] [desta forma] exportam a culpa das mazelas da economia para a escola” (APPLE, 2001, p. 50).

Na essência teríamos o setor privado defendendo o capital com um enorme poder de coerção e, o Estado defendendo o que é público e social. Mas, este pensamento na visão *neoliberal* é levemente distorcido, o bastante para mudar o rumo das coisas. A tal liberdade defendida por este grupo é direcionada e amplamente associada ao setor econômico, palco da iniciativa privada. O Estado para não comprometer esta liberdade ficaria responsável por administrar e programar ações que visem o desenvolvimento econômico da nação. Quanto mais

intervenções que agilizem e dêem autonomia às ações do setor privado, mais bem quisto será o setor público.

A escola pública é um grande alvo de ataque deste grupo e, o Estado de certa forma se deixa valer por tais pensamentos. A instituição escolar pautada no pensamento *neoliberal* (abertamente ou não) acaba por organizar sua estrutura em torno das necessidades econômicas. Aliás, o próprio surgimento da escola para todos é uma construção capitalista. Nesta educação “[...] a única cultura sobre a qual vale a pena falar é a ‘cultura empresarial’ e as habilidades, conhecimentos, disposições e valores flexíveis necessários para a competição econômica” (APPLE, 2001, p. 50).

Não pretendemos aprofundar tais análises a respeito das influências da Nova Direta na instituição escolar e na estruturação dos currículos, e sim apontar o fato de que vivemos sob relações de poder de diversas ordens que agem diretamente na educação e não podem ser entendidas como neutras e desinteressadas politicamente.

Em outra perspectiva encontramos as teorias **críticas**, onde o currículo é questionado em toda a sua plenitude. Pautadas em temas sociológicos, políticos e epistemológicos voltam atenção também para as questões relacionadas aos *por quês* desta organização curricular. Ao permitir questionamentos na forma de organização do conhecimento escolar, esta perspectiva nos possibilita, através do entendimento de cultura e das funções do ensino escolar, entender o Lazer como dimensão da cultura, e como tal digno de estar presente no currículo.

As perspectivas críticas e também as pós-críticas⁵ do currículo entendem a cultura como ponto fundamental na estruturação dos saberes a serem abordados, sendo o próprio currículo entendido como elemento cultural.

Nessa perspectiva, o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e

⁵ A análise central destas duas teorias foca o conhecimento e suas relações com o poder, onde nas teorias pós-críticas o mapa do poder é ampliado para além das relações sócio-econômicas, incluindo os processos de dominação centrados na etnia, no gênero e na sexualidade.

contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA; SILVA, 2001, p. 7-8).

O processo educacional a partir destas perspectivas está profundamente envolvido com a cultura. Entendem-no como prática social e de (re)significação. A partir da concepção *semiótica* de cultura, diferente das concepções *deterministas* e *relativistas* onde a perspectiva **monocultural** e etnocêntrica exerce grande influência, se traz grandes contribuições no processo de compreensão da educação escolarizada em sua relação com a sociedade. Nesta perspectiva não temos uma cultura, mas sim culturas, cada qual constituída historicamente pelo grupo que a compõem. Quando trabalhamos com o entendimento da cultura no plural, as diferenças se fazem presentes e, cruciais na caracterização e formação das identidades dos sujeitos de cada grupo.

A cultura é entendida como prática de produção e criação de sentidos, de significados e de sujeitos. Não como uma coisa e sim como um processo. E, este processo não ocorre de forma passiva entre os grupos sociais, mas com embates e conflitos.

Na concepção crítica, não existe *uma* cultura da sociedade, unitária, homogênea e universalmente aceita e praticada e, por isso, digna de ser transmitida às futuras gerações através do currículo. Em vez disso, a cultura é vista menos como uma coisa e mais como um campo e terreno de luta. Nessa visão, a cultura é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos. (MOREIRA; SILVA, 2001, p. 27).

A cultura e o currículo são concebidos como práticas de significação e envoltos por relações sociais de poder, num campo de luta pela manutenção e imposição de significados. Toda prática cultural, de significação, é, portanto, responsável pelo processo de formação de identidades, e estas identidades se configuram e se caracterizam pelas diferenças. As teorias críticas e pós-críticas do currículo estão preocupadas com as conexões entre significação, identidade e poder.

O currículo, como a cultura, é campo de luta em torno da significação e da identidade onde diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia. Os currículos unificados e homogêneos são colocados em xeque, pois estes estariam privilegiando um determinado grupo, uma determinada identidade e subjetividade,

desconsiderando as diferenças e, principalmente, a cultura a qual o aluno pertence. “[...] O currículo não é o veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas terreno em que ativamente se criará e produzirá cultura”. (NEIRA; NUNES, 2006, p. 191).

O currículo escolar é um artefato cultural onde há, também, um processo de significação da realidade e construções de identidades individuais e sociais. Silva (2003, p. 18) salienta que ao trabalharmos conjuntamente cultura e currículo como práticas de significação desenvolvamos ações pedagógicas visando: flagrar as marcas de suas condições de produção; tornar visíveis os artifícios de sua construção; “decifrar” os códigos e as convenções pelas quais esses significados foram produzidos e; descrever seus efeitos de sentido. O conhecimento é o resultado deste processo, de construção e interpretação social, não havendo uma rígida separação entre o conhecimento tradicionalmente considerado como científico ou escolar e o conhecimento cotidiano das pessoas envolvidas no processo (SILVA, 2005).

A concepção semiótica de cultura também traz o **multiculturalismo** para as discussões acerca das sociedades contemporâneas e sobre os currículos escolares. Segundo Canen e Moreira (apud MOREIRA, 2001) o termo multiculturalismo tem várias ênfases:

[...] a) atitude a ser desenvolvida em relação à pluralidade cultural; b) meta a ser alcançada em um determinado espaço social; c) estratégia política referente ao reconhecimento da pluralidade cultural; d) corpo teórico de conhecimentos que busca entender a realidade cultural contemporânea; e) caráter atual das sociedades ocidentais (p. 66).

Entretanto, o termo multiculturalismo apresenta uma variedade de sentidos. Na esfera educacional podemos encontrar duas vertentes bastante definidas, o “[...] *multiculturalismo liberal* ou de relações humanas, que preconiza a valorização da diversidade cultural sem questionar a construção das diferenças e estereótipos [...]” (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 63) e a vertente do *multiculturalismo crítico* (ou intercultural crítica) que visa identificar os mecanismos históricos, políticos e sociais pelos quais são construídos discursos que reforçam o silenciamento de identidades e a marginalização de grupos e lutar por sua superação (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 63).

As ações pedagógicas desenvolvidas com base no multiculturalismo crítico, segundo estudo desenvolvido por Canen e Oliveira (2002, p. 63), apresentam três categorias centrais: *crítica cultural*, *hibridização* e *ancoragem social dos discursos*.

A *crítica cultural dos discursos* refere-se à possibilidade do aluno analisar sua identidade étnica, criticar mitos sociais, gerar conhecimento baseado na pluralidade de verdades e construir solidariedade regida pelos princípios de liberdade, prática social e da democracia ativista (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 63). Esta crítica dos discursos implica numa ressignificação da realidade e da prática docente que, por sua vez, irá converter-se na *hibridização do discurso* docente, uma linguagem que “[...] [cruza] as fronteiras culturais, incorporando discursos múltiplos, reconhecendo a pluralidade e a provisoriedade de tais discursos, [...] [com] uma reinterpretação das culturas, buscando promover sínteses interculturais criativas” (MCLAREN apud CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 64). Na prática pedagógica a hibridização discursiva é conseguida com a *ancoragem social dos discursos* “que leva a conexões entre discursos históricos, políticos, sociológicos, culturais e outros” (GRANT; WIECZOREK apud CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 64). Os objetos de estudo são vistos através dos vários aspectos que os configuram na sociedade.

Os conteúdos são os suportes do conhecimento, conhecimento que promovera o desenvolvimento integral do aluno. Conteúdo é o “objeto” a ser conhecido. Na valorização das identidades e dos grupos sociais dos alunos devemos considerar na seleção dos conteúdos curriculares, tendo como base a especificidade de cada área do conhecimento ou disciplina, os contextos culturais da comunidade na qual a escola está inserida e fazendo parte. A educação tem o papel de realizar a cultura, de viver a cultura em sua dimensão dinâmica e histórica num processo constante de ressignificação da realidade tanto local como global e da humanidade, que em nossos dias se entrecruzam. E para que estes conteúdos selecionados se configurem na perspectiva multicultural, além de serem, em parte, oriundos da cultura local, eles devem concorrer “[...] para desestabilizar a lógica eurocêntrica, cristã, masculina, branca e heterossexual que até agora informou o processo e para confrontá-la com outras lógicas, com outras formas de ver e entender o mundo” (MOREIRA, 2001 p. 76).

2.2.1 O Conceito de Cultura Presente na Escola e nas Aulas de Educação Física

Nesta relação entre cultura e currículo pudemos, através das observações, entrevistas e da proposta pedagógica da escola conhecer quais conceitos de cultura que balizam a organização curricular e as ações pedagógicas nas aulas de Educação Física da escola em questão.

Para a professora cultura é “produção humana”. Ela limitou-se a esta definição por não saber melhor conceituá-la. Que tipo de produção humana? Durante suas relações dentro da escola foi possível ir construindo, juntamente com as observações, que conceito de cultura está presente nas aulas de Educação Física. Desta relação entre escola e cultura a professora falou:

Por que a escola, tudo o que se traz é produção humana. Então... é praticamente a cultura, é minha cultura que eu estou trazendo para a escola, que a sociedade está trazendo, o homem está trazendo. E esta cultura vai ser trabalhada de forma de conhecimento, e aí vai ser devolvido para a sociedade.(prof)

Para a professora, a cultura por ser produção humana, todos os indivíduos e grupamentos sociais a tem. E ao passar pela escola este(a) sujeito/cultura é trabalhada, modificada. Nesta parte “E esta cultura vai ser trabalhada de forma de conhecimento, e vai ser devolvido para a sociedade” pudemos notar que o conhecimento está desatrelado da cultura, seria, portanto, como se fosse possível, retirar o conhecimento do âmbito cultural. Assim, existiriam diferentes tipos de cultura e que ao passar pela escola, pelos conhecimentos científicos, esta cultura – entendemos que a popular ou a de massa – se modificaria tornando-se mais refinada e racional. Então quais seriam as funções da educação escolar? A professora entrevistada entende que:

Então a educação é a forma que a gente tem de formar, de trazer o cidadão, instruir, formar, construir, e fazer com que ele aprenda, que ele tenha um conhecimento para que? Para agir adequadamente no mundo e nas situações. A escola é um espaço para isto. (prof)

Por meio da entrevista pudemos melhor compreender as aulas observadas. Pudemos observar que as aulas eram quase que exclusivamente voltadas para os aspectos técnicos e táticos dos movimentos e das atividades.

Questões referentes aos sentidos e significados daqueles movimentos na sociedade não eram abordados, desta forma, contribuem para a manutenção dos atuais quadros sociais e da hegemonia de determinados grupos. Como toda a produção humana, estes aspectos técnicos e táticos são culturais, expressam certos significados e que se encontram em constantes conflitos entre determinados grupos na busca de firmá-los e fortalecê-los, numa tentativa de “naturalizá-los”. O entendimento de cultura que se faz presente nas aulas e nas entrevistas é a da existência de várias culturas, ou melhor, de níveis de progresso e qualidade diferentes de cultura e, a criança com sua cultura deve passar pela escola para melhorar esta cultura, este jeito de ser em sociedade. Um entendimento que se atrela a perspectiva evolucionista de cultura, onde um certo padrão cultural é idealizado pela escola a qual tem a função de modelar a cultura do aluno para atingir estes padrões e esta modelagem se dá pela execução de movimentos, em sua maioria de forma não consciente.

Perguntada sobre as funções da escola a professora faz relação entre os conhecimentos desenvolvidos nela e a vida dos alunos numa perspectiva tradicional de educação reforçando o evolucionismo cultural.

Apesar de hoje em dia com a banalização do conhecimento, que hoje eu até escutei, né, para que serve o PI, para que que eu vou aprender o PI? Esta banalização do conhecimento está banalizando a escola. Ai a escola está servindo para que? Para o vale leite, para o bolsa escola, o que mais, para a merenda, e o conhecimento esta ficando secundário. Mas a minha visão é que a escola teria como função, é um espaço para que se trabalhe, se construa e se elabore o conhecimento. Ele vai utilizar... ele vai trazer este conhecimento que ele tem da sociedade, da vidinha dele, e tudo mais, e vai trabalhar aqui e vai devolver isto para o sociedade de uma forma adequada, ele vai agir adequadamente a partir da escola.(prof)

A escola trabalharia no/com o aluno um conhecimento para o agir adequadamente na sociedade. A cultura seria um conjunto de valores, comportamentos e conhecimentos que os alunos devem possuir para se enquadrarem no atual quadro social. A crítica a tais valores, comportamentos e conhecimentos não é necessária e conservam a organização social, refletindo a ideologia dominante. A professora, apesar de em suas aulas e na entrevista transparecer e agir preponderantemente na perspectiva acima descrita por nós, em conversas durante as observações das aulas na escola e em outros locais de

encontro, ela se mostra crítica e inconformada com diversos aspectos injustos da sociedade e do processo de educacional, principalmente da Educação Física.

Em relação aos conteúdos escolares, os supostos conhecimentos legítimos e dignos de estarem na escola, a professora repudia as críticas que são feitas aos conteúdos estabelecidos e as funções históricas da escola. O questionamento da validade dos conteúdos, para a professora, faria a mesma escola perder as sua função de tratar do conhecimento científico, mais elaborado, e que se apresenta fragmentado, mesmo que este conhecimento não se converta em benefícios para a vida dos alunos, que não colabore para que eles melhor compreendam a realidade e possam ter condições de ativa e coletivamente modificá-la. A professora em sua fala desconsidera que o conhecimento escolar é para a construção e interpretação social.

A P.P. da escola não traz um entendimento de cultura único, sendo que em diversas passagens podemos entender a cultura de maneiras distintas, a nosso ver, não colaborando coerentemente para nortear as ações desenvolvidas na escola. Num primeiro momento associa o ambiente sociocultural ao processo de desenvolvimento do aluno. Sendo um dos fatores (juntamente com o meio ambiente físico, com a carga hereditária e a maturação orgânica) que influenciariam nas mudanças de comportamento dos seres humanos. Várias teorias psicológicas que focam a educação, desenvolvimento e aprendizagem pontuam a intrínseca relação entre o meio cultural e a aprendizagem e o desenvolvimento, pois este desenvolver-se humano pressupõe uma estrutura de significados construídos historicamente na qual se pautam estas mudanças. Não há aprendizagem e desenvolvimento humano desassociado de determinada cultura. Nesta passagem da P.P. a cultura é elemento essencial da educação sendo considerada como o componente de produção humana, onde o ser humano age ativamente, diferentemente dos aspectos hereditários, maturacionais e físicos (sendo a nosso ver que todos estes aspectos se constituem em reciprocidade).

Uma das dez (10) metas da escola traz o termo cultura: "Instrumentalizar os jovens para participar da cultura, das relações sociais e políticas, considerando as expectativas dos alunos, dos pais, dos membros da comunidade, dos professores e enfim dos envolvidos diretamente no processo educativo;" (P.P., p. 13). Desassociada das relações sociais, e esta também da política, a cultura pode ser entendida como sinônimo de arte, na qual a escola

possibilitaria os instrumentos para o aluno vir a participar da cultura/arte, na qual ele ainda não participa. Esta concepção de cultura, restrita, é uma das denominada por Santos (1992) de concepção popular

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir **unicamente às manifestações artísticas**, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura de nossa época é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma (p. 21-22) (grifo nosso).

O termo pluralidade cultural aparece na P.P. para lembrar que o Brasil é um país de diferenças e que estas diferenças estão na escola através de seus alunos e que as ações desenvolvidas dentro da escola devem considerá-las.

Estando inserida na realidade brasileira, a escola atende e convive com representantes da pluralidade cultural e diferenças sociais existentes no país. Isso nos leva a: - Buscar uma prática mais democrática para que todos possam ser atendidos adequadamente e que tenham respeitado as suas individualidades; - Formar cidadãos críticos, capazes de interagir e provocar mudanças na realidade a qual está inserida;

Portanto, é fundamental que a escola busque a elaboração de uma Proposta Pedagógica comprometida com as mudanças sociais voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e solidária (P.P., p. 14).

Prática democrática, criticidade e mudanças na realidade são ações que não identifiquei nas observações das aulas de Educação Física e nem na P.P. na área específica da Educação Física desta escola. Em nenhum momento das aulas **observadas** houve o intento da professora em suscitar alguma discussão que relacionasse as atividades vivenciadas, as manifestações culturais vividas ali na aula com as práticas cotidianas vividas e/ou conhecidas pelos alunos⁶. Apenas o aspecto técnico e tático das manifestações culturais era abordado e mesmo assim em direção a padrões estabelecidos pelo esporte ou atividade em questão. Não houve análises críticas a respeito destas manifestações numa busca de compreender quais os significados que se estabelecem nesta relação e de como os alunos os interpretavam e as possíveis formas de ressignificar aquela manifestação em prol do grupo, não somente dentro da escola, mas principalmente fora dela. As aulas eram elaboradas exclusivamente pela professora e transcorriam sem haver participação dos alunos na organização das mesmas, estes somente faziam o que era proposto.

⁶ Na entrevista a professora diz relacionar os conteúdos das aulas a vida cotidiana dos alunos, onde num exemplo cita que no conteúdo *organização espaço temporal* este foi relacionado ao atravessar a rua e ao escrever, mesmo que isto seja usado de forma inconsciente pelo aluno em seu dia-a-dia.

Até mesmo a composição dos times era a professora que na maioria das vezes realizava. Nas entrevistas com os alunos ratificamos isto ao perguntar quem organizava as aulas de Educação Física.

A professora mesmo. (A. 10a)

Eu não sei. Mas eu acho que é a professora [...]. (M. 9a)

Todas as respostas colocaram a professora como responsável por isso, caracterizando um protagonismo docente nas aulas, onde o foco da ação pedagógica recai sobre o ensino, do que sobre a aprendizagem dos alunos, enaltecendo os aspectos metodológicos das aulas. Esta postura revela mais associação às teorias tradicionais do currículo do que as teorias críticas e pós-críticas, mesmo a professora levantando alguns problemas-questões durante as aulas numa tentativa de participação dos alunos.

Voltando a P.P., a pluralidade cultural aqui referida pode ser enquadrada na vertente do *muticulturalismo liberal* (página 35), pois há um reconhecimento das diferenças, da diversidade cultural, mas não há questionamentos referentes ao como se deu este processo de constituição destas diferenças e dos estereótipos.

O termo cultura volta a aparecer na P.P. quando se descreve a concepção de infância que orienta a proposta.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico, é profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (P.P., p. 14).

Aqui a cultura é entendida de forma mais ampla, como um jeito de ser de determinada sociedade que reflete na forma de ser de determinadas famílias. E este meio social, por sua vez cultural, influencia este jeito de ser da criança que também influencia a estrutura social. A criança faz parte de uma determinada cultura, pressupondo diversas culturas. Uma perspectiva que entende a cultura como uma característica social (das pessoas, do grupo) e que também capaz de ser processo, portanto dinâmico, histórico e contextual. Esta perspectiva é por nós entendida como a mais coerente e que possibilitaria a educação escolarizada se consolidar como processo atrelado as perspectivas críticas e pós-críticas.

Noutra passagem, onde se estabelecem as relações entre esta criança e a educação, a cultura continua com este mesmo entendimento, sendo a educação possibilidade de “[...] acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural” (P.P., p. 15).

Em parte do texto que trata da avaliação, o termo cultura recebe outro enfoque. Nesta passagem tanto a cultura como o conhecimento são *coisas* e que através da escola os alunos terão acesso. A avaliação serve como um meio de verificar o quão estes alunos estão ingressando na cultura, implicando, a nosso ver, a suposição de que a criança ainda não faz parte da cultura. Neste caso a cultura é algo, um determinado padrão, a qual a criança deve alcançar.

Pelas observações pudemos verificar que existe um padrão cultural, principalmente de movimentos corporais, mas também de valores, normas e conhecimentos que suscitam certos significados as ações desenvolvidas nas aulas, buscando-se a um modelo. A professora reconhece a diversidade cultural, mas desenvolve suas aulas a partir de um currículo *monocultural*, o que é comum a grande maioria dos currículos de Educação Física, sendo também o caso do currículo da escola e da rede municipal de ensino, onde podemos verificar uma visão etnocêntrica da instituição escolar perante os alunos.

Durante todas as aulas os alunos se mostraram passivos, e simplesmente faziam o que era colocado pela professora. Não esboçavam nenhuma crítica ao porque destas aulas e a sua forma de execução. Mas, a princípio, todos faziam as atividades propostas e somente quando tinham que ficar esperando por um tempo relativamente longo para fazerem algo é que eles realizavam algumas brincadeiras em pequenos grupos. Fato que ocorreu em algumas das aulas de handebol quando a equipe a qual pertenciam não estava jogando. Durante estas aulas de handebol perguntei aos alunos, em pequenos grupos ou individualmente, se realizavam tal jogo que não na escola e, todos responderam que não, mas que realizavam outros jogos em seu cotidiano, tais como bet's, futsal, bola queimada, bicicleta, vídeo-game. Um menino chegou a dizer que o handebol era chato. Verificamos que algumas das atividades desenvolvidas nas aulas não pertencem à vida cotidiana deles e que somente os aspectos técnicos e táticos dos conteúdos são trabalhados. Sendo estes conteúdos desatrelados da vida diária destes alunos, havendo um dirigismo cultural na busca de padrões, a escola não se constituir como espaço de produção e crítica cultural. A educação escolar como possibilidade de

ressignificação de conteúdos/manifestações que fazem parte da vida destes alunos colaboraria para a compreensão destas manifestações e para mobilização individual e coletiva em busca de mudanças necessárias na específica manifestação cultural e, pelas suas relações dinâmicas, na estrutura social. Um aluno/cidadão ativo, crítico e criativo.

Nas aulas há uma verticalidade das ações, a professora conduz o desenvolvimento da aula, até mesmo separando as equipes e desenhando no chão com giz as linhas do jogo. Mesmo com pouca ou nenhuma participação na seleção e organização dos conteúdos das aulas as crianças se mostram muito alegres em estar na aula de Educação Física.

Identificamos nas aulas de Educação Física as concepções descritivas de cultura (Thompson, 1999), principalmente, as concepções evolucionista e relativista. Assim, em determinados momentos pela escola os alunos poderiam ter acesso a bens culturais tidos por alguns como legítimos e num outro poderiam pelos conhecimentos adquiridos na escola desenvolver seus bens culturais, tendo na verdade, uma cultura como referência.

Durante as entrevistas perguntamos também aos alunos qual seria a função da escola e todos deram suas respostas relacionadas ao ensino e aprendizagem.

A escola serve para poder nos ensinar algumas coisas que a gente não sabe. Sobre algumas coisas. (N. 10a)

Em dois casos as respostas foram mais explicativas e trouxeram o quando este aprender seria necessário a eles, associando a aprendizagem às exigências de uma vida adulta.

Pra gente aprender coisas que a gente vai usar mais pra frente. (M. 9a)

Se não existisse escola... Pra gente aprender a ler, escrever, né. Que isso vai, mas pra frente lá, vai exigir muito da gente, né, então a gente precisa aprender as coisas. (A. 10a)

Constatamos este pensamento frente à educação também na P.P. da escola. No capítulo intitulado *Filosofia, fins e objetivos da educação básica*, o primeiro parágrafo traz uma indagação que orientou a elaboração das dez metas da escola, valorizando não a criança em si, mas sim o potencial adulto que é. “A Escola

Municipal [...] Educação Infantil e Ensino Fundamental têm como metas uma visão de futuro: como queremos que nossos alunos sejam mais tarde, já crescidos, profissionais e pais de família, enfrentando as diversas tarefas que a vida irá impor?” (P.P., p. 13). Quando perguntados sobre o que aprendiam na escola respondiam o nome de algumas das matérias ou disciplinas da escola, e/ou alguns conteúdos destas matérias e um não especificou dizendo aprender várias coisas.

Esta função de ensinar da escola está presente nos alunos, mas a relação disto que se aprende com a vida cotidiana deles não aparece claramente em suas falas, alguns arremetem este aprender a um futuro onde supõem poderiam conhecer o porquê desta aprendizagem. Ensinar e aprender são sem dúvida dois processos que estão presentes, também, na escola. Mas, a significativa aprendizagem deve estar atrelada a compreensão da realidade, de uma realidade que faz parte da vida presente. Responsabilizar a escola somente pelo futuro, para capacitação de adultos trabalhadores, é esvaziar sua real importância. É no hoje que intervimos no mundo. Aprender exclusivamente para o futuro é deixar de aproveitar o presente, condição *sine qua non* para construir outra realidade. E o tempo presente destas crianças está diretamente relacionado ao brincar.

O brincar, em seu sentido genérico relacionado a ludicidade, embora não seja restrito a alguma faixa etária específica, é uma das características da infância. Estas manifestações culturais pautadas na ludicidade compõem boa parte do tempo destes alunos e se constituem meios pelos quais eles compreendem, se comunicam e interferem no mundo. Como manifestação presente no cotidiano são ações simbólicas que estabelecem relações significativas entre os sujeitos. São constituintes da vida presente, da cultura destes alunos. Será que este brincar está presente na escola? Mas será que as funções de ensino da escola estão também associadas a este elemento da cultura?

No recreio observamos diversas destas manifestações entre os alunos, o tempo todo. Nas aulas observadas estas manifestações estavam presente, fazendo parte de seus objetivos, através dos jogos/esportes trabalhados, ou nos “cantos” quando a dinâmica da aula deixava escapar alguns minutos. Quando os alunos foram perguntados se brincavam na escola todos responderam que sim. Eles brincam na entrada e na saída do período e no intervalo do recreio, no espaço da quadra e do pátio. Em sala disseram que não, mas quando perguntados se alguma professora fazia brincadeiras com eles responderam que sim, que a professora de

Educação Física, na quadra, e as outras professoras, na sala. Verificamos dois sentidos para este brincar: um *brincar deles*, relacionado a liberdade de poder fazer o que gosta, de atuar ativamente e da adesão voluntária e outro *brincar das professoras*, relacionado a escola e aos seus objetivos, brincadeiras que só levam o nome de brincadeira e que por isso num primeiro momento não associaram-nas ao brincar. As brincadeiras citadas foram: *deles* – queimada, pega-pega, esconde-esconde, ogro, de jogar na parede, ameba, futebol, basquete e corda, e das *professoras* – jogo do silêncio, jogo da tabuada e jogo do pontinho.

Segundo os alunos, as brincadeiras que ocorrem dentro da escola são diferentes das que acontecem fora da escola ou se assemelham um pouco, tanto no tipo quanto no jeito.

Não é diferente. Lá onde que eu moro é um lugar fechado não tem assim... Mas quando eu saio na rua eu adoro soltar pipa mesmo, né. Eu e meu pai solta pipa e tira um rélinho lá. (A. 10a)

Ah, porque aqui na escola é meio... Eles são desorganizados. Eles não gostam de brincar, eles gostam mais dessas brincadeiras. Lá na minha rua não. Nós brinca, nós monta um time, nós fica brincando bastante lá. (J. 12a)

Tem jogos... Às vezes lá em casa brinco de pega vareta com meu irmão. A tia [...] às vezes dá quando ta chovendo. Daí, também tem ameba que eu jogo com meu irmão também, bola queimada, rouba bandeira. (M. 9a)

Algumas manifestações culturais lúdicas que integram o cotidiano destes alunos se fazem presentes dentro da escola juntamente com as manifestações lúdicas características do ambiente. Mas quando por meio das professoras estas manifestações se apresentam com objetivos educacionais fora delas, caracterizam-se como um meio, uma forma ou estratégia de se trabalhar certas capacidades ou conhecimentos visando atingir objetivos que estão desconectados destas manifestações. Às vezes utilizam o jogo para desenvolver o cálculo, outras vezes para manter a ordem, e como observado nas aulas, por um jogo trabalhar alguns movimentos corporais, algumas técnicas relacionadas aos objetivos de um outro jogo, que no caso foi utilizar um jogo de bola queimada para trabalhar os movimentos relacionados ao bloqueio do jogo de handebol.

Como objeto de estudo, esta parcela da cultura, o brincar, é pouco valorizada. Por considerar quase que sobremaneira o ser a porvir, um ser trabalhador, gerador de riquezas econômicas, a grande parte da cultura dos alunos não se encontra na escola. Isto demonstra o distanciamento entre os conteúdos, objetivos e ações da escola e a atual realidade social dos alunos. Segundo Castro (2001)

A lógica desenvolvimentista posicionou [posiciona] a criança enquanto sujeito marcado pela potencialidade, pelo vir-a-ser, e não pela competência no aqui e no agora, concorrendo para a sua inserção na sociedade afastada do mundo das atividades socialmente reconhecidas. (p. 22)

As escolas vêm valorizando um padrão cultural. Nestas escolas a criança tem contato e grande possibilidade de se enquadrar neste modelo e por sua vez manter o atual quadro social desigual. Vistas como futuros adultos, a escola enfatiza em seu currículo capacidades e conhecimentos para um futuro, pouco valorizando a real cultura de seus alunos, onde estes já podem agir, melhor compreendendo-a e intervindo na construção de uma sociedade na qual já estão fazendo parte.

Cultura e política andam juntas, ou melhor, como coloca Eagleton (2000), a política é a condição que resulta possível a cultura. Uma cultura onde todos os sujeitos, inclusive crianças e jovens, possam se ver reconhecidos, envolve ação politicamente sensível dos sujeitos em sua pluralidade e diferença. Tal ação é essencialmente emancipatória, ou seja, não há como um sujeito ou grupo de sujeitos 'se preparar' para a ação politicamente sensível, porque a melhor preparação é a própria ação. Assim, crianças e jovens não se tornam capazes politicamente, eventualmente, num futuro que há de vir, mas se capacitam no hoje, pela sua ação e participação no mundo. É deste modo que poderão construir um mundo onde se vejam mais incluídos, como também uma cultura que lhes é comum. (CASTRO, 2001, p. 43-44)

Reconhecer a cultura de seus alunos, respeitando as diferenças e valorizando a criança em suas interpretações e interações no mundo é a postura que a escola/currículo precisaria ter para poder desenvolver ações que ajudem estes cidadãos a (re)significarem a realidade e tenham possibilidades de lutar por mudanças necessárias.

A constituição do currículo escolar é realizada a partir da seleção de determinados conteúdos pertencentes à determinada(s) cultura(s). "São as relações

de força, os equilíbrios de interesses ou os movimentos de opinião que prevalecem a um dado momento que governam este 'processo contínuo de seleção e re-seleção dos ancestrais' evocado por Willians" (FORQUIN, 1994, p. 34). Esta seleção envolta por interesses sociais constituem o currículo como campo de significação da realidade onde o tema Lazer pode estar presente.

O Lazer é uma das esferas da vida de todas as faixas etárias, inclusive na infância, e nele encontramos algumas manifestações culturais. Em um currículo comprometido com a cultura da comunidade, em suas inter-relações com as diversas culturas, as manifestações culturais lúdicas que compõem o Lazer de seus alunos também deveriam compor o currículo como objeto de estudo. Sendo características do cotidiano destes alunos, constituem fonte riquíssima de ensino, dando aos alunos possibilidade de agirem de forma consciente, crítica e criativa nesta esfera da vida e nas demais.

3 LAZER, CULTURA E ESCOLA

Pensar a educação escolar em sua intrínseca e fundamental relação com a cultura possibilita abordar o Lazer como um de seus objetos de estudo. Entendendo o Lazer como dimensão cultural, como produção humana de resignificação constante, e não somente como uma parcela de tempo ou como uma coisa ou uma mercadoria, podemos associá-lo aos fins da escola.

Os currículos escolares trazem parte de determinadas culturas. Há um recorte, uma seleção cultural por parte dos envolvidos neste processo, enaltecendo certos conteúdos e conhecimentos e omitindo outros. Os currículos tradicionais acabam, por forças diversas, reforçando certos valores da sociedade e submetem as funções da escola a interesses quase que exclusivamente voltados ao mercado de trabalho e ao desenvolvimento econômico. Nesta perspectiva, o Lazer é visto como uma ferramenta a favor destes objetivos, despindo-o de todo o seu potencial participativo, criativo, crítico e emancipador, apesar de também haverem resistências.

São diversas as manifestações culturais presentes na vida das pessoas em seus lazeres. Como culturais estas produções transmitem certos significados, certos valores, normas, jeitos de ser, servindo como expressão e forma de intervir no mundo. São mobilizados por interesses individuais/coletivos que são orientados por diversos saberes. A Educação Física e as demais áreas do conhecimento escolar são espaços onde estas manifestações características do Lazer em nossas sociedades podem ser contempladas como objeto de estudo.

3.1 LAZER: ALGUMAS TENDÊNCIAS

São muitas as relações possíveis entre Escola, Educação Física e Lazer. Estas se orientam pelos entendimentos que se tem sobre estes termos e suas funções sociais. O conceito de cultura atravessa todas estas relações e norteia as reflexões realizadas sobre elas. O Lazer, como a cultura, é um conceito polissêmico e pela sua relação com a cultura podemos identificar algumas abordagens.

Diversas são as concepções e valores que envolvem o conceito de Lazer. No Brasil, a partir do início do século passado, várias ações e concepções

foram gestadas e postas em prática, dando origem também a diversos estudos e ensaios por parte de intelectuais destas épocas.

Analisando as relações entre educação e Lazer, Pinto (2001) e Marcellino (1995a) identificam duas tendências em nosso país. Uma conservadora, atribuindo ao Lazer à responsabilidade de preservação do equilíbrio social, e outra entendendo o Lazer como fenômeno social que dialoga com a sociedade e que possibilita o surgimento de valores questionadores que vislumbram mudanças neste quadro.

Não faremos uma análise direta de tais tendências e concepções e nem de seus percursos históricos, partiremos neste primeiro momento, para fins deste trabalho, das análises e classificação realizada por Marcellino (1995a), onde o mesmo classifica algumas destas abordagens do fenômeno Lazer como sendo **funcionalistas**. Esta classificação é realizada tendo por base os valores que são atribuídos ao Lazer e as enquadram na tendência conservadora. Segundo o mesmo autor, “a análise é baseada na ênfase que é dada a determinados aspectos, o que não implica, necessariamente, na ausência de outros não considerados” (MARCELLINO, 1995a, p. 35). Sendo consideradas funcionalistas as abordagens romântica, moralista, compensatória e utilitarista.

A abordagem **romântica** é “[...] marcada pela ênfase nos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia do passado” (MARCELLINO, 1995a, p. 36). Destaca valores relacionados ao Lazer numa determinada tradição social, balizada exclusivamente por sentimentos de saudade e que desconsidera os arranjos ideológicos de tal sociedade. Outra abordagem identificada pelo autor é considerada **moralista**, sendo as vivências de Lazer classificadas entre boas e más em suas relações com a moderna sociedade. Sua função seria então a de “[...] canalização das tensões e redução dos problemas sociais, atuando como válvula de escape e segurança da sociedade [...]” (PINTO, 2001, p. 55). O Lazer com valores **compensatórios** é entendido como possibilidade de realização individual em oposição à alienação e insatisfação que o trabalho produz no indivíduo moderno. Não se questiona a estrutura social e em especial a organização do trabalho, “[...] alienado, mecânico, fragmentado e especializado [...]” (MARCELLINO, 1995a, p. 37), mas sim configura-se um Lazer que poderia reparar o dano que este trabalho produz no indivíduo, servindo à manutenção do quadro social. Ao reduzi-lo “[...] à função de recuperação da força de trabalho, ou sua utilização como instrumento de

desenvolvimento” (MARCELLINO, 1995a, p. 37), o Lazer é classificado, por Marcellino (1995a), como **utilitarista**. Nesta perspectiva, ao Lazer caberiam as funções de estimular o crescimento econômico e progresso social, por via do descanso, divertimento e desenvolvimento que este possibilita ao indivíduo.

Este Lazer é configurado como tempo racionalmente organizado e adequadamente preenchido, visando a “[...] manutenção do ‘status quo’, procurando mascarar essa verdadeira intenção, através de um falso humanismo” (MARCELLINO, 1995a, p. 39). Tais abordagens foram primeiramente identificadas num período de afirmação da modernidade no Brasil, e as encontramos até hoje, sendo o Lazer configurado como

[...] fator de manutenção do equilíbrio social, de difusão dos valores burgueses; as ações nesse setor tinham, portanto, objetivos claramente definidos: equilíbrio social, formação moral dos indivíduos e garantia de recuperação e manutenção da força de trabalho (PELLEGRIN, 2006, p. 117).

Identifica-se que pela **recreação institucionalizada**, que até então era voltada as crianças e adolescentes dentro das escolas, e que se expande a toda a população, principalmente a operária, o tempo de Lazer era preenchido de forma adequada, atendendo as necessidades que a urbanização e industrialização do país necessitavam. O Lazer nestas concepções, tendo a recreação como conteúdo, *funcionava* para educar a nova sociedade que se afirmava.

[...] Promoviam valores e saberes a respeito da ordem, da disciplina, da aquisição de hábitos saudáveis, da ocupação útil e adequada do tempo livre, e forjavam corpos vigorosos, porém dóceis, e comportamentos submissos nas suas relações sociais e na sua condição de força de trabalho no mercado capitalista (MARCASSA, 2004, p. 128).

Mesmo quando abordado de maneira independente à recreação, o Lazer é entendido como momento de educação, descanso, busca do prazer e desenvolvimento individual e social, nas intenções descritas acima.

Assim, o lazer tem, nessa concepção, um conteúdo psicológico (a compensação e estabilização individual), e um conteúdo social (a readaptação e manutenção da ordem). Além disso, por meio do lazer, espera-se uma progressiva **transferência das responsabilidades** referentes à educação, ao sucesso profissional ao descanso e à autopromoção, sempre de forma equilibrada e em consonância com a ordem estabelecida, aos indivíduos e coletividades, o que indica, portanto, que esta corrente apóia-se

numa visão burguesa e funcionalista da relação entre lazer e educação, colaborando para o funcionamento harmonioso da sociedade, do poder constituído e das relações de hegemonia (MARCASSA, 2004, p. 130, grifo nosso).

Identificam-se nestas abordagens uma relação direta com o entendimento de cultura evolucionista onde o Lazer colaboraria com o progresso e desenvolvimento da sociedade e, o conceito de cultura funcionalista tendo como principais objetivos do Lazer a manutenção da ordem social.

Estas concepções propagaram e ainda propagam uma ideologia referente à sociedade moderna e ao sistema capitalista. Tentam acobertar certas questões sociais em prol de objetivos relacionados exclusivamente ao setor econômico e estabilidade do quadro social. O Lazer é uma ferramenta muito eficaz nesta função, pois está intimamente ligado a questões emocionais e prazerosas, dando uma falsa impressão que somos totalmente livres nestes momentos.

As relações que se estabelecem entre estas concepções de Lazer e a educação visam um maior controle social e adequação das pessoas à ordem social, contribuindo para o harmonioso funcionamento da sociedade, do poder constituído e das relações de hegemonia (MARCASSA, 2004).

Outras visões a respeito do Lazer, e intenções de compreendê-lo são observadas atualmente. Como nas anteriores, tais concepções orientam as ações desenvolvidas na área em suas múltiplas relações com a vida. Destacamos o entendimento do Lazer como mercadoria. Mascarenhas (2004) destaca a subordinação do Lazer ao capital, onde este transforma manifestações do Lazer em mercadoria, em produtos e serviços a serem consumidos.

Seus antigos atributos ou valores de uso sociais, dentre os quais podemos citar o descanso, a diversão ou o desenvolvimento (Dumazedier, 1976), atrelados ou não a propósitos de cunho romântico, moralista, utilitarista ou compensatório (Marcellino, 1987) muito pouco ou nada valem no atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Em larga medida, cederam espaço ao mercolazer, do qual não se espera outra coisa senão a realização de um valor de troca, o salto perigoso em direção ao equivalente geral, momento final do grito do capital em que se resgata a mais-valia e se conferem os lucros, objetivo essencial da indústria do lazer (MASCARENHAS, 2004, p.80)

O Lazer, desta forma, transforma-se de produção cultural, de direito social a direito de propriedade, um bem ou serviço que precisa ser comprado. O

Lazer passa de um direito do cidadão a um objeto de conquista no mercado, criando diversos produtos e subprodutos que são consumidos pelos que têm dinheiro, ou que são ofertados às pessoas que não têm dinheiro por programas de assistência com objetivos atrelados ao sistema capitalista (MASCARENHAS, 2004, p. 80-81).

O autor destaca as marcas que o sistema capitalista inscreve no Lazer quando o têm como esfera de controle e naturalização de fatos. Nesta perspectiva o Lazer reforçaria as desigualdades e naturalizaria as condições de vida, além de se converter também em um produto rentável para alguns. Mas, a contradição está presente também no Lazer, sendo esta possibilidade de luta contra o capital e as desigualdades que fundam a alienação, sendo o Lazer momento para exercer a cidadania.

Em nosso campo específico de luta política, no que diz respeito à conquista da lazerania, o desafio consiste em converter cada espaço, cada equipamento e cada programa de lazer em verdadeiras casamatas da 'vontade coletiva', da autodeterminação popular rumo a uma nova direção política, da 'reforma intelectual e moral' para uma nova direção cultural, um modo de conceber a vida e o mundo definido no jogo das forças sociais, com indivíduos e coletividades protagonizando a luta pela emancipação frente às estruturas de dominação e alienação, conquistando, dia-a-dia, uma participação cidadã que acumula saberes, habilidades, métodos, estratégias, experiências, enfim, instrumentos de poder que reivindicam direitos, reconhecem determinações e reclamam transformações (MASCARENHAS, 2004, p. 86).

A plena cidadania é exercida no Lazer quando este se configura como prática cultural, como espaço questionador dos valores da sociedade visando modificações no quadro social. As pessoas são conscientes e ativas neste Lazer. Nesta perspectiva, confrontando as concepções reprodutoras, "neutras", dominadoras, consumistas, o Lazer é "[...] fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente" (MARCELLINO, 1995a, p. 40). O Lazer é considerado em suas inter-relações que se estabelecem com as demais esferas da vida e, como fenômeno humano, traz em sua constituição a historicidade num processo de produção de significados e sentidos. Esta significação se dá pelo entendimento do Lazer atrelado a cultura, a dinâmica cultural do grupo/sociedade.

Conceber o Lazer como cultura é entendê-lo como uma de suas dimensões, como tempo e espaço de viver certas manifestações culturais, de certas

produções humanas. Nesta perspectiva o Lazer atrela-se ao entendimento de cultura, sendo sua concepção e o desenvolvimento de ações por ele norteado. Além do conceito de cultura que possibilita melhor compreendermos o Lazer, a perspectiva ideológica se constitui como fator essencial. Podemos conceber o Lazer em todas as concepções de cultura abordadas anteriormente, tendo em cada uma destas certos entendimentos sobre a sociedade, sobre as questões éticas, políticas, econômicas e estéticas, sobre a educação e sobre as relações com o sistema social.

Alguns autores brasileiros vêm desenvolvendo reflexões sobre o Lazer nesta perspectiva 'cultural' apoiando-se em teorias de base diversas. Destacamos as considerações realizadas por Werneck (2003) e Alves (2003) no tocante à concepção de cultura pautada na antropologia, e a caracterização do Lazer e da Educação Física. O Lazer e a Educação Física são áreas com “[...] possibilidades dos sujeitos ‘encorporar’ [...] suas mais variadas ações, no que diz respeito às produções, reproduções, criações e recriações de práticas corporais dentro de seu contexto cultural e das dimensões simbólicas nele constituídas” (ALVES, 2003, p. 104). E este “encorporar”⁷ assinala para uma compreensão do “[...] corpo em sua totalidade, isto é, em suas mais variadas dimensões como a filosofia, a história, a sociologia, a antropologia, a biológica, a psicológica, a estética, a política, a lúdica, dentre outras” (ALVES, 2003, p. 104).

O Lazer é um fenômeno cultural, e o que o diferencia das demais realizações humanas é sua essência lúdica. A ludicidade entendida como expressão humana, linguagem pautada na substituição de significados existentes, “[...] é uma possibilidade e uma capacidade de se *brincar com a realidade*, resignificando o mundo” (GOMES, 2004b, p. 145). Como parte da cultura, a ludicidade é influenciada e influi sobre esta, sendo compreendida como

[...] expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim, é construído culturalmente e cercado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência (GOMES, 2004b, p. 145).

⁷ “[...] diz respeito a dar ou tomar corpo, corporalizar, materializar, vale dizer, a acepções que não supõem o dualismo mente/corpo implícito nos vocábulos ‘encarnar’ e ‘incorporar’” (VARGAS apud ALVES, 2003, p.103).

Considerada como expressão, como forma de linguagem construída socialmente, como uma forma de significar o mundo, a ludicidade caracteriza-se na relação estabelecida entre os sujeitos e o meio dentro de determinados grupos e contextos históricos. Os objetos, as manifestações ou os relacionamentos em si não são lúdicos, mas sim a forma como são expressas as relações que se estabelecem.

Como expressão humana, a ludicidade pode-se fazer presente em diversas esferas da vida. Contudo, o Lazer é fundado nesta linguagem e, a sociedade moderna tenta restringi-lo nestes tempos, espaços e nas manifestações culturais que o compõe.

Assim, dentre as características que compõem o Lazer, a atitude pautada neste entendimento de ludicidade é certamente o que diferenciará esta perspectiva de Lazer das consideradas funcionalistas ou simplesmente mercadológicas. Não vivenciá-lo simplesmente como divertimento e descanso, mas sim também como maneira ativa, crítica e criativa de viver a realidade.

Além de sua relação com a ludicidade, o aspecto tempo também o compreende. Durante muitos anos o aspecto tempo foi considerado, e ainda é por alguns, o fator definidor do Lazer. Este tempo de Lazer se opunha ao tempo de trabalho, melhor dizendo, seria o tempo remanescente do trabalho. Termos como *tempo livre*, *tempo disponível* ou *tempo liberado do trabalho* são utilizados para definir o Lazer. Várias análises e críticas foram tecidas à compreensão do Lazer atrelado somente ao aspecto tempo, além das críticas relacionadas aos conceitos dos adjetivos que acompanham e configuravam este tempo. “[...] Foi no final do século XIX que o lazer passou a ser compreendido como tempo subtraído do trabalho, um tempo excedente, residual [...]” (WERNECK, 2003, p.39), e este entendimento levou-o, nesta perspectiva, a **subordinação frente ao trabalho**:

Sendo o lazer concebido como uma fração de tempo subtraída do trabalho, aos olhos dos segmentos hegemônicos nada havia de melhor do que preenchê-lo com propostas capazes de, simultaneamente recrear, relaxar e educar o operário que recuperava, assim, as energias despendidas no exercício laboral. [...] Foi nesta época que algumas propostas institucionais fundamentadas na recreação foram disseminadas em várias cidades com vistas a educar, sobretudo, as crianças e os jovens (WERNECK, 2003, p. 40).

Como todo fenômeno cultural, o Lazer é vivido em suas múltiplas relações em determinados tempos e contextos sociais, sendo espaço de confronto

de significados. Neste tempo de Lazer, valores, normas, jeitos de compreender, ser e de agir no mundo são expressas e as pessoas e os grupos sociais tentam “impor” estas formas na tentativa de defender suas ideologias. Assim o Lazer, em sua relação com a organização social pode ser tempo e possibilidade de desenvolver certas atitudes e valores, reforçando uma característica funcionalista ou possibilitando a estruturação de uma nova forma de ser, interpretar e agir na realidade. No tempo de Lazer o indivíduo pode estar sobre menos coações externas e possuir um maior controle sobre o que fazer ou não fazer. Isto o difere de outros tempos como o de trabalho ou de obrigações com a família, política, religião etc.

Sem dúvida o aspecto tempo é um dos traços definidores do Lazer, principalmente em nossas sociedades modernas, onde este tempo de Lazer foi conquistado pelos trabalhadores. Mas, como visto anteriormente, a atitude lúdica também o compõem, juntamente com o aspecto espaço/lugar na vivência de determinadas manifestações culturais, seus conteúdos. Este “espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um ‘local’ do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer” (GOMES, 2004a, p. 124).

Atitude lúdica, tempo e espaço são alguns dos aspectos que segundo Pinto (2001) possibilitam ao sujeito que o vive este Lazer o

[...] exercício de liberdade na ressignificação de tempos e lugares, bem como na recriação de objetos, materiais e vivências. O sujeito ocupa o lugar central na vivência lúdica, que nasce dele, da sua curiosidade e capacidade crítica e criativa de transformar o desejado em algo possível – provoca sua imaginação, sua vontade, seu poder de escolha e de decisão sobre as regras e as arquiteturas dos desafios (p. 59).

Vários conceitos são desenvolvidos a partir das diversas formas de se compreender o Lazer, isto segundo os aspectos que o caracterizam e como estes aspectos se articulam entre si e entre o sujeito e sociedade. Isto ocorre pelas “[...] disparidades ideológicas que orientam toda definição e à quantidade de pontos de vista diferentes envolvidos. Os dois motivos produziram um amplo elenco de definições” (PUIG; TRILLA, 2004, p. 41-42).

Compreendendo o Lazer como dimensão da cultura, em tempo, espaço composto por conteúdos culturais pautados na ludicidade entendemos o Lazer como Werneck (2003), sendo o Lazer

[...] uma das dimensões da cultura socialmente construída a partir das ações, do tempo, do espaço/lugar e dos conteúdos culturais vivenciados, ludicamente, pelos sujeitos. Constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico no qual se desenvolve, o lazer implica em 'produção' de cultura – no sentido da reprodução, construção e transformação de diversos conteúdos culturais usufruídos por parte de pessoas, grupos e instituições. Essas ações são construídas em um tempo/espaço de produção humana; dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade, e nos permitem ressignificar, continuamente, a cultura (WERNECK in WERNECK, 2003, p. 37).

Durante os tempos e nos espaços para o Lazer, algumas **produções culturais** são vividas. Por influências da sociologia dos meados do século XX, tais produções culturais no âmbito do Lazer corriqueiramente dentro dos estudos do lazer são denominadas de conteúdos culturais ou interesses culturais do Lazer. Nesta pesquisa, chamaremos de manifestações culturais por as considerarmos como se apresentam e acontece a cultura no Lazer, também não as restringindo somente a esta esfera da vida, sendo vivenciadas pelos indivíduos e grupos procurando satisfazer certos interesses.

Um dos traços definidores destas manifestações culturais no lazer é a **busca** do prazer e da satisfação. Segundo Alves Junior e Melo (2003, p. 32) “as atividades de lazer são buscadas tendo em vista o *prazer* que possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades”. O Lazer em suas possibilidades de diversão, de busca do prazer e satisfação, também desempenha as possibilidades de descanso e de desenvolvimento. No Lazer há

[...] potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (MARCELLINO, 1995a, p. 60).

Estas manifestações são vivenciadas “[...] como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento” (GOMES, 2004a, p. 124). Estas formas de viver o Lazer são construídas constantemente entre

os indivíduos e movem seus interesses. Como prática cultural, estas manifestações carregam valores, normas e princípios que determinam a vida social, expressando os mais diversos significados.

A Educação Física é uma disciplina escolar que tem sua história confundida com a recreação e com o Lazer. A ginástica, o jogo, o esporte, a dança e a luta são manifestações, de uma origem lúdica, que compõem o cotidiano tanto da Educação Física escolar e não-escolar quanto do Lazer em seus interesses físicos. É certo que a Educação Física escolar não é Lazer, mas os seus conteúdos de ensino associam-se diretamente a algumas das produções humanas desta esfera da vida.

O termo Lazer não aparece no capítulo da P.P. referente à Educação Física. Somente o termo recreação, onde este é utilizado para referendar como as aulas não devem ser. A recreação na P.P. é entendida como uma maneira de socializar e descontrair, de agir livremente, associada, a nosso ver, a um entendimento de Lazer que também aparece na fala da professora. Para a professora o Lazer está associado a um tempo livre e a escolha do que fazer neste tempo.

*Quando você tem um tempo livre e você vai escolher o que fazer com este tempo. Então vai ser um lazer. É uma escolha.
(profa)*

Para a professora recreação são atividades que você faz de livre escolha e que estão ligadas ao prazer e a certa moral, podendo estar no Lazer ou em outras esferas da vida, nas aulas como por exemplo.

Recreação são atividades que também podem ser trabalhadas neste tempo livre [lazer]. Normalmente prazerosas, que têm bons... De uma forma espontânea. (profa)

Ah eu ia colocar tem bons, bons, de uma forma positiva. Não consegui achar o termo. Você vai de bom grado. Você não vai obrigado, você..., né.(profa)

Esta forma *positiva* das atividades remete-nos ao entendimento de cultura que a professora expressou, ligados a valores e condutas referendadas por alguns como ideais e legítimas para a sociedade e, a concepção moralista de lazer, assinalada por Marcellino (1995a). Destacando, na fala da professora, a palavra “trabalhadas”: a recreação entendida como meio de desenvolver atitudes *positivas*. E

quando fala sobre o lúdico, a professora reforça o caráter funcionalista atribuído ao Lazer, pois para ela o lúdico está no Lazer e na recreação.

Então, pra mim, quando eu leio, leio, leio, leio, eu penso o lúdico. Às vezes pra mim... lavar a louça é lúdico. Por que é uma coisa que eu estou fazendo lá, e estou satisfeita, não estou, não estou... Estou produzindo, estou satisfeita, e gosto de lavar louça, vamos dizer. Pra mim é lúdico. Quando você esta satisfeita com sua atividade.(profa)

Para a professora, o lúdico é caracterizado pelo prazer e satisfação que a atividade proporciona, mas está relacionado também a um caráter produtivo ligado a algumas obrigações sociais. O Lazer e a recreação têm uma **serventia** para além do prazer e satisfação. Nesta perspectiva, a característica de linguagem do lúdico fica em segundo plano.

Após falar sobre a recreação, o lúdico e as suas relações com suas aulas, a professora complementa seu entendimento sobre o Lazer. Agora associando as vivências deste tempo livre ao fazer algo, a uma certa utilidade e ao prazer proporcionado pelo lúdico.

Aquele tempo livre que a gente tem e ocupa ele de forma prazerosa, normalmente. Então esta forma prazerosa é o lazer. (profa)

Aos alunos(as) também perguntamos o que seria o Lazer. Duas alunas não souberam defini-lo e as outras definições trouxeram suas relações com o tempo, com o descanso, com a diversão, com o estar em grupo, com o ócio e com o prazer.

O lazer é uma forma de a gente se divertir para nós e para todos que quiserem ajudar a gente. (N. 10a)

É quando alguma pessoa se diverte e pode ficar sossegada sem ter que fazer alguma coisa que te ficarem pedindo que é chata, que você não gosta. (J. 09a)

Estas concepções de Lazer referendam algumas das características apresentadas por Dumazedier (1999) e difundidas por vários outros autores. O Lazer como possibilidade de descanso e divertimento guiado pela busca do prazer individual expõem o caráter hedonístico associado ao Lazer. O tempo é um aspecto que está relacionado ao momento em que ocorrem as vivências de Lazer,

diferentemente das elaborações mais complexas que associam o tempo de Lazer as suas relações com outras esferas da vida. Desta forma, o aspecto tempo é pouco considerado nos entendimentos de Lazer dos alunos, sendo a atitude frente à atividade/vivência a aspecto verdadeiramente caracterizador do Lazer. Identificamos isto nas respostas de alguns alunos as perguntas que relacionavam o Lazer a algumas disciplinas escolares. Quando perguntado sobre a Educação Física, A. (10a) associou-a ao Lazer, como momento de descanso e aprendizagem e, completando seus entendimentos sobre o Lazer e as demais disciplinas, neste trecho da entrevista demonstra a relevância primordial ao aspecto atitude.

O que é lazer?

O lazer é um momento que você tem para relaxar, para poder ... para poder descansar, né. Para poder não ficar tão cansado assim.

Você falou que a aula de Educação Física é um momento de lazer?

Sim.

E aula de português é?

Português é diferente. Porque já é um momento para você aprender que o português é a coisa que você vai mais usar, né.

A hora do conto?

Claro, vixi. Você está aprendendo ali.

Geografia?

Não. Geografia é uma aula para você aprender sobre os mapas, sobre onde Londrina fica, né e tal.

Os outros alunos também demonstraram caracterizar o Lazer preponderantemente pela sua relação com o prazer e satisfação como F. (13a), que mesmo não sabendo expressar ou formar um conceito de Lazer, expõem quais disciplinas/momentos são ou não Lazer para ela.

Aula de Educação Física é lazer?

É.

A de português é?

Não.

A hora do conto?

É.

Geografia?

Não.

História é lazer?

É.

Por quê?

Porque eu gosto.

O aluno J. (12a) relaciona o Lazer ao ócio, a um momento de “ficar parado”, “sem fazer nada” e ao brincar, que seria, segundo ele, um lazer brincando, mais dinâmico.

O que é lazer para você?

Lazer. Ah, pra mim lazer é quando você tá meio quieto, assim, aí você fica tirando lazer, fica meio parado. Ficar meio parado assim, meio... numa praça daí você fica tirando lazer.

A aula de Educação Física é lazer?

Eu acho que é um pouco lazer.

A hora do conto é lazer?

Eu acho que é lazer.

Geografia é?

Não.

Matemática?

Não.

Tem alguma coisa de lazer na aula de Educação Física?

Os alongamentos. A gente faz alongamento. Eu acho que é lazer. Os alongamentos.

Futebol é?

Eu acho que é um pouco. Tipo um lazer brincando.

Os alongamentos das aulas de Educação Física, para este aluno se configuram Lazer. Pois se Lazer é um momento de “ficar parado”, os alongamentos são os momentos onde eles se movimentam menos, e a hora do conto também dá esta oportunidade dentro da escola.

Em sua relação entre o divertir e a liberdade, J. 09anos também dá menos relevância ao aspecto tempo e associa o Lazer a algumas disciplinas ou momentos destas disciplinas.

A aula de Educação Física é lazer?

Não muito. Porque tem que fazer... No começo quando é pega-pega é lazer, de certa forma, porque a pessoa se diverte, sem ter que fazer alguma coisa mandando. Mas depois quando a professora começa a falar sobre o que a gente vai ter que fazer sobre o esporte, não é tanto lazer, porque tem que tá fazendo alguma coisa que a professora pediu.

Estas diversas concepções presentes nas aulas abarcam uma variedade de formas de compreender o fenômeno Lazer. Todas trazem o caráter hedonístico como seu principal traço definidor. Pudemos também associar as concepções da professora e parte dos alunos na perspectiva funcionalista de Lazer apresentada por Marcellino (1995a), sendo que as características das concepções compensatórias e utilitaristas foram as que se aproximaram das compreensões de Lazer de parte desta turma. Mas alguns alunos extrapolaram estas concepções ao associarem Lazer ao ócio, a liberdade e a diversão.

A forma de significar o fenômeno Lazer é uma construção social que ocorre em diversos contextos, entre eles a escola. Frequentemente ao Lazer são associados tais valores que são difundidos sem a devida percepção crítica que todos os fenômenos sociais necessitam. Estas formas de significar o mundo são estabelecidas em processos de relação entre os sujeitos e a natureza através de processos educativos. Nesta educação referente ao Lazer, visando ressignificá-lo, tendo em vistas as funções culturais atribuídas à educação, a escola se tornaria espaço propício para tal. Pela educação se perpetuam ou mudam as percepções e as formas de agir sobre as coisas, e a educação para o Lazer nas escolas pode contribuir para que o Lazer seja compreendido para além de seus valores hedonísticos e conservadores. Outras posturas críticas visando mudanças culturais são possíveis e

[...] o lazer é reconhecido como um dos deveres de todo cidadão no sentido da transformação sociocultural, da propagação da vivência lúdica e garantia do direito de inclusão social no lazer aos sujeitos de todas as idades, gêneros, etnias, camadas sociais. Demanda, assim, uma educação conscientizadora da importância do lazer para a saúde, qualidade de vida, humanização das relações e conquista da cidadania (PINTO, 2001, p. 60).

3.2 EDUCAÇÃO E LAZER

Cotidianamente, ao se falar das relações entre educação e Lazer, percebemos que a ênfase ou a quase exclusiva perspectiva de relação existente é a que associa o Lazer como possibilidade de educação. Nesta perspectiva quando ao Lazer associasse mais que as funções de descanso e diversão, este com suas manifestações que o compõem, se constituem em um privilegiado meio educativo, de desenvolvimento individual e social. É certo que os objetivos desta educação pelo Lazer são os mais variados possíveis. “*Educar pelo lazer* significa aproveitar o potencial das atividades para trabalhar valores, condutas e comportamentos” (ALVES JUNIOR; MELO, 2003, p. 53). Esta educação pelo Lazer pode direcionar-se ao próprio Lazer ou a outras esferas da vida (sabendo-se que como fenômenos culturais estas esferas da vida se relacionam e se influenciam ativamente), objetivando indivíduos passivos, consumistas, adaptados e reprodutores ou indivíduos conscientes, críticos, criativos e participativos.

Buscando desenvolver ações que contribuam para a superação dos valores atrelados as concepções funcionalistas de Lazer, Alves Junior e Melo (2003) apontam algumas possíveis diretrizes nesta relação educação/Lazer com este intuito:

[...] a busca de novas formas de encarar a realidade social, direta ou indiretamente oferecidas pelo acesso a novas linguagens culturais; a percepção da necessidade de equilíbrio entre consumo e participação direta nos momentos de lazer; a recuperação de bens culturais destruídos ou em processo de degradação em resultado da ação da indústria cultural; e a própria humanização do indivíduo, que passa a se entender como agente, e não somente paciente, do processo social (p. 52).

Podemos associar a esta educação pelo Lazer a duas formas, uma quando esta educação é direcionada ou mediada por outra pessoa, um “animador cultural”⁸ e a outra quando o próprio indivíduo direciona suas vivências no Lazer. E o desenvolvimento que este tipo de educação vislumbra pelo Lazer está também associado a um contínuo processo educativo realizado, também, fora de contextos de Lazer. Uma educação para o Lazer é necessária.

⁸ ALVES JUNIOR; MELO, 2003, p.60

Além de uma educação durante Lazer voltada ao Lazer é possível em outras situações que isto ocorra, e a escola constitui-se em espaço apto, dentre as suas funções, em educar para o Lazer, pois este é um fenômeno cultural presente e representativo em nossas sociedades.

O Lazer é compreendido pela sociedade de diversas formas e neste processo de significação alguns fatores/meios exercem influência e configuram a forma de envolvimento do indivíduo nestas vivências. A família, a religião, o grupo de amigos, a escola e também os meios de comunicação transmitem valores e informações correspondentes a determinadas ideologias e os sujeitos constroem suas representações por meio destas interações. É certo que a grande mídia a favor da indústria cultural, a qual faz parte, preconiza certas concepções de Lazer atreladas ao mercado, que comumente são internalizadas por parte da população que, por não disporem de um senso crítico nesta área ou por outros fatores, acabam reforçando a atual estrutura social. A escola é um dos locais que exerce grande influência na forma como os sujeitos percebem e agem no mundo, visando que estes se tornem cada vez mais cidadãos conscientes e participativos na sociedade, inclusive no Lazer ao problematizá-lo.

Podemos perceber que historicamente a escola vem se ocupando de uma formação quase que exclusiva visando o futuro e a esfera do trabalho. O próprio desenvolvimento da escola moderna, que é o modelo de nossas escolas atuais, foi objetivando esta função. “[...] A criança não é considerada em si mesma, mas sim em termos de seu potencial como futura integrante do mercado ‘produtivo’[...]” (MARCELLINO, 1995b, p. 54). Privilegiando saberes instrumentais visando o trabalho no sentido produtivo, a educação realizada em nossas escolas é pautada em saberes lógico-rationais e, na maioria dos casos despreza ou desvaloriza o Lazer em suas manifestações lúdicas, pois as escolas devem *negar o ócio*. Na educação orientada para a preparação para o trabalho as manifestações lúdicas, que trazem em si o prazer, a diversão, a participação, a criação e a livre expressão são desconsideradas como objeto de estudo. Nesta perspectiva, a escola restringe sua função de educação global a uma educação voltada ao mercado de trabalho, de produção e consumo de bens.

De fato, por toda parte, é o instrumentalismo estreito que reina, o discurso da adaptação e da utilidade momentânea, enquanto que as questões fundamentais, as que dizem respeito à justificação cultural da escola, são sufocadas ou ignoradas (FORQUIN, 1993, p.10).

Quando há atividades/manifestações do campo do Lazer, estas são encaradas como ferramentas para se preparar a criança para a vida adulta. Estas manifestações são meios de desenvolver certas atitudes relacionadas à sociedade utilitarista e pragmatista onde estas crianças serão adultas. Não se prepara para esta fase da vida e para se compreender as manifestações do Lazer. E além desta perspectiva estas manifestações também são encaradas pedagogicamente como “um fim em si mesmas” ou como “liberdade vigiada”, como salienta Pinto (2001):

Estas orientações pedagógicas destacam a verticalidade na organização e no controle das ações, bem como o sentido hedonístico das experiências de educação para o lazer na escola, que traduzem três idéias/estratégias principais. Inicialmente, essa vivência é fundada no prazer pela ‘atividade com o fim em si mesma’, ou, em seguida, é considerada como ‘atividade/meio’ para o ensino-aprendizagem de outros conteúdos escolares. Nesses dois sentidos, a recreação, em geral, não integra os currículos como objeto da educação e também não é considerada como parte de objetivos educacionais explicitados. Em terceiro lugar, é destacada a recreação como ‘liberdade vigiada’ – confundindo a orientação e a motivação com um simples ‘deixar fazer’ e a ‘omissão’ com facilidades para ‘liberdade de expressão’ (MARCELLINO, 1995; PINTO, 2000 apud PINTO, 2001, p. 57).

Identificamos esta ausência do Lazer como objeto de educação no currículo de Educação Física da escola foco deste estudo. Ao atrelar ao Lazer somente as funções de descanso e entretenimento, ligadas principalmente a uma satisfação individual, é fácil entender esta ausência, pois assim, para se atuar nesta esfera da vida não se precisa percebê-la criticamente, somente aprender e executar as ações, reproduzindo-as. Quando perguntada se trabalhava com o Lazer em suas aulas, a professora, apoiada em sua definição de Lazer, diz que não, pois sua aula não é tempo livre. Ao compreender o Lazer principalmente pelos aspectos tempo e atitude fundada no prazer, a professora desconsidera que neste tempo existem ações humanas constituindo certas manifestações culturais em determinado espaço e contexto social. O conjunto dos aspectos tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e atitudes, configuram um Lazer como fenômeno cultural, como produção humana expressando, na interação entre os sujeitos, diversos significados. Compreender o Lazer como cultura permite fazermos a ele uma análise crítica buscando na trama social conhecer como tal fenômeno, em seus aspectos que o compõem, se constitui ou vem se constituindo historicamente e como podemos nele

intervir conscientemente. Desta forma extrapolamos as compreensões estritamente subjetivas do Lazer e podemos incluí-lo na escola como objeto de um estudo crítico.

Ao Lazer a professora diz fazer referências somente ao trabalhar com seus alunos o assunto saúde, na quarta série, estimulando-os a optarem por atividades “ativas” em seus momentos de Lazer, evitando a obesidade e outros males. Quando perguntada sobre a relação entre suas aulas e o Lazer de seus alunos a professora remetesse a um exemplo de aula, o futebol.

Então, a minha aula é um conteúdo que a gente vai trabalhar. Futebol. Vamos pegar o futebol. Então ele não pode ser pensado ali como lazer. Pode até ser que aconteça o lúdico, a recreação, mas não posso pensá-lo enquanto lazer. Só que ele vai pegar este futebol e vai lá para a rua dele. Ai ele vai usar, vamos dizer, o futebol aqui como lazer. (profa)

Nesta relação entre cultura, escola e Lazer, a professora parece manter pouca relação dos **conteúdos** das aulas com o Lazer cotidiano de seus alunos. Pois até mesmo no(s) currículo(s), os conteúdos já estão estabelecidos e postos, e a disciplina de Educação Física, em várias vertentes, trazem conteúdos que parecem ter perdido a sua origem social, tornando-se objetos primeiramente da Educação Física. Quando valores e conhecimentos unitários e homogêneos estão presentes nas aulas de Educação Física, esta se configura a favor de uma organização racional e “adequada” do tempo de Lazer. Entendemos nesta fala da professora certa dificuldade em associar diretamente alguns dos conteúdos de suas aulas aos conteúdos/manifestações que compõem o Lazer de seus alunos. Assim a Educação Física pode estar associada ao Lazer ou não. Alguns conteúdos das aulas da professora são manifestações do campo do Lazer, mas a professora os vê primeiramente como conteúdos da Educação Física desatrelando a disciplina de sua relação dialógica com a realidade e de sua função crítica e cultural nesta esfera da vida. É identificado “a desvinculação entre a realidade, entre a cultura vivenciada e a prática da educação formal, e a consideração de uma criança abstrata a ser iniciada em conteúdos ‘culturais’ pretensamente superiores [...]” (MARCELLINO, 1995a, p. 119). Assim, o futebol, o handebol, ou a bola-queimada, por exemplo, pertencem a uma Educação Física, que ao focar, principalmente, os aspectos técnicos do movimento destas manifestações, se constituíram em melhores (ou ideais) possibilidades de Lazer aos alunos. E, pela forma como estes conteúdos são trabalhados em aula, pautados nas concepções descritivas de cultura (THOMPSON,

1999), entendemos que há uma educação para o Lazer nas aulas de Educação Física desta turma, atrelada as abordagens funcionalistas (MARCELINO, 1995a). Mesmo não tendo explicitamente objetivos direcionados ao Lazer como objeto estudo, este está presente nas aulas de Educação Física por meio das manifestações culturais lúdicas que, oriundas do Lazer são trabalhadas nas aulas, mesmo que não haja compreensão por parte da professora e dos alunos que isto esteja acontecendo. A educação escolar mesmo não especificando o Lazer como seu objetivo, pelo seu suposto direcionamento geral, contribui nesta educação.

“Lazer como elemento de mudança ou de acomodação, como fator de humanização ou simples bem de consumo” (MARCELLINO, 1995b, p. 81). A educação escolar pode contribuir neste impasse tendo-o como objeto de reflexão. Nesta relação entre educação escolar e Lazer, Puig e Trilla (2004) classificam a escola como um meio não-específico onde se pode ocorrer esta educação para o Lazer, pois a escola tem um papel social mais amplo.

Pode-se pensar que a escola, mesmo em sua atividade curricular, deve ter entre seus objetivos o de abastecer o estudante com o conjunto de recursos culturais que lhe ofereçam possibilidades mais ricas de ócio. O tempo escolar não é livre, mas, em princípio, poderia ter como uma de suas finalidades preparar para um ócio rico e criativo (p. 73).

A escola, ao desenvolver ações curriculares voltadas à cultura, num constante encontro de diferentes pessoas e formas de significar o mundo, deve incluir a esfera do Lazer como objeto de estudo, quebrando com tendências voltadas apenas as técnicas e a esfera do trabalho. Esta tendência educacional de preparação para a vida adulta, entendida como sinônimo de trabalho vem criando questionamentos referentes à legitimidade desta educação escolar.

Esse excesso de utilitarismo está nos levando a uma grande crise dos valores mais importantes para a própria sobrevivência, ou ao menos para a felicidade. Por outro lado, uma educação que se queira para a vida terá que estar muito atenta ao que é a vida. E, hoje, a vida não é mais só trabalho. Discutimos muito a importância que tem, em nossa existência, o constante aumento do tempo livre, o que nos permite afirmar que, hoje, a vida é trabalho, mas também é tempo livre. Assim, uma educação que mantenha o melhor do realismo deverá preparar os educandos também para o tempo livre (PUIG; TRILLA, 2004, p. 124).

Educar para o Lazer converte este Lazer em um meio de educação. Esta educação crítica para o Lazer torna o próprio Lazer crítico. E em uma de suas possibilidades de conscientização

A educação para o lazer pode ser entendida, também, como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, atenuando seus efeitos, através do desenvolvimento do espírito crítico. Além do mais, a ação conscientizadora da prática educativa, inculcando a idéia e fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades até com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados, pelos grupos interessados, junto ao poder público (MARCELLINO, 2002, p. 51).

As ações educativas com vistas ao Lazer devem possibilitar os alunos se compreenderem como sujeitos ativos, integrantes da cultura e co-produtores dos sistemas de significações que estão presentes nas manifestações que compõem o Lazer e, permitir que o Lazer seja encarado de forma consciente, crítica, criativa e transformadora da realidade. Assim, se deve considerar

[...] as possibilidades do lazer, como canal possível de atuação no plano cultural, de modo integrado com a escola, no sentido de contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conexão com outras esferas de atuação política. Uma pedagogia que considere, ao mesmo tempo, a necessidade de trabalhar para a mudança do futuro, através da ação no presente, e a necessidade de vivenciar esse processo de mudança, sem abrir mão do prazer restrito de que se dispõe, mas, pelo contrário, que essa vivência seja, em si mesma, prazerosa. (MARCELLINO, 1995a, p. 152)

O Lazer é produção cultural, e como cultura pode constituir-se em espaço social de compreensão e estruturação de significados e a educação escolar é possibilidade de ressignificarmos esta realidade. Considerando as relações de poder que se fazem presentes no Lazer e na seleção e organização dos conteúdos escolares, as aulas de Educação Física, ao serem críticas podem se tornar possibilidade de *desnaturalização* dos fatos sociais, tornando as aulas e conseqüentemente o Lazer em espaço de questionamento dos valores da sociedade visando as modificações adequadas. A Educação Física escolar como prática de (re)significação faz do Lazer sua ponte de ligação com a sociedade.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física há algum tempo vem se apropriando do termo cultura em suas reflexões. De sua origem físico-biológica, hoje algumas vertentes pedagógicas consideram a cultura como fator preponderante em suas reflexões acerca da Educação Física escolar. Para Daolio (2004) a

[...] 'cultura' é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, [...] expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos (p. 2).

Visando uma Educação Física que possa contemplar toda a composição de seu objeto de estudo, a vertente cultural é uma forma de agir nesta perspectiva. Pela cultura, por sua característica **inter** e **transdisciplinar**, é propiciada uma maneira de se abordar a realidade mais globalmente em suas inúmeras ralações. Existem outras perspectivas que tem este mesmo intuito, mas para fins deste trabalho focaremos a Educação Física como responsável pelo trato pedagógico de uma parcela da cultura denominada de *cultura corporal de movimento*⁹.

A Educação Física (entendida não como uma disciplina científica, mas como área de conhecimento e intervenção) contando com o auxílio das diversas ciências e da filosofia, busca examinar a cultura corporal de movimento com o olhar interessado de projetos que expressam valores (ligados a saúde, lazer e educação). [...] Um projeto é um conjunto de ideologias, teorias, informações/conhecimentos, expectativas, valores, etc. que refletem o interesse de grupos sobre uma dada prática social; circula socialmente na forma de discursos, e tende a concretizar-se em ações (BETTI, 2006, p. 85).

O autor enfatiza que a Educação Física fará, segundo seus valores, os recortes necessários a sua intervenção na cultura corporal de movimento, assim, outras áreas (biologia, sociologia, psicologia etc) podem examinar, e examinam a cultura corporal de movimento também, mas com *projetos* (e valores) de intervenção diferentes.

⁹ Existem algumas discussões na área sobre a utilização da expressão *cultura corporal de movimento*, por algumas redundâncias apresentadas, assim podemos encontrar também os termos *cultura corporal* ou *cultura de movimento*. Alguns autores brasileiros se destacam atualmente nas reflexões sobre a cultura corporal de movimento, sendo eles Valter Bracht, Jocimar Daolio e Mauro Betti.

Das inúmeras manifestações que constituem esta parcela da cultura denominada de cultura corporal de movimento a Educação Física elegeu, historicamente, algumas como objeto de estudo. Betti (2006) entende a cultura corporal de movimento que esta relacionada à Educação Física como a

[...] parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante a exercitação (em geral, intencionada e sistemática) da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas, práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas, dança e lutas/artes marciais (p. 77).

Os jogos, as ginásticas, os esportes, as danças, as lutas constituem-se como as temáticas culturais mais trabalhadas e historicamente relacionadas à Educação Física tanto dentro quanto fora das escolas. Segundo Werneck (2003)

Os conteúdos, que podem ser tematizados e revestidos de possibilidades educativas na Educação Física, são práticas culturais diversas, tais como jogo, brincadeiras populares, festas, danças, brinquedos cantados e inúmeras outras (p.30).

Dentro das escolas, ao longo da história, os conteúdos relacionados a estas temáticas quase que exclusivamente foram tratados em sua forma procedimental ou instrumental. O saber fazer caracterizava e ainda caracteriza muito as aulas de Educação Física. Técnicas, habilidades e capacidades eram a base do currículo tradicional. A cultura, desta forma, era o local de onde se seleciona as atividades a realizar em aula ou, uma ferramenta, um meio de contextualizar os conteúdos pré-estabelecidos.

Tendo a cultura em sua concepção semiótica, como um processo de significação, ou melhor, de ressignificação de uma realidade já existente, a Educação Física nesta perspectiva deve preocupar-se ao tratar seus temas não somente com os aspectos procedimentais, meramente técnicos, mas sim com todo o processo que envolve a produção de significados e sentidos destas práticas culturais. Esta forma de conceber o homem e de construir o conhecimento leva em conta todos os aspectos que formam a teia de significados que configuram a vida social. Na Educação Física – não somente os aspectos biológicos que algumas tendências pedagógicas privilegiam em suas práticas e nas formulações de conceitos que pensam alguns, serem suficiente para entender e agir de forma crítica

na sociedade - a nosso ver, todos os aspectos deveriam compor o campo de análise da disciplina.

Não se trata de ter o corpo como objeto de estudo, nem os esportes ou as danças em si, mas sim as relações estabelecidas entre o ser humano e estas manifestações culturais. E este processo de significação é enriquecido com a presença do outro. Pois se o significado é social, circula de maneira intersubjetiva, o outro será um mediador importante neste processo. E a *encorporação* ativa e dinâmica destes significados também produz mudanças de sentido.

As manifestações da cultura corporal foram produzidas [, e ainda são] em dado contexto sócio-histórico, com determinadas intenções, sentidos e significados, mas, com o passar do tempo, sofreram inúmeras transformações por suas íntimas inter-relações com a macroestrutura social. Isto é, foram ressignificadas (NEIRA, 2007, p. 182).

Na escola a Educação Física vem se constituindo como uma das disciplinas que estão diretamente relacionadas ao Lazer. Seus conteúdos de ensino, em sua maioria, são oriundos desta esfera da vida. Algumas das manifestações da cultura corporal de movimento que são objeto de estudo e que dão especificidade a disciplina são as mesmas manifestações que compõem o campo dos interesses físicos do Lazer.

Algumas questões referentes a este assunto são levantadas por Valter Bracht (2003). O autor aloca tanto a Educação Física quanto o Lazer dentro de uma perspectiva que tem na cultura o seu eixo central de discussão, e dentre outras questões levanta a seguinte: “[...] o lazer é ou deve ser uma referência fundamental para a teoria e a prática da Educação Física enquanto componente curricular?” (2003, p. 147).

Ao se trabalhar com a cultura corporal de movimento como objeto de estudo¹⁰ da Educação Física escolar em seus diversos temas/conteúdos que o compõe nos aproximamos dos estudos referentes ao Lazer pela comunhão destas manifestações culturais que também o constitui. Este capítulo traça algumas

¹⁰ A publicação do livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* em 1992 foi uma referência marcante sobre este tema colocando a Educação Física escolar em uma vertente crítica de educação. Segundo o Coletivo de Autores: “A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como [...]: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem” (1992, p. 61-62).

análises referentes às aulas observadas, as entrevistas e os desenhos/textos produzidos pelos alunos identificando as relações que se estabelecem entre o Lazer e a disciplina de Educação Física.

4.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E LAZER

Como já apontado em capítulos anteriores, as aulas de Educação Física deste grupo foram marcadas pelo **dirigismo** da professora. Podemos trazer como exemplo deste dirigismo uma das aulas de handebol, a sétima daquela turma, aula referente ao jogo em quadra inteira. Nas aulas que a antecederam não houve o jogo propriamente dito do handebol, segundo a professora as aulas foram sobre os movimentos técnicos e sobre as regras, sendo que, o jogo com a bola “oficial” ocorreria somente na próxima aula. Até, então, as aulas eram feitas com bolas de borracha. Todas as aulas tinham uma característica, a professora buscava os alunos na sala de aula, conduzia-os a quadra e todos sentavam no chão formando um círculo. Neste começo de aula a professora relembra o que haviam trabalhado na aula anterior, falava o que será feito nesta aula e todos fazem alongamentos como forma de aquecimento. A maioria destes alongamentos é na posição sentada e poucos na posição de pé. Nesta aula, a professora escolheu quatro líderes/capitães para as quatro equipes que faria. O restante dos alunos foi um a um escolhidos pela professora para comporem estas equipes que se formavam pelos alunos sentados em colunas no chão. Estas equipes tinham 7 ou 8 alunos cada. Após esta etapa a professora disse que dois times jogariam e dois ficariam de fora. A equipe que ganhasse o primeiro jogo ficaria em quadra e outra equipe entraria no lugar daquela que perdeu. Depois as duas equipes saíam. Todos os alunos fizeram a aula - jogaram o handebol. Poucos problemas e discussões surgiram durante a aula, fato que também ocorreu nas demais aulas observadas. As intervenções da professora se limitavam a corrigir movimentos, posicionamentos táticos e algumas questões referentes à regra do jogo. Em alguns momentos os alunos que esperavam para jogar se organizavam em pequenos grupos e realizavam brincadeiras entre eles. Parecia que estas brincadeiras eram tão ou mais interessantes para eles que o jogo de handebol. No final da aula, a professora declara a equipe campeã e as demais colocações e fala aos alunos que estavam em um tipo de campeonato de “eliminatória simples”. Este fato me deixou juntamente com as crianças surpreso,

pois ninguém sabia que estavam num tipo de torneio. A equipe campeã ficou muito alegre, a aula terminou e todos voltaram para a sala.

Tanto nesta aula quanto nas demais observadas este dirigismo da professora tinha como objetivos os aspectos técnicos, táticos e as regras de jogos/esportes. O corpo e o movimento eram objeto de ensino. Um ensino de posturas e movimentos eficientes para a realização das tarefas apresentadas - a realização do jogo. Mas, mesmo com a professora estabelecendo os conteúdos, os conhecimentos e as atividades que seriam trabalhados nestas aulas, direcionando assim, a aprendizagem destes alunos a certos aspectos dos conteúdos abordados, estes mesmos alunos encontravam no momento das aulas brechas nas quais podiam se relacionar assumindo certas posturas que extrapolavam os objetivos propostos pela professora e, também, realizavam outras atividades que não relacionadas diretamente ao handebol - conversas e jogos paralelos. Os alunos atribuem às aulas de Educação Física diversos sentidos que orientam este processo de significação, os quais veremos mais adiante.

Outro fato que chama atenção é a postura dos alunos nestas aulas. Em momento algum ouvi reclamações ou sugestões ou a participação ativa dos alunos na elaboração e estruturação das aulas. Algumas expressões dos alunos denunciavam que não estavam gostando do que estava acontecendo ou do que ia acontecer, mas não externavam diretamente a professora seus sentimentos sobre as aulas. Parece-nos que a professora foi ao longo dos meses/anos criando este tipo de relação com seus alunos, onde eles deviam realizar sem muito questionamento o que a professora solicitava. Um **aparente** silêncio e ordem foram imperativos nestas aulas observadas.

Nos textos/desenhos que a turma realizou alguns alunos colocaram este interesse de maior participação nas aulas.

Eu gostaria que nós escolhesse o time. Porque a professora que escolhe (F.O.10a)

E quando nós fazemos queria que a professora deixasse nós darmos opiniões para o que nós vamos fazer (V.C.9a)

As conversas observadas entre os alunos e a professora eram somente relacionadas à aula, sobre as regras, sobre os movimentos mais corretos ou sobre algum aluno que estava atrapalhando seu colega. Em uma das aulas de

handebol, no início, antes de realizarem os alongamentos, um aluno e uma aluna perguntaram a professora quando teriam aula de futsal e de *limpa casa*, um tipo de jogo que a professora lhes ensinou e, a professora lhes respondeu dizendo que “*hoje é handebol*”. Esta foi a única vez que vi uma tentativa dos alunos em pelo menos saber quando teriam determinado conteúdo nas aulas.

Mesmo não tendo participação na constituição dos conteúdos e elaboração das aulas os alunos se mostravam bastantes ativos em seu desenvolvimento. Apesar de alguns alunos não concordarem plenamente com o que tinham que fazer, todos realizavam as atividades.

A aula de educação física é muito legal. Apesar de ser muito pouco tempo, os professores são muito legais com nós. Tem alguns exercícios que são muito legais, mas tem alguns que são um pouco chatos. Mas eu não deixo de fazer a educação física porque eu não gosto daquela brincadeira. (L.A.)

Os alongamentos eram uma constante das aulas que se realizavam na quadra. Em uma das aulas perguntei a um aluno durante estes alongamentos porque faziam isto. “*Acho que é um treinamento*” foi sua resposta. Os alongamentos eram um tipo de aquecimento que a professora os fazia realizar para prepará-los para o restante da aula que exigiria mais esforço físico, assim estes alongamentos poderiam prevenir algumas lesões. Este tipo de estruturação da aula está atrelada a uma concepção de Educação Física tradicional ou mecanicista, onde os objetivos da Educação Física escolar estão atrelados a melhorias dos aspectos físico-corporais. Estes objetivos estão permeados por conhecimentos estritamente biológicos de uma *educação do físico* ligados a perspectivas de uma Educação Física escolar do início a meados do século passado (higienista, militarista e esportivista). Podemos dizer que nesta perspectiva a Educação Física é

[...] disciplina que, por meio das atividades físicas, promove a educação integral do ser humano - mas, a conotação, na prática, é a do desenvolvimento físico-motor ou da aptidão física, servindo a ‘educação integral do ser humano’ para satisfazer/caracterizar o discurso pedagógico (BRACHT, 1999, p. 43).

Como as aulas observadas se pautavam mais em objetivos de cunho procedimental, de realização de determinadas habilidades e jogos, exigindo um determinado esforço (como toda atividade física), os alongamentos responderiam a

uma necessidade criada por estes conhecimentos advindos da biologia/fisiologia, principalmente, associados à saúde de quem realiza tais movimentos.

Na aula em que os alunos jogaram handebol na quadra inteira e com a bola “oficial”, eles já chegaram com um espírito competitivo mais forte devido à última aula na qual foi utilizado a “eliminatória simples”. A professora lhes fala que hoje a aula seria jogo, só que agora com a bola oficial. Os alunos pegam um a um a bola, todos sentados em círculo, e após a professora monta as quatro equipes. Vê-se que alguns alunos adoram estar jogando e, também, o clima de competição, e que outros jogam porque é aula e são obrigados a fazer. Nesta aula, a professora comunica-os no início da aula que será uma competição de “eliminatória simples” e, relembra algumas regras. As crianças que esperam sua vez para entrar na quadra e jogar (entre 8 e 10 minutos) como na aula anterior realizam algumas atividades. Alguns ficam sentados conversando, outros ficam brincando de *pezinho*¹¹, e outros *batendo bafo*. Um grupo ficou ao meu redor perguntando e querendo ler o que escrevia em meu caderno. Esta foi a única vez que os alunos tomaram iniciativa para vir conversar comigo.

No final da aula a professora perguntou para os alunos se era melhor ou pior jogar com a bola oficial. Alguns poucos alunos responderam que era melhor, pois a bola pula mais e era mais fácil de segurar. Pareceu-me que o objetivo específico daquela aula estava relacionado à bola - suponho que verificar as diferenças no modo de jogar individual e coletivo condicionado pelo fator bola. Pelo motivo da professora não elaborar planos de aula com os conteúdos e os objetivos e não comunicá-los aos alunos, nem eu e nem os alunos ficávamos sabendo os objetivos daquela e das outras aulas.

Em relação aos planos de intervenção pedagógica da disciplina, a professora me disse seguir na medida do possível a P.P. (currículo) de Educação Física da escola. Este currículo de Educação Física da escola é o mesmo que a secretaria de educação do município encaminhou a escola no começo do ano de 2009. Aliás, esta é uma prática muito comum nas escolas da rede municipal de educação, adotar pelo menos no papel, sem muitos questionamentos as fundamentações teóricas, os conteúdos, objetivos e os procedimentos didáticos da disciplina de Educação Física encaminhados pela secretaria de educação.

¹¹ Onde tinham que pisar no pé do colega sem deixar que este pise em seu.

Buscamos na P.P. os objetivos e os procedimentos didáticos relacionados ao handebol na 4ª série que são:

- Estudar e vivenciar as formas do jogar handebol, futsal, basquetebol, voleibol com ênfase em seus fundamentos básicos reconhecendo as suas habilidades motoras necessárias para o jogo e vivenciar.

- Propiciar o conhecimento do handebol para os alunos como histórico, fundamentos básicos, habilidades motoras necessárias para o jogo e sua forma de vivenciar (P.P. 2009, p.368).

Pudemos identificar nestes objetivos e, na maioria dos outros objetivos que compõe os conteúdos de ensino não só da 4ª série, mas também das outras séries que, estes são quase que exclusivamente voltados para aspectos técnicos dos movimentos corporais, relacionados às capacidades físicas e perceptivas e as habilidades motoras. Concordamos com Alves (2003) que ao tratar os conteúdos da Educação Física devemos considerar toda a trama de conhecimentos que compõem seu objeto de estudo.

Considero a cultura corporal de movimento como objeto de estudo, pertinente de ser tratado pela Educação Física [...]. Entretanto, penso que nós, profissionais da área, precisamos compreender a complexidade da expressão. Não basta dizer que o esporte, o jogo, a ginástica, a dança, as lutas são os conteúdos dessa cultura corporal de movimento. É preciso entender de que esporte estamos falando; em que contextos ele foi produzido; quais os significados que eles possuem para seus atores; e quais conhecimentos estão sendo (re)produzidos a partir da sua vivência (ALVES, 2003, p.110).

Analisando os conteúdos e os objetivos elencados pela P.P. da escola/município correspondentes a 4ª série, não compreendemos que as aulas de Educação Física possam, em sua maioria, se configurar como críticas e reflexivas como a própria P.P. propõe que a Educação Física seja, ou que seja capaz de formar cidadãos críticos comprometidos com mudanças sociais voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e solidária (como assinalamos em capítulo anterior sobre trecho da própria P.P.). Somente a unidade denominada de “Aspectos relacionados à saúde” parece-nos permitir ao aluno refletir sobre a cultura corporal de movimento para além de sua execução. Vários conteúdos relacionados às manifestações culturais, principalmente, aos esportes, também trazem como objetivo colocar o aluno frente ao processo histórico que estas manifestações vêm passando. Não foi presenciado este fato, mas isto também pode se configurar em

uma forma crítica de abordar tais conteúdos. Mas, tudo depende da metodologia de intervenção aplicada às aulas.

Analisando a P.P. verificamos que esta atrela as finalidades da Educação Física aos conhecimentos sobre a cultura corporal. Em nota de rodapé traz a seguinte texto: “Entende-se aqui cultura corporal na perspectiva de unidade/totalidade, na medida em que as produções intelectuais ou cognitivas e sócio-afetivas são materializadas e difundidas corporalmente” (p.347). Entendemos que tal entendimento de cultura corporal confunde-se com o conceito de corporeidade¹² não trazendo uma definição de cultura e nem uma especificidade no trato pedagógico da Educação Física perante estas produções. Enfatiza que a finalidade da Educação Física é este corpo complexo e, portanto, todas as produções humanas seriam objeto de estudo da Educação Física. E os objetivos reforçam tal perspectiva e introduzem o termo motricidade, porém sem explicá-lo. Os objetivos propostos pela P.P. para a Educação Física no ensino fundamental são estes:

Possibilitar aos alunos situações que envolvam análise, reflexão e abstração sobre seu corpo, compreendo-se como corpo, corpo possível e em movimento;

Propiciar ao aluno, enquanto sujeito, a tomada de consciência de sua motricidade;

Favorecer ao aluno a apropriação real de sua própria motricidade, bem como os bens culturais que esta motricidade tem produzido e pode produzir;

Contribuir para a compreensão do aluno sobre os sistemas de significações nos quais suas ações estão inseridas;

Proporcionar situações nos quais o aluno promova a interação entre o fazer, o saber-fazer, assim como converta ao plano consciente as estruturas utilizadas na produção das ações;

Possibilitar ao aluno a aquisição de um repertório cultural relacionado com a motricidade humana.

¹² A corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expansivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se torna a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em uma perspectividade; torna-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda a ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele, enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo de vida se perpetua (OLIVIER, 1995).

Após estes objetivos, tentando delimitar o objeto de estudo da Educação Física na escola, afirma que o “[...] objeto de estudo é o movimento humano carregado de intencionalidade, significado e significância” (P.P., p.348). Como Geertz (1989, p.8) afirma, os significados culturais se fazem por meio do comportamento humano que é ação simbólica, que exprime, indica, significa alguma coisa dentro de determinado contexto e relação, por tanto esta é uma tentativa de especificar o objeto de estudo da Educação Física que não o faz, deixando a cargo da Educação Física praticamente todas as produções humanas. Isto traz consequências ao entendimento sobre a Educação Física escolar e suas funções na escola, que se vê na professora e em seus alunos. O desenho e o texto do aluno L.N.(9a) demonstra este fato, quando o mesmo coloca que “aprendeu” o tempo certo de atravessar a rua em uma das aulas de Educação Física.

O corredor perigoso nos ajuda a aprender a atravessar a rua. Nesse jogo você tem que chutar a bola bem longe, e correr e tocar com o pé a bolinha. E nesse jogo eu aprendi o tempo que é necessário para atravessar (L.N.9a)

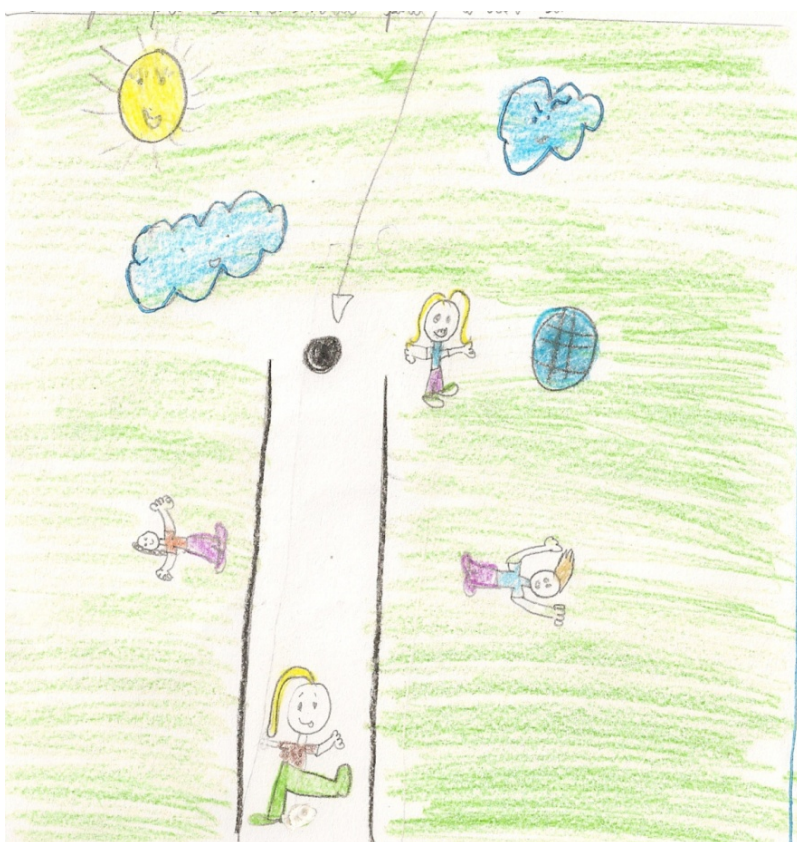


Figura 1 - Brincadeira de bola – corredor perigoso.

A P.P. de Educação Física, como já apontado, não traz menções sobre o Lazer. Mas, entendemos que o handebol, o basquetebol, o futsal, o vôlei e outras manifestações culturais que constam na P.P. tanto como conteúdo quanto como metodologia de aula, são manifestações oriundas também da esfera do Lazer. Parte das aulas, mesmo sem a consciência da professora e dos alunos, constitui-se como voltadas para o Lazer. Tem seus temas oriundos do Lazer, recebem seu trato pedagógico e, provavelmente, fará com que os alunos vivam seus lazeres de forma diferente.

Quando perguntada sobre as funções da Educação Física na escola, a professora diz que é *trabalhar os conhecimentos inerentes da disciplina* e complementa

Vamos dizer cultura corporal, né. Dentro da cultura do corpo e do movimento os conhecimentos dessa vertente da área de conhecimento. [...] Eu penso assim, o aluno precisa sair da escola compreendendo o seu corpo, compreendendo como o seu corpo age, os seus movimentos, como ele age no mundo, como ele age para ele mesmo e levar isto para a vida pregressa dele, a vida alias futura dele, posterior a escola.

O termo cultura corporal é utilizado enfatizando os conhecimentos trabalhados na área sobre as questões do corpo e do movimento, não a junção dos termos “cultura” e “corpo” que implicaria em outra possível abordagem da disciplina, reafirmando esta não especificidade da área de estudos da Educação Física nesta proposta.

A fim de melhor compreender estas funções da Educação Física algumas outras questões foram realizadas. E, segundo a professora, a Educação Física deve

Trabalhar o corpo, movimento dentro da cultura do conhecimento.

Nesta fala observamos um dualismo entre o corpo e seus movimentos e a esfera cognitiva onde a Educação Física seria responsável de unir estas duas esferas, corpo e pensamento que se encontrariam separadas. E, quando perguntada sobre a relação dessa cultura com a Educação Física ela dá sua resposta remetendo-se ao conceito de cultura já mencionado no qual cultura é toda a produção humana e não especifica novamente as funções da Educação Física na escola.

Tudo é cultura. Imagina a produção humana, o que que nós somos? Nós somos o corpo, né. É o movimento.

Neste momento, a professora pega a P.P. e lê os objetivos da Educação Física. Após sua leitura comenta o último objetivo elencado, reforçando novamente a sua compreensão sobre cultura e cita a motricidade.

Não tem como você ter cultura sem você ter motricidade. A cultura é qualquer produção humana, e o corpo é humano.

A P.P. mesmo não especificando claramente em seu texto do referencial teórico qual seria o objeto de estudo da disciplina de Educação Física na escola, os títulos das unidades de ensino acabam fazendo um pouco este papel. Os títulos das unidades que orientam os conteúdos de ensino são estes: aspectos relacionados à saúde; capacidades perceptivo-motoras; capacidades físicas; habilidade motora; expressão corporal e rítmica; e jogos e práticas esportivas. As observações, as entrevistas e os textos/desenhos demonstram que a ênfase é dada a unidade *jogos e práticas* esportivas, pois os esportes estão presentes mais fortemente nas aulas. Por ter o esporte como conteúdo de ensino, suas características principais também são levadas para a escola nas aulas de Educação Física e, se não abordadas de forma crítica as aulas acabam por reproduzir e até mesmo reforçar suas características de competitividade, racionalização, rendimento e abafam outras, como criação, divertimento, coletivismo que também poderiam compor estas aulas. Durante as entrevistas dois alunos deram destaque ao esporte em sua relação com a Educação Física na escola:

(M.09a)

O que você faz na aula Educação Física? Você estuda, você brinca...

Na verdade a gente estuda brincando, né. Ai você estuda tipo esporte, mas ai você vai praticando os esportes.

O que você estuda nos esportes?

Como joga.

Lembra algum e explica.

Handebol. O passe, a regra, ...também pra, pra fazer o gol não pode fazer com as duas mãos, tem sempre que fazer com uma mão ou com o pé.

(J. 9a)

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

A gente faz alongamentos, a gente aprende a fazer alongamentos. Pra fazer sempre antes dos jogos e brincadeiras. Porque se não fizer pode ficar com uma parte do corpo doendo depois. E depois a gente aprende um esporte, e alguma brincadeira. Aquecer.

O que é que você aprende nas aulas de Educação Física?

Ah, eu aprendo esportes e a fazer alongamentos.

Vocês brincam ou jogam alguma coisa mais na Educação Física?

A gente brinca de alguma coisa antes do jogo, pra aquecer, depois a gente joga um jogo que a professora vai começar a ensinar.

Vocês têm aula de dança?

De dança não, mas a gente ensaia pra apresentar no final do ano.

Você esta aqui na escola desde quando?

Desde a 2ª serie.

Você já teve aula de dança alguma vez?

Não.

E aula de esporte tem?

Tem na Educação Física, porque a professora ensina vários esportes. Só que tem um que eu queria que ela ensinasse também, mas não dá. Eu queria que tivesse piscina e a professora desse natação. Porque eu faço natação, daí eu não fazia natação porque não dá para pagar. E se eu fizesse aqui seria bom porque eu faria duas vezes por semana.

E aula de luta?

Não. Com a professora [...] nunca teve.

E de ginástica?

Não.

Nesse ano nem nos outros anos?

Não.

O que ela dá então?

Ela dá esportes e brincadeiras. E alongamentos.

As entrevistas destacaram o caráter procedimental das aulas de Educação Física, onde a questão do *como fazer* norteia os objetivos relacionados principalmente ao esporte. Tanto no esporte quanto nos outros temas abordados pelo enfoque técnico-operacional dos conteúdos não possibilita reflexões mais profundas sobre estas manifestações e sobre a sociedade, reproduzindo certos

conceitos e atitudes colaborando para a manutenção destes padrões culturais. E esta predominância dos esportes como conteúdos da Educação Física perante as outras manifestações da cultura corporal possíveis de serem abordadas pela disciplina é reafirmada pela professora quando esta diz que as danças e as lutas nunca foram tratadas por ela como conteúdos.

Esportes, lutas e dança você aborda-os como conteúdo?

Abordo. Dança mais para a questão dos eventos.

Como você trabalha?

Luta não. Luta eu não abordo. (profa)

Este destaque que algumas manifestações culturais recebem em detrimento de outras é reflexo de uma série de questões. A sociedade capitalista tem o esporte como um dos elementos que podem disseminar algumas características e formas das pessoas agirem em sociedade, ajudando a fortalecer e espalhar seus ideais dentro das sociedades. Isto também reflete na formação dos profissionais – professores de Educação Física que por muitos anos depararam-se em sua formação com tais ideais, onde os currículos das faculdades enfatizavam tais manifestações como os conteúdos mais importantes ou quase que exclusivo das aulas de Educação Física. Temos também a própria sociedade que influenciada por tais pensamentos entende que a Educação Física é responsável por tratar o fenômeno esportivo de tal maneira, e cobra isto das aulas.

Os desenhos que alguns alunos fizeram também refletem esta forte relação que se vem construindo há muito tempo entre a Educação Física escolar e o esporte. Vinte desenhos fizeram alusão a algum destes esportes: handebol, futebol/futsal, natação e futebol americano.

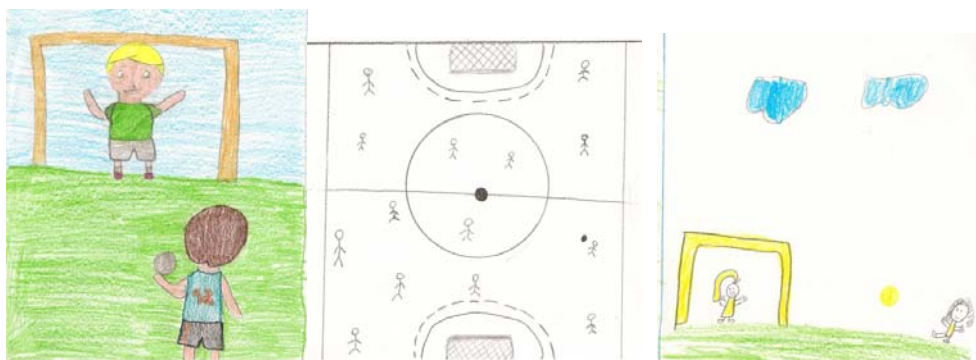


Figura 2 - Relação entre a Educação Física escolar e o esporte.

Outros nove desenhos corresponderam a outras manifestações culturais: bola queimada, rouba bandeira, ginástica, corredor perigoso (jogo) e dormir. Pelas observações e entrevistas não identificamos qual o conceito de esporte destes alunos, e se estas manifestações citadas e expostas acima são ou não consideradas esporte por eles, pois em algumas entrevistas e textos verificamos que alguns alunos diferenciam brincadeira e ginástica de esporte, mas em outros textos as brincadeiras e as ginásticas são consideradas esportes.

Na aula de Educação Física a parte que eu mais gosto de trabalhar é o equilíbrio, a ginástica é a coisa que eu mais gosto entre os esportes (E.G.9 a)

Parece-nos que alguns alunos entendem que todas as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física são esportes, reafirmando o senso comum onde atividade física é sinônimo de esporte. E pelas características das aulas - pela forma como ela é estruturada, como a professora e os alunos se postam, e pelos objetivos supostamente propostos - este esporte/aula tem objetivos que colaboram para a estabilidade social.

O esporte é uma das manifestações culturais que estão mais presentes dentro das aulas de Educação Física e, também, no Lazer das pessoas. E, tanto no Lazer quanto na Educação Física esta relação pode-se constituir reproduzindo o que está posto pela sociedade de forma não crítica ou, de forma crítica compreendendo tais manifestações na busca de mudanças qualitativas em tais manifestações e também na maneira de viver em sociedade.

Porém, mais do que simplesmente estimular as pessoas à prática de atividades físicas, é importante tentar conscientizá-las sobre os sentidos e significados dessas práticas na ordem social contemporânea. É importante que as pessoas aprendam a desvendar, de forma crítica, os discursos difundidos com constância pelos meios de comunicação sobre a prática de atividades físicas, percebendo como tais discursos carregam valores deturpados ou mitos. É preciso esclarecer essas dimensões do esporte para o público-alvo [alunos], explicitando como a prática de atividade física hoje se constitui em poderoso mecanismo para a venda de produtos. É preciso descortinar os princípios básicos que regem o 'sistema esportivo', apenas aparentemente ingênuos (ALVES JUNIOR; MELO, 2003, p. 42).

As aulas de Educação Física observadas mantiveram uma grande relação com o Lazer. Esta relação se estabelece pelos conteúdos das aulas que são

em sua maioria ligados as manifestações que compõe o Lazer das pessoas ou a conhecimentos ligados a estas manifestações. Porém, a maneira como estas aulas são desenvolvidas caracteriza o tipo de relação que se vem construindo. A ênfase em conteúdos esportivos ou ligados a ele focando apenas os aspectos procedimentais, o dirigismo da professora ao trabalhar tais conteúdos direcionando o aprendizado (ou tentando) e minimizando a participação dos alunos na escolha dos conteúdos e pouco considerando suas realidades nesta escolha, faz com que as aulas observadas se constituam em uma tentativa de reprodução de certos saberes estabelecidos, que poderá também refletir no Lazer destes alunos.

Sabemos que as relações que se estabelecem em aula não são totalmente controladas pelos professores e que os processos de criação de sentidos ocorrem a todo instante e extrapolam os objetivos propostos. Às aulas de Educação Física são atribuídas diversas funções, tanto pela professora quanto pelos alunos, e isto influencia a forma como cada um se relacionará com a aula e direcionará seu processo de significação.

Nas entrevistas com os alunos perguntamos qual/ais seriam as funções da Educação Física na escola. Nestas respostas distinguimos três núcleos que também se apresentaram nos textos coletados: o da *aptidão física*, onde as aulas seriam tempo e espaço para exercitar o corpo desenvolvendo habilidades e capacidades físicas relacionadas à melhora da saúde; o do *Lazer*, onde as aulas seriam tempo e espaço para distração, repouso e diversão; e da *aprendizagem*, onde pelas aulas de Educação Física, eles os alunos, teriam contato com conhecimentos e atividades novas e situações que possibilitariam a aquisição de novas posturas em seu cotidiano, diferentemente dos outros dois núcleos onde nas aulas de Educação Física estariam suas finalidades. Algumas respostas trouxeram estes núcleos relacionados e outras especificaram mais estas funções da Educação Física escolar.

Pra movimentar os músculos, pra ficar forte. (F. 13a)

Pra nos ensinar alguma coisa que a gente nunca sabe o que que é. As regras daquele jogo e outras coisas assim. (N. 10a)

Eu acho que é para a gente se exercitar, estudar um pouco do corpo, do... movimento, e um pouco dos esportes. (M. 9a)

Pras pessoas...saberem como deixar o corpo em bom estado e pra dar uma relaxada das aulas.(J.9)

A Educação Física é um momento de lazer para você não ficar tão concentrado somente em estudo. Porque se você só ficar concentrado em estudo você não aprende, então tem que ter pelo menos uma hora de lazer. (A. 10a)

Verificamos também nos textos, que as relações que alguns alunos estabelecem entre a Educação Física e o Lazer estão condicionadas ao momento da aula em si. As aulas seriam consideradas momentos de Lazer onde poderiam se divertir e descansar.

A aula de Educação Física é legal, gostosa, divertida, etc. Ela é aula melhor da semana. Com essa aula agente aprende e se diverte ao mesmo tempo. Com ela a gente descansa porque a gente se livra de escrever, ela e super legal.[...] (G.K.9a)

O que você faz nas aulas de Educação Física? Você estuda você brinca.

Nós brincamos. (F. 13a)

Esta é uma concepção de Educação Física que se confunde a algumas concepções de recreação, sendo as aulas de Educação Física um tipo de válvula de escape das obrigações e tensões da escola. A Educação Física em consonância com os objetivos da educação escolarizada, buscando a compreensão da sociedade e as mudanças necessárias, deve extrapolar esta relação e compreender as atividades que compõe as aulas como práticas culturais, expressão de sujeitos e conhecimentos na sociedade.

As aulas de Educação Física têm a difícil missão de superar a perspectiva de simples hora de lazer ou mera prática esportiva, constituindo-se como um trabalho que tematiza a cultura corporal, encarada como linguagem (BRASIL, PCN+, p146).

As questões referentes à *aptidão física*, à saúde e à qualidade de vida não estão desatreladas do Lazer. É sabido que as atividades físicas, quando realizadas de forma adequada, contribuem para a melhoria da saúde das pessoas e que muitas destas atividades compõem o Lazer das pessoas. Os conhecimentos referentes à saúde e aptidão física também contribuem no processo de significação das manifestações culturais de Lazer sendo também pertinentes aos conhecimentos trabalhados nas aulas de Educação Física. As atividades desenvolvidas em aula podem não contribuir para a melhora da aptidão física dos alunos, mas tais

conhecimentos, juntamente com outros possibilitaram o aluno em seu dia-a-dia orientar-se melhor quando almejado tais finalidades em seus lazeres e, também, a olhar de forma mais crítica as questões relacionadas à saúde em nossa sociedade.

A aula de Educação Física é um preparo físico para o nosso corpo se fortalecer, gastar a energia que os alimentos nos dão e quem for obeso emagrece de um jeito saudável e um jeito de se divertir (F.S.10a)

As funções da Educação Física mais relacionadas ao *aprendizado* sugerem que as aulas seriam oportunidades de se conhecer coisas novas, principalmente relacionadas ao corpo, à brincadeira e ao esporte e, desenvolver certas capacidades e posturas na vida.

Eu acho a aula de física muito legal. Também acho muito interessante, porque podemos aprender brincadeiras novas e ganhamos mais agilidade. Com a física na escola aprendemos muitas coisas como aprender a perder, dar dicas para quem não sabe o que fazer, não humilhar o adversário, saber perder. Temos que ser criança, não podemos só ajudar. (F.E.10a)

A aula para mim é uma forma que os professores acharam para fazer com que nós aprendemos outros esportes, e também uma maneira de se divertir. Também uma forma de educar mais as crianças. Além disso nos ensina a compartilhar as coisas[...] (C.A. 9a)

A Educação Física é muito legal e também tem o xadrez que ajuda a desenvolver a mente. (G.S.10a).

Estes alunos reconhecem que a Educação Física extrapola suas funções as vivências da aula, possibilitando aprendizados para o cotidiano. Como suas respostas trouxeram grande relação com as brincadeiras e os esportes, esta aprendizagem tem relação direta com o Lazer.

Tanto nas entrevistas, textos e desenhos, quanto nas observações identificamos a forte relação entre a Educação Física e o esporte.

São as brincadeiras e os esportes que fazemos no acompanhamento da professora (J.O.10a).

Estes esportes e as outras manifestações culturais citadas por alguns alunos nas entrevistas e nos textos confirmam o que foi observado. A ênfase das aulas está no aspecto técnico e tático de tais manifestações.

(A.10a)

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

De esporte, ela sempre deu futebol. Eu estou aqui desde o ano passado, né, eu comecei faltando cinco meses o ano passado e vim para o [...], do ano passado até pra cá ela, deu futebol, handebol, é, ela trabalhou um pouquinho de vôlei, é basquete, aquela brincadeira, o pique bandeira, bola queimada, ameba, muitas brincadeiras.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Sempre aprendo coisas novas.

Quando ela trouxe o futebol, você já sabia?

Já.

Você aprendeu alguma coisa a mais, nova? No basquete, bola queimada?

Sim, a questão do passe, né, como você fazer o passe certo, porque ela é uma professora muito boa de Educação Física.

(N.10a)

O que você faz na Educação Física? Você estuda, você brinca...

Nós aprendemos algumas coisas e também nós brincamos, como ... se a gente aprende handebol, fala das regras, do como é o jogo, dos passe, como é jogada a bola, essas coisas.

Apesar da grande influência que as ciências humanas vêm exercendo sobre a Educação Física, muitas aulas ainda são pautadas em aspectos técnicos e de ordem biológica. Mesmo que culturalmente constituídos, tais aspectos isolados não dão conta de uma Educação Física preocupada com mudanças sociais.

Ainda hoje a ênfase recai, principalmente, sobre a sistemática operacional de jogos e brincadeiras, o que dificulta a ação/reflexão/ação, bem como a apropriação sensível, criativa, contextualizada e crítica das diversas práticas culturais que podem ser trabalhadas na Educação Física (WERNECK, 2003, p. 26).

Durante a aula de xadrez, a professora mostrou seu caderno onde registrou as avaliações que fez. Não se teve muito tempo de acesso a ele, mas verificamos que suas avaliações são relativas a aspectos atitudinais dos alunos, tais como: se domina certos movimentos, se mantém bom relacionamento com os

colegas e se realiza os jogos conforme as regras estabelecidas - referendando o que foi observado.

A exclusão de diversas manifestações da cultura corporal de movimento, tais como as danças e as lutas, acabam valorizando outras como os jogos, os esportes e as ginásticas. E estas manifestações são escolhidas e apresentadas a partir de uma ordem valorativa da P.P. da escola, da rede municipal e da professora. São alguns esportes e jogos que estas instâncias entendem ser mais adequados aos fins da Educação Física escolar. E, quando tratados os temas das unidades *capacidades perceptivo-motoras*, *capacidades físicas* e *habilidades motoras*, estes se mostram muito generalistas, presentes em várias situações do cotidiano, até mesmo nos animais, exigindo dos professores que desenvolvem tal temática que insiram tais conteúdos em manifestações culturais já existentes ou criem algumas situações em que tais conteúdos possam ser trabalhados. Desta forma percebemos que alguns conhecimentos são desenvolvidos a respeito de tais temas, mas que estes conhecimentos são somente parte de um todo mais complexo que comporiam algumas manifestações culturais, e as relações neste todo são muitas vezes desconsideradas. Outra questão observada é a descontextualização de tais manifestações, tanto quando conteúdo quando como meio de ensino. Este fato prejudica a elaboração de compreensões mais críticas sobre a realidade, principalmente, na qual os alunos pertencem. Tanto na Educação Física quanto no Lazer temos

[...] a necessidade de considerarmos os seus conteúdos a partir das práticas significativas para os grupos sociais que a desenvolvem. Tomemos como exemplo o esporte, não basta considerá-lo um fenômeno historicamente produzido pela humanidade, um conteúdo da cultura corporal de movimento. Ele será aquela manifestação cultural dotada de significados para os sujeitos que vivenciam a produção da ação dentro do seu contexto cultural e da cosmovisão de seu grupo (ALVES, 2003, p.105).

Lembramos que a ênfase das aulas em movimentos e manifestações descontextualizadas que retira dela seu potencial crítico, desassociando-os de seus aspectos culturais de produção e transmissão de significados e sentidos, não possibilita a compreensão destes e da sociedade de forma dialógica em todos os seus aspectos.

Durante a entrevista a professora tenta fazer a relação entre as aulas e a vida cotidiana de seus alunos(as), mostrando novamente uma não

especificidade em termos culturais dos conteúdos das aulas e uma abordagem não crítica destes conteúdos.

Qual que é a relação do que é apreendido nas aulas de Educação Física com a vida cotidiana deles?

Então... se for pega especificadamente cada conteúdo, né. Por exemplo, quando eu trabalhei a relação espaço e tempo, né, a estruturação, a organização espaço temporal, então como ele vai levar isto para a vida dele? No atravessar uma rua, até num escrever. O que mais...em tudo, né, no cotidiano dele ele vai estar usando isso. Só que ele usa de forma inconsciente, né. Ele esta só usando.

Você vê alguma atividade do cotidiano de seus alunos dentro, aqui, das suas aulas? Você falou de alguma forma como suas aulas vão para o cotidiano deles. Agora o cotidiano deles em sua aula?

Ah! Muita coisa, né. O andar, o correr, todos os movimentos que eles trazem. Eles trazem muito exemplo quando a gente começa algum conteúdo eles trazem o exemplo. Por exemplo, eu trabalhei equilíbrio com o 1º ano, então 'ai tia, minha mãe desequilibrou lá e derramou água quente na perna e queimou a perna toda'. Eles conseguiram perceber. Lateralidade, eu trabalhei a lateralidade esses tempos. Eles fizeram uma pesquisa. Eu falei "ó, vocês vão para casa e vão pensar, vão pensar não, vão observar com que mãozinha que escovam os dentes, com que mãozinha que come, que pega o talher, que mãozinha que corta o pão, 'a mas eu não corto o pão é minha mãe que corta para mim', mas olha a mão dela", e tal né. Eles observarão no dia-a-dia deles que eles estavam usando mais um lado do que o outro. Dominância lateral eles estavam aprendendo no dia-a-dia deles. Eles viram que tem um lado dominante, e transportaram isto para o dia-a-dia deles.(profa)

Quando perguntados como gostariam que as aulas fossem, uma constante nas respostas dos alunos foi à relação com o prazer e o divertimento. Os alunos gostariam que as aulas de Educação Física fossem mais legais e mais divertidas. As aulas estão muito associadas ao brincar. Como já visto, esta associação das aulas a um momento de Lazer ou os tipos de atividades desenvolvidas tidas como jogos, ou brincadeiras, ou esportes, levam a Educação Física a ser uma aula atrativa aos alunos e, *o que é bom poderia melhorar*. Desta forma, alguns alunos colocaram algumas atividades que poderiam ser desenvolvidas nas aulas, como estas aulas poderiam ser estruturadas e, melhorias e mudanças no espaço físico.

Eu gostaria que a aula de Educação Física tivesse futebol, karatê, que tivesse Educação Física na pracinha que aumentasse o tempo da Educação Física por que nós temos 50 minutos, por que não aumenta mais 50 minutos e outras coisas. Por que seria muito mais legal a aula. (L. A.)

Eu queria que tivesse uma quadra coberta para nós fazermos a Educação Física por que nós fazemos com calor quando faz sol. Eu também gostaria que tivesse novos jogos e que a professora deixasse nós darmos nossa opinião sobre eles. (M.F. 9a).

Os alunos vêem esta relação que se estabelece entre a Educação Física e as manifestações culturais lúdicas ao expressarem suas vontades, onde tais manifestações constituem-se como responsabilidade da Educação Física na escola. Esta posição se vem construindo ao longo dos anos e, também, neste momento, ao passo que as atividades propostas pela professora nas aulas observadas - handebol, xadrez, bola queimada, rouba bandeira e alongamentos – também, constituem-se como conteúdos do Lazer. Esta enorme gama de práticas culturais, atreladas à cultura corporal de movimento, traz uma grande relação entre a Educação Física, o lúdico e o Lazer, que em alguns momentos são entendidos como a mesma coisa.

Os conteúdos da cultura corporal de movimento são produções humanas carregadas de sentidos e significados, dentro dos universos distintos nos quais a constituem. E estas manifestações quando pautadas no lúdico se tornam, também, possibilidades de ressignificar a realidade, pensar e agir criticamente contribuindo para uma transformação social.

Assim, é fundamental tratar dos jogos e brincadeiras [...] não apenas do ponto de vista operacional, como se estas práticas culturais fossem meros recursos metodológicos destituídos da necessidade de uma apropriação sensível, criativa, contextualizada e crítica. É necessário, pois, enfatizá-las a partir da reflexão sobre os significados, sobre os limites e possibilidades de construção coletiva desses conteúdos em nossa cultura, salientando ainda a sua vivência como meio e como fim educacional (WERNECK, 2003, p. 30-31).

Esta compreensão se estende também para os demais temas que compõem o objeto de estudo da Educação Física, as danças, as ginásticas e as lutas dando assim certa especificidade à disciplina na escola ou em seu trato no Lazer.

Os conteúdos da cultura corporal de movimento possuem um conhecimento legítimo a ser discutido, problematizado e ressignificado junto aos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem em que se fazem presentes, seja na educação física e/ou lazer (ALVES, 2003, p.95).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste estudo de caso de tipo etnográfico realizado num grupo de alunos e professora de uma escola municipal de Londrina, compreender quais os sentidos atribuídos à Educação Física e as relações que se estabelecem com o Lazer. Neste trabalho, a questão da cultura volta a ser ponto de referência ao se observar criticamente a escola e, principalmente, o currículo de Educação Física. Diversas pesquisas vêm sendo realizadas com este intuito, de resgate e valorização das funções culturais da escola, mas agora permeadas por conhecimentos e visões de mundo oriundas de diversas áreas do saber, entre elas a antropologia e a sociologia. Pensar a cultura é essencial ao se realizar pesquisa na escola ou quando desenvolvemos ações nesta esfera. A educação esta atrelada a cultura, tanto na escola como nas demais esferas de nosso cotidiano. Nesta perspectiva, a educação é aprendizagem cultural e

[...] refere-se ao processo de socialização dos indivíduos numa dada sociedade. Processo este que se dá pela aprendizagem dos padrões de comportamento, das normas, de valores e crenças, assim como o desenvolvimento de sentimentos, gostos e atitudes coletivas, que são atravessados pela comunicação simbólica (STIGGER, 2009, p.80).

Desta forma, a cultura e a educação são práticas de significação num processo dinâmico em constante movimento dos diversos grupos sociais em torno da produção de sentido, na qual a Educação Física faz parte.

Trata-se aqui, com efeito, de entender os saberes e os conteúdos simbólicos veiculados pelo ensino, como produtos sociais, como aquilo que ocorre no interior de uma 'arena social' enquanto resultado precário de interações e de interpretações 'negociadas' entre parceiros colocados em posições sociais diferentes e, por, isso, portadores de 'perspectivas' divergentes (FORQUIN, 1993, p. 83).

Nesta esfera escolar, a Educação Física vem constituindo-se há vários anos como componente curricular. É certo que o entendimento de suas funções na escola foi sofrendo mudanças no passar destes anos, atendendo a exigências colocadas por alguns grupos sociais. E, mesmo quando aparenta ter sua função definida, esta se torna múltipla aos interesses dos que fazem parte deste processo educacional, como visto neste trabalho.

Da cultura emerge o objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal de movimento, que para muitos professores ainda é uma desconhecida. **Em relação aos sentidos atribuídos à Educação Física**, vimos que a P.P. da escola cita a cultura corporal de movimento como foco de estudo, mas as reflexões sobre este objeto focam-se no corpo/movimento e deixam em segundo plano a cultura. Os contextos são deixados de fora das análises e as manifestações culturais que compõem seu objeto de estudo perdem muito de seu significado, de sua relação com a sociedade, sobrando apenas um esqueleto de habilidades motoras e capacidades físicas inerentes a todos os seres humanos. Assim, as aulas reproduzem conhecimentos supostamente neutros e aplicáveis a tudo e a todos, e não se constituem em possibilidade de visão e atuação crítica em sociedade, principalmente quando se referem a tais manifestações. Alves (2003) chama-nos atenção para a postura do profissional em relação aos contextos, onde objeto de estudo e sujeitos precisam ser melhor conhecidos e valorizados nestes processos. Para tanto, é preciso

[...] ampliar o olhar sobre os sujeitos e sobre os objetos de estudo dos campos aqui em questão [Educação Física e Lazer], permitindo-nos compreender que as dimensões humanas, corporais e lúdicas são construções sociais; portanto, inseridas num contexto cultural complexo, dinâmico, diversificado, plural e globalizado. Este contexto precisa ser considerado nas ações/intervenções dos profissionais comprometidos com as novas demandas impostas para este cenário (ALVES, 2003, p. 110).

Outra questão que chama atenção é a exclusão da ludicidade como finalidade da educação escolar e sua desindexação do objeto de estudo da Educação Física. Numa tentativa de valorização da disciplina, a ludicidade só é entendida como uma ferramenta em prol de conteúdos mais importantes, que, aliás, estão relacionados a áreas “nobres” do conhecimento oriundas das ciências naturais. Gomes (2004b) destaca as possibilidades que o lúdico tem em nossa sociedade, tanto para a alienação quanto para a emancipação dos sujeitos e, ressaltamos a importância de sua presença na escola e na Educação Física.

Como expressão de significados que tem o brincar como referência, o lúdico representa uma oportunidade de (re)organizar a vivência e (re)elaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. Pode contribuir, por um lado, com a alienação das pessoas: reforçando estereótipos, instigando discriminações, incitando a evasão da realidade, estimulando a passividade, o conformismo e o consumismo; por outro, o lúdico pode colaborar com a emancipação dos

sujeitos, por meio do diálogo, da reflexão crítica, da construção coletiva e da contestação e resistência à ordem social injusta e excludente que impera em nossa realidade (GOMES, 2004b, p. 146).

Também, pelos conteúdos do Lazer, a ludicidade pode estar presente dentro da escola como objeto de estudo. Há uma tendência em valorizar os aspectos sociais voltados à esfera do trabalho, tanto na educação escolar quanto fora dela. O Lazer fica sendo caracterizado como um apêndice do trabalho que estaria a serviço dele, colaborando muitas vezes para a alienação dos sujeitos.

Os textos de autores brasileiros contemporâneos, independentemente da linha de orientação adotada, caracterizam-se por uma aguçada criticidade com relação à prática educativa, entre as intenções explicitamente proclamadas e a ação, à ênfase ao ensino essencialmente profissionalizante, à sua subordinação aos interesses do capital, que deriva numa concepção imediatista e utilitarista da cultura, às teorias 'desenvolvimentistas' centradas apenas no fator econômico, e à sua redução à simples transmissão automática de conhecimento do professor ao aluno (MARCELLINO, 1995a, p. 43-44).

Esta dissociação entre o que está escrito nos currículos escolares e o que é realmente posto em prática no dia-a-dia nos mostra um arraigamento dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem a idéias e valores que são difundidos socialmente e que circulam em âmbito mundial valorizando certos ideais que privilegiam alguns grupos. Neste sentido, às manifestações da cultura corporal é necessário apenas saber o básico para consumi-las nos momentos de Lazer. Pôde-se verificar pela professora uma "busca e valorização" da Educação Física pela sua associação a saberes de ordem técnica e lógica, oriundas de ciências de cunho naturalista, que estariam mais em consonância com as exigências do setor econômico. Mesmo que as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física estejam presentes nos lazeres da população, o enfoque dado a tais atividades tira delas seu potencial crítico e criativo, colaborando para a manutenção do quadro social presente. Outras relações podem ocorrer entre a educação e Lazer quando extrapolamos tais compreensões e entendemos estes como "[...] campos possíveis de contra-hegemonia" (MARCELLINO, 1995a, p. 64).

Por ser suporte de múltiplos significados, o lazer pode oferecer uma via de acesso ao conhecimento de impasses e de possibilidades que se abrem na nossa realidade. [...] A partir do lazer pode-se pensar a sociedade e refletir sobre questões mais amplas, pois ele está estreitamente vinculado aos demais planos da vida social (WERNECK, 2003, p. 51-52).

A relação estabelecida entre a educação escolar e a realidade, onde o Lazer está presente, é dialógica, não uma via de mão única, como pudemos identificar nas observações e nas entrevistas, onde a escola (P.P. e professora) parece desconsiderar a realidade de seus alunos. Pela escola temos a possibilidades de compreendermos melhor a sociedade e agirmos de forma consciente. A Educação Física ao tratar das manifestações culturais presentes no Lazer é capaz de contribuir para que este seja encarado também de forma crítica e consciente em sua relação com as demais esferas da vida, como apontado acima. E ao trazer para a escola as manifestações que compõem a vida destes alunos, estamos valorizando estes sujeitos, sua realidade e contribuindo neste processo de trocas simbólicas que ocorre no ambiente escolar. Ao construirmos novos sistemas de significação desta realidade abrimos a possibilidade destes alunos se relacionarem com a realidade, com os outros e com eles próprios de forma mais expressiva, sensível e crítica.

Identificamos que os sujeitos que se relacionam nas aulas de Educação Física atribuem-na diversos sentidos - descanso, aprendizagem de valores, conhecimentos sobre o corpo, uma forma de se exercitar, aprender a fazer esportes, aprender sobre saúde, tempo para brincar etc. Em sua **relação com o lazer** pudemos inferir que as aulas de Educação Física estão diretamente relacionadas a uma parcela do Lazer, não só destes alunos, mas de toda uma grande parcela da população que tem nas manifestações da cultura corporal condizentes aos esportes, aos jogos, e as ginásticas, formas de Lazer, pela sua prática propriamente dita ou por assistência ou contato com materiais diversos pautados nestas manifestações. Tais manifestações por serem utilizadas como meio, como ferramentas pedagógicas a serviço de outros conteúdos, ou pela sua abordagem exclusivamente técnica e tática, as aulas de Educação Física acabam se configurando em uma educação para o Lazer, voltado à reprodução de certas atitudes e valores frente a tais manifestações que coadunam com a manutenção do quadro social. Estas manifestações do Lazer não são consideradas produções culturais dinâmicas, expressão de sujeitos e grupos em uma dada realidade. São entendidas como coisas acabadas que pela simples transmissão e repetição por parte dos alunos de tais manifestações a educação estaria se fazendo. E se faz, mas não de forma crítica e sim naturalizando e conservando valores e ideais presentes em nossa sociedade.

Ao entendimento de Lazer deste grupo, identificamos uma ênfase no aspecto atitude para caracterizá-lo. Ao Lazer está associado o não fazer nada, o brincar, o prazer, a satisfação, o produzir, o descanso, a diversão, ao estar com os outros, e a aprendizagem – uma multiplicidade de significados. Em parte ou no todo, as aulas de Educação Física deste grupo são classificadas pelos alunos como Lazer, pois trazem algumas destas características. A professora entende que as aulas não são Lazer, nem para ela nem para os alunos, pois as aulas são de cunho obrigatório. A professora e os alunos têm compreensões diferentes sobre as funções da Educação Física e sobre sua relação com o Lazer. As aulas são organizadas e desenvolvidas a partir dos preceitos da P.P. e da professora, mas os alunos acabam extrapolando ou modificando os objetivos propostos, por meio das relações que estabelecem com os colegas, e com suas vivências cotidianas, que são pouco consideradas, e pela busca das funções atribuídas por eles à aula.

É certo que ao ter a cultura corporal de movimento como objeto de estudo da Educação Física, e principalmente quando temos os esportes, os jogos, as danças, as lutas e as ginásticas como as manifestações que representariam a parcela desta cultura que seria de sua responsabilidade no trato pedagógico na escola, a Educação Física têm a possibilidade de assumir uma forte relação com o Lazer. Com uma educação voltada para a construção de sujeitos autônomos e críticos também na esfera do Lazer. E, esta função não seria apenas da Educação Física como lembra Bracht (2003)

A tese que gostaria de defender é a que não responsabilizemos exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela educação para o lazer (a Educação Física e a Educação Artística por exemplo), mas que a escola como um todo assuma a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implica em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar que, diga-se logo, não envolve apenas os saberes e práticas escolares, mas também, o tempo e o espaço (BRACHT, 2003, p.164).

Os múltiplos sentidos que são atribuídos a Educação Física configuram um campo promissor para o debate a respeito de suas funções na escola. Diversas perspectivas pedagógicas se encontram presentes nas escolas do município, atribuindo funções a Educação Física. Mas, também temos os alunos, sujeitos culturais que já significam a Educação Física até mesmo antes de entrarem

na escola. E, neste debate, a presença dos alunos possibilitaria uma Educação Física mais significativa para todos, e conhecer o que os alunos “acham” é um bom começo.

Eu acho a aula muito legal. As vezes é chata, mas é legal. Porque nós brincamos de coisas novas e legais e divertidas. A aula de Educação Física é muito importante porque ela faz os alunos aprenderem e a se divertir. De vez em quando nós brincamos de: vôlei, bola-queimada, escudo, redbol e várias outras coisas. Educação Física é legal, extrovertida, divertida. A professora é a professora mais legal. Porque ela é gentil, alegre, um pouquinho nervosa e um pouquinho chata. Mas ela é um amor de pessoa, e você. Nós tivemos aulas de: bola-queimada, escudo, rouba bola, rouba bandeira. Nossa é muito legal a Educação Física. Que pena que nós estamos saindo dessa escola. (K.M.10a)

A escola é espaço do encontro de diversas pessoas e culturas, onde ocorre a disputa de significados. Professores, alunos – sociedade, significam o Lazer, a Educação Física e a cultura de maneiras diferentes e, muitas vezes como fenômenos isolados, mas deste encontro e compreendendo a sociedade de forma interrelacionada é que possibilitaremos a construção de uma Educação Física mais coerente com os objetivos de uma escola mais humana.

REFERÊNCIAS

- ALVES JUNIOR, E. de D; MELO, V. A. *Introdução ao lazer*. Barueri, SP: Manole, 2003.
- ALVES, V. F. N. Uma leitura antropológica sobre educação física e o lazer. In: WERNECK, C. L. G; ISAYAMA, H. F. (Org.). *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Pt. 2, Cap. 1, p. 83-114.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- APPLE, M. W. *Política cultural e educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa: edições 70, 2006.
- BETTI, M. Motricidade humana e cultura corporal de movimento na constituição dos projetos de educação física. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., 2006, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Conselho Federal de Educação Física, 2006.
- BRACHT, V. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, C.L.G; ISAYAMA, H.F. (org). *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 147-172.
- BRASIL. PCN - *Ensino Médio*: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.
- BROUGÈRE, G. A Criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v.24, n.2, p.103-116, jul./dez. 1998.
- CAMARGO, L. O. L. *Educação para o Lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- _____. *O que é Lazer*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANEN, A.; OLIVEIRA, M. A. de O. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 21, p. 61-74, set./dez. 2002.
- CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R. de (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001. Cap. 1, p. 19-46.
- CEVASCO, M. E. *Dez Lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- DELVAL, J. *Aprender na vida e aprender na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, C. L. Lazer: concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a. Cap.28, p. 119-126.
- GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. Cap.31, p. 141-146.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- LARAIA, R. d. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Cidade: v. 17, n.49, p.11-29, jun. 2002.
- MARCASSA, L. Lazer: educação. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Cap. 29, p. 126-133.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e Educação*. 3.ed. Campinas, SP: Papyrus,1995a.
- _____. *Lazer e humanização*. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995b.
- _____. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- MASCARENHAS, F. "Lazerania" também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.73-90, maio/ago. 2004.
- MAY, T. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MOREIRA, A. F. B. A Recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.18, p.65-81, set./dez. 2001.
- MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.23, maio/ago. 2003.

- MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T (Org.). *Currículo, Cultura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 1, p. 07-37.
- MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- NEIRA, M. G. *Ensino de educação física*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativa*. São Paulo: Phorte, 2006.
- OLIVIER, Giovanina G. Freitas. Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. 1995. Tese (Mestrado em Educação Motora) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em < [http://www.unicamp.br/anuario/95/biomedic as/mode](http://www.unicamp.br/anuario/95/biomedic%20as/mode)> Acesso em jul. 2001.
- PELLEGRIN, A. de. Lazer, Corpo e sociedade: articulações críticas e resistências políticas. In: PADILHA, V. *Dialética do lazer*. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 4, p. 104-125.
- PINTO, L. M. S. M. Formação de educadores e educadoras para o lazer: saberes e competências. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v.22, n.3, p. 53-71, 2001.
- PUIG, J. M; TRILLA, J. *A pedagogia do ócio*. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2004.
- SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SCHULTZ, L. M. J.; BRZEZINSKI, I. Estudo de caso de tipo etnográfico aplicado à pesquisa em educação infantil: uma possibilidade. In: BRZEZINSKI, I.; ABBUD, M. L. M.; OLIVEIRA, C. C. de (org.). *Percursos de pesquisa em educação*. Ijuí: Unijuí, 2007. p.81-100.
- SILVA T.T. *O Currículo como Fetice: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVA, T.T. *Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- STIGGER, M. P. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v.30, n.2, p.73-88, jan.2009..
- STUCCHI, S. Espaços e equipamentos de recreação e lazer. In: BRUHNS, H. T (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas-Sp: Ed.Unicamp, 1997. Cap. 5, p. 105-121.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- VYGOTSKY, L. V. *A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WERNECK, C, L, G. Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C, L, G; YSAYAMA, H. F. (Org.). *Lazer, Recreação e Educação Física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Cap. 1, p. 15-56.

APÊNDICE

APÊNDICE A
GUIA TEMÁTICO DAS ENTREVISTAS

Entrevista: Professora
Guia Temático
Cultura/Educação/Lazer/Educação Física

Entrevista preliminar:

Quando se formou? Tem outra Graduação? Tem Pós-graduação? Está estudando?

Há quanto tempo está nesta escola?

E na rede municipal?

Há quanto tempo você é professora?

Onde são realizadas as aulas de EF?

Você tem os materiais e os espaços adequados para as aulas? Esta estrutura tem relação direta com o desenvolvimento de suas aulas?

Como é "vista" a EF em sua escola? (Direção, Supervisão, Professoras, Alunos)

1- Você conhece alguma(s) perspectiva(s) pedagógica(s) da educação?

Aspectos Psicológicos: (construtivismo, sócio-interacionista, tradicional: empirista, apriorista).

Aspectos Filosóficos: (formas de compreender, ser e agir na sociedade, cidadania etc.)

Qual/quais as funções da educação escolar, da escola?

O que é cultura para você?

Existe alguma relação entre cultura e escola? (Como é hoje? É possível haver esta relação?)

Você conhece alguma(s) das tendências pedagógicas da EF?

Você é adepto de alguma(s)?

2- Qual a função / objetivo da EF na Escola?

O que a EF ensina na escola? Porque a disciplina deve estar na Escola? (você trabalha nesta perspectiva)

Qual a relação entre cultura e Educação Física?

Qual é a relação do que é aprendido nas aulas de Educação Física e a vida cotidiana de seus alunos?

Que atividades do cotidiano de seus alunos estão presentes nas aulas?

Os jogos estão presentes em suas aulas? Por quê? Como, quando? (esportes; lutas; danças; ginástica; brincadeira)

Como é a sua metodologia de aula?

Você trabalha com que tipo de atividades? De que forma?

Você gostaria de trabalhar de outra forma? Como?

3- Você conhece a Proposta Pedagógica (EF) da sua Escola? O que você acha dela? (objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação).

Quem elaborou? É pautada em algum modelo, livro, pesquisa ou tendência?

E a PP (EF) do município?

Você conhece os PCNs(EF)? (opinião)

4- O que é lazer para você?

O que é recreação para você?

O que é o "lúdico", "atividades lúdicas" para você?

Você trabalha com o lazer em suas aulas de Educação Física? Por quê? Quando e Como?

Você acha que o lazer ou algumas atividades desenvolvidas no lazer deveriam estar presentes na PP da escola e no currículo de Educação Física?

Você pensa ou gostaria de abordar o Lazer em suas aulas?

Entrevista Complementar:

Como você vê o futuro da Escola e da Educação Física escolar?

Quais as diferenças entre estas escolas públicas e a particular em que você trabalhou? (referente à EF)

Fale sobre o grupo de estudos da rede.

Fale (sobre o grupo de estudos da UEL e) sobre a disciplina do Mestrado.

Você gostaria de complementar ou falar alguma outra coisa?

Entrevista: Alunos(as)

Guia Temático

Cultura/Educação/Lazer/Educação Física

Entrevista preliminar:

Nome. Idade. Onde mora, com quem. Como vem para a escola.

ESCOLA	<p>O que você gosta da escola? Por quê? O que você não gosta da escola?</p> <p>Para que serve a escola?</p> <p>O que você estuda na escola?</p> <p>Como você gostaria que a escola fosse?</p>
JOGO	<p>Você brinca aqui na escola? Do que, aonde, com quem, quando?</p> <p>Você brinca das mesmas coisas e do mesmo jeito do que brinca em casa ou na rua?</p> <p>Alguma professora faz brincadeiras com vocês?</p> <p>Você gostaria que as professoras organizassem brincadeiras com vocês?</p>
EDUCAÇÃO FÍSICA	<p>Para que serve a Educação Física?</p> <p>O que você faz na Educação Física? (Estuda, brinca)</p> <p>Você faz a aula, você gosta da Educação Física? Por quê? Todos da turma fazem / gostam?</p> <p>Você queria ter mais, menos ou o mesmo tanto de aulas de Educação Física?</p> <p>Quais as aulas que você tem na Educação Física?</p> <p>Você aprende coisas novas ou você já sabe as coisas que a professora faz nas aulas?</p> <p>Você faz as atividades das aulas em seu dia-a-dia?</p> <p>O que você aprende na Educação Física?</p> <p>Vocês brincam ou jogam alguma coisa na Educação Física? O que? Quando? Como?</p> <p>Vocês têm aulas de Dança? Esporte? Luta? Ginástica? Você gosta destas aulas?</p> <p>Quem organiza as atividades? Vocês ou a professora?</p> <p>Como você daria uma aula de Educação Física?</p>

LAZER

O que é Lazer?

A aula de Educação Física é lazer?

Você gostaria de falar mais alguma coisa?

ANEXOS

ANEXO A
PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundamentos teórico-metodológicos

PRESSUPOSTOS PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA E REFLEXIVA

Com a mudança da Lei 5.692/71 que reconhecia a Educação Física como área de atividade, para a Lei 9.394/96 que a entende como componente curricular e como área de conhecimento, a Educação Física, no âmbito escolar, precisa refletir seu papel no contexto educacional. Métodos repetitivos de ações motoras, modelos padronizados de movimentos, aquisição de habilidades técnicas desportivas, não são mais suficientes para responder aos anseios da sociedade. Contudo, a mudança da lei não é suficiente para proporcionar uma real transformação nas aulas de Educação Física. Há que se considerem, além dos aspectos legais, as concepções epistemológicas e ontológicas do professor, além dos paradigmas que norteiam sua compreensão acerca do processo educacional.

Conscientes dessa realidade, um grupo de vinte e três professores da rede municipal de ensino, juntamente com o Laboratório de Pesquisas em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, agradece a todos os professores de Educação Física, que com seus conhecimentos práticos, contribuíram com os estudos, as discussões e sugestões que compuseram a elaboração dessa Proposta Pedagógica.

Os professores de Educação Física, por meio de grupos descentralizados, têm estudado as concepções de currículo, e estes estudos, tem contribuído com a construção de uma Proposta Pedagógica preocupada com o desenvolvimento do “conhecimento de conteúdo pedagógico” uma vez que este, segundo Shulman (1986) representa uma combinação entre o conhecimento da matéria e o conhecimento do modo que a ensinamos. (SHULMAN, apud, GARCIA, 1995). Para tanto, os conteúdos ora selecionados para compor esta proposta, foram validados pelos saberes experienciais dos professores de Educação Física e pela cultura das crianças londrinenses.

A seguir serão apresentadas algumas questões relacionadas à compreensão que os professores da rede municipal de ensino de Londrina têm sobre a Educação Física escolar.

O processo histórico concebeu a área de Educação Física ministrar aulas que enfocam a atividade com um fim em si mesma; o esporte pelo esporte; recreação para socializar e descontrair, dentre outros significados. Dessa forma, a nova função e os novos objetivos da Educação Física na escola estão vinculados à base conceitual que o professor possui acerca do ensino e da aprendizagem. É senso comum entender a Educação Física como momento do jogar e do brincar e não o momento do refletir, pesquisar, analisar, abstrair e avaliar.

Portanto, ao “quebrar” o paradigma tradicional, torna-se necessário que o professor estabeleça as finalidades da disciplina e de sua ação pedagógica compreendendo que certos princípios são fundamentais para que o desenvolvimento de seu trabalho contribua com a construção da autonomia, da criticidade e da cidadania de seus alunos. Dentre estes princípios, estão à postura crítica do docente, o entendimento que a criança aprende sempre, que a interação é um ponto fundamental para a aprendizagem e que o conhecimento é complexo e está sempre em construção.

A partir da tomada de consciência em relação às concepções epistemológicas e ontológicas, o professor precisa compreender quais são as finalidades da Educação Física na escola. Essas finalidades estão vinculadas diretamente aos conhecimentos relacionados à cultura corporal¹³. Dessa forma, o estabelecimento de objetivos para os diferentes níveis de ensino, contribui para que a ação do professor possibilite a valorização pedagógica e legítima da Educação Física escolar.

A seguir alguns dos objetivos da Educação Física para o Ensino Fundamental:
Possibilitar aos alunos situações que envolvam análise, reflexão e abstração sobre seu corpo, compreendo-se como corpo, corpo possível e em movimento;
Propiciar ao aluno, enquanto sujeito, a tomada de consciência de sua motricidade;
Favorecer ao aluno a apropriação real de sua própria motricidade, bem como os bens culturais que esta motricidade tem produzido e pode produzir;
Contribuir para a compreensão do aluno sobre os sistemas de significações nos quais suas ações estão inseridas;
Proporcionar situações nos quais o aluno promova a interação entre o fazer, o saber-fazer, assim como converta ao plano consciente as estruturas utilizadas na produção das ações;
Possibilitar ao aluno a aquisição de um repertório cultural relacionado com a motricidade humana.

Esses são alguns dos objetivos gerais relacionados à Educação Física como área de conhecimento e cujo objeto de estudo é o movimento humano carregado de intencionalidade, significado e significância.

Procedimentos metodológicos

O reequacionamento do papel da educação escolar no mundo contemporâneo reconhece e responde às necessidades sócio-econômicas do momento histórico que nos encontramos. Essas novas expectativas regem, também, a atuação da Educação Física no âmbito escolar, determinando e interferindo significativamente na formação dos alunos.

A Educação Física deve ser um elemento de impulsão para o salto qualitativo cultural da sociedade; capacitando o sujeito a refletir sobre suas potencialidades corporais e a intervir significativamente e adequadamente na sua realidade, por meio de conhecimentos, valores e princípios indispensáveis à cidadania.

Para realizar essa intervenção é necessário o conhecimento. À medida que o sujeito toma consciência, compreende certos saberes, pode se autodeterminar, ao mesmo tempo, determinar sua realidade.

Uma prática pedagógica desafiadora e que proporcione reflexões nas aulas de Educação Física, possibilita aos alunos a construção do conhecimento, por meio da abstração, ou seja, o sujeito analisa o desafio apresentado, levanta e testa hipóteses, utilizando sucessivas aproximações para obter êxito na solução de um problema levantado. A solução de problemas implica na participação ativa e no diálogo constante entre alunos e professores. A aprendizagem é concebida como a resposta natural do aluno ao desafio de uma situação-problema.

¹³ Entende-se aqui cultura corporal na perspectiva de unidade/totalidade, na medida em que as produções intelectuais ou cognoscitivas e sócio-afetivas são materializadas e difundidas corporalmente.

Para favorecer a interferência consciente dos alunos na realidade, é necessário que durante as aulas de Educação Física, a construção do conhecimento seja possibilitado por meio de questionamentos e conflitos cognitivos realizados constantemente sobre suas ações/movimentos, onde o sujeito possa confrontar estímulos novos com outros assimilados anteriormente, tendo condições para modificar a realidade de acordo com suas necessidades.

Com estruturas cognitivas mais elaboradas, o sujeito pode nortear suas ações para a obtenção de êxito, atendendo as solicitações que lhe são feitas, elaborando sínteses na interação dialética da atual, com a estrutura já preexistente.

Quando o sujeito coloca em prática o conhecimento mais elaborado, surgem novos desafios, novos problemas, que requerem outros conhecimentos. De acordo com Delval (1994), os conhecimentos devem estar subordinados à formação de estruturas e procedimentos para resolver problemas. Abre-se assim, um movimento espiralado de contínua busca do conhecimento, que ultrapassa as aparências imediatas da realidade, que vai além do observável.

A Educação Física no Ensino Fundamental se apresenta, então, como uma área de conhecimento, que por meio de seus conteúdos específicos, deve proporcionar ao aluno situações que envolvam análise, reflexão e abstração. Assim, a Educação Física contribuirá para o êxito de uma educação de qualidade, onde o sujeito compreenda a cidadania e perceba-se como ser integrante, autônomo, bem como o agente transformador da sociedade em que vive por meio dos saberes específicos da área da Educação Física enquanto componente curricular.

Avaliação do processo ensino-aprendizagem

As preocupações principais da avaliação na Educação Física têm recaído nos métodos e técnicas usados e na criação de testes, materiais e sistemas. Essa ênfase tem servido para confundir e ocultar importantes reflexões sobre avaliação, reforçando a função seletiva, disciplinadora, discriminadora e consolidando a legitimação do fracasso dos alunos. Contudo, avaliar nas aulas de Educação Física é muito mais que selecionar, reter, comparar e eliminar. O processo avaliativo precisa aproximar-se do eixo curricular que privilegia a reflexão crítica da realidade. Isto implica em organizar, interpretar, compreender e explicar essa realidade.

Avaliar na perspectiva da interferência crítica e autônoma da realidade é compreender que a avaliação é um processo de análise, discussão, reavaliação e reorganização do projeto pedagógico e como parte integrante do projeto educacional, partilha dos princípios fundamentais vinculados ao projeto político pedagógica da escola. Como a avaliação é idealizada para verificar o aluno individualmente, o valor numérico deve ser redimensionado para o sentido qualitativo, preocupando-se com a compreensão do aluno sobre o conteúdo.

Além de poder verificar, por meio da avaliação, como o aluno está abstraído e compreendendo o conteúdo proposto (a aprendizagem); o professor pode analisar sua ação pedagógica (o ensino), verificando a necessidade de mudanças na sua metodologia e, ainda, ter a possibilidade de continuar ou reorganizar a seqüência de conhecimentos estabelecidos no planejamento (em relação ao

conteúdo estudado). Dessa forma, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto pedagógico.

Podemos utilizar a avaliação diagnóstica ao qual temos a possibilidade de identificar certas características do aluno no início do processo de aprendizagem, fornecendo indicadores que possam fundamentar e regular o planejamento e a organização da ação pedagógica.

Ao longo das últimas décadas tem se observado uma crescente crítica em relação às avaliações quantitativas, questionando-se as tendências positivistas e classificatórias que estabelecem critérios por meio de medidas padronizadas e análises estatísticas. Para rebater esses princípios muito tem se falado do uso da avaliação formativa, que parte da inserção do projeto político pedagógico da escola. Essa avaliação levanta indicadores necessários à regulação das atividades de ensino e aprendizagem em andamento, esclarece sobre a efetividade do processo de ensino ao professor e sobre a qualidade da aprendizagem ao aluno. A ação de formar é orientada pelo ajuste do dispositivo pedagógico, ou seja, a avaliação formativa pode orientar a variabilidade didática, garantindo as aprendizagens.

Nesse sentido, “[...] o objetivo maior da avaliação da aprendizagem é possibilitar ao professor ir ajustando durante o desenvolvimento do conteúdo estudado, a ajuda pedagógica às dificuldades individuais dos alunos” (PALMA; PALMA; OLIVEIRA, 2001, p.157). Entendemos que a avaliação deve acontecer sempre que o professor iniciar um novo conteúdo, durante e no final do processo de ensino-aprendizagem. Em relação à Educação Física escolar o instrumento de avaliação deve medir se os alunos construíram, reconstruíram e reelaboraram conhecimentos sobre corpo e movimento e se promoveram a interação entre o fazer e o saber-fazer, seus efeitos, relações e coordenações.

Quando falamos em avaliação devemos nos preocupar mais em responder o “por que eu avalio” e “não o que eu avalio”. Os aspectos pelos quais o professor avaliará a formação do aluno perpassam por competências que revelam se o mesmo tem tomado de consciência. O erro, também, é concebido de uma outra forma. Ele não é punitivo, mas sim, tem um caráter de mediação da aprendizagem. Dessa forma, é preciso que o aluno tenha consciência dos erros cometidos, por meio de problemas que geram conflitos cognitivos, e a partir dessa situação possa reelaborar sua ação, tentando outras possibilidades para alcançar o êxito. O erro deixa de ser um instrumento de poder de pressão sobre o aluno, para se constituir em subsídios de orientação na aprendizagem.

Segundo os pressupostos construtivistas, a avaliação precisa ser compreendida como um conjunto de trabalhos, e/ou atividades, onde o aluno possa abstrair o conhecimento num determinado conteúdo proposto, com o objetivo de reorganizar e dar continuidade ao trabalho do professor para melhorar o fazer pedagógico - avaliação do ensino - e avaliar e observar quanto o aluno avançou e melhorou em seus conceitos - avaliação da aprendizagem. De acordo com COLETIVO DE AUTORES (1992), a avaliação deve-levar em conta se a aprendizagem se efetivou, ou ainda se o número de aulas para tratar de um determinado conteúdo, está adequado ao ritmo da turma.

Dentro das características construtivistas, a avaliação da ação docente é tão importante quanto a avaliação dos resultados dos desequilíbrios cognitivos dos alunos. É importante que o professor fique atento e esteja consciente que independentemente dos diferentes tipos de instrumentos que venha a se utilizar eles não são neutros, ou seja, a relação entre professor-aluno, aluna e entre as próprias crianças contribui para a formação da personalidade e avanços cognitivos das mesmas.

É de suma importância que o professor faça uma auto-avaliação para observar se os conteúdos, principalmente a forma que estão sendo propostos, estão interessando suficientemente aos alunos para que a aprendizagem de fato aconteça e se as crianças estão conseguindo fazer inter-relações com outros conceitos já compreendidos/construídos anteriormente por elas.

O objetivo maior da avaliação da aprendizagem é possibilitar ao professor ir ajustando, durante o desenvolvimento do conteúdo estudado, a ajuda pedagógica às dificuldades individuais dos alunos. É através do resultado da avaliação da aprendizagem que o professor se aprofunda e proporciona as diversas relações entre os assuntos estudados.

No aprofundamento dos conteúdos propostos a avaliação é realizada de forma contínua, isto é, o professor avalia a qualidade do desenvolvimento dos alunos sempre, em todas as aulas. Desta forma, tem condições de acompanhar o processo de construção do conhecimento dos alunos. Para facilitar o acompanhamento e evitar uma avaliação intuitiva elaboramos um instrumento de registro no qual anotaremos os sucessos qualitativos, os bloqueios e as dificuldades dos alunos. O professor deve sempre comparar cada etapa da avaliação com os resultados anteriores, com o objetivo de otimizar e melhorar o fazer pedagógico e ainda avaliar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno.

Avaliar segundo os pressupostos construtivistas significa rever ou interpretar o “erro” de outra forma. Isso significa que é a própria criança vai ajustando-se, até encontrar o equilíbrio cognitivo e alcançar os objetivos propostos, evidentemente que as intervenções e modelos que o professor venha a possibilitar a ela ajudará nessa regulação. O “erro” deve ser encarado pelo professor como aspectos que deverão ser levantados junto com as crianças para verificar as contradições, os conflitos, e a não coerência entre as respostas. Os objetivos a serem alcançados e avaliados precisam estar claros tanto para o professor quanto para o aluno para que o erro possa fazer parte do processo e construção do conhecimento.

Para isso o educador precisa escolher os instrumentos de avaliação que alcancem os objetivos específicos propostos, então, quando o professor estiver planejando seu trabalho a ser desenvolvido durante as aulas, a avaliação, ou seja, o que será avaliado deve ser decidido simultaneamente ao trabalho proposto.

Um dos elementos que possibilitam a construção do conhecimento pelo aluno é o fazer e compreender. O fazer é exatamente o que a palavra significa, ou seja, realizar uma ação qualquer com sucesso. O compreender (...), o que deve ser compreendido? O que deve ser compreendido pelo aluno é a ação que ele acabou de realizar, “é conseguir dominar, em pensamento, as mesmas situações até poder resolver ligações constatadas e, por outro lado, utilizadas na ação” (PIAGET, 1978, p: 176). Mulheres e homens constroem conhecimentos à medida que executam movimentos conforme a compreensão inicial e certamente compreendem mais e melhor conforme novos movimentos realizados.

O principal objetivo da educação e conseqüentemente da disciplina Educação Física dentro de uma instituição de ensino é de possibilitar às crianças, através das diversas atividades e conteúdos propostos, muitos momentos nas quais sejam capazes de inventarem, construir, reelaborarem conceitos e idéias, num fazer consciente e crítico, compreendendo os significados e significância.

Elaboração

A elaboração deste documento iniciou-se com vinte e três professores de Educação Física da Rede Municipal de Educação do Município de Londrina juntamente com o Laboratório de Pesquisas em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina. A continuidade da construção desta proposta deu-se nos grupos de estudo do Projeto de Formação Continuada ofertado aos professores de Educação Física desta instituição de ensino desde o ano de 2002.

Os grupos de estudo realizados sob a coordenação da assessoria pedagógica de Educação Física, analisaram, estudaram e selecionaram os conteúdos curriculares que melhor adequavam-se à realidade educacional deste município.

Referências

ÁVILA, A. B. & ORTIGARA, V. **Aprendizagem da Cultura Corporal: um Processo Sócio-Histórico**. Fórum Sul de coordenadores de pós-graduação em Educação - ANPED. II Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Curitiba: Universidade Estadual do Paraná, 1999.

BECKER, F. Tomada de Consciência: o caminho do fazer ao compreender. XVI Encontro Nacional de Professores do PROEPRE. (anais) Orly Zucatto Mantovani de Assis e Mucio Camargo de Assis (org.), Águas de Lindóia, 1999.

BORDENAVE, J. D. & PEREIRA A. M., **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRACHT, V. **Corpo e Educação**. Cadernos CEDES, ano XIX, nº 48. Unicamp: Campinas, 1999.

BRASIL. Presidência da República. Decreto-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. In: Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, César. **Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Psicologia e Currículo**. São Paulo: Ática, 1987.

DELVAL, J. **Crescer e Pensar: A Construção do Conhecimento na Escola**. São Paulo: Artes Médicas, 1994.

GARCIA. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NOVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. p. 52 – 75

HOFFAMM, Jussara Maria L. **Avaliação: Mito e desafio - uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1991.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo**. São Paulo: Cortez, 1986.

MACEDO, Lino. **Ensaio pedagógicos: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: as Abordagens do Processo**. São Paulo: E.P. U, 1986.

MOREIRA, Wagner (org). **Educação Física & Esportes: perspectiva para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1992.

PALMA, Ângela T. V.; PALMA, José Augusto V.; OLIVEIRA, Amauri A. B. Avaliação em Educação Física: verificando possibilidades. In: Anais XVIII Encontro Nacional dos Professores do Proepr. Águas de Lindóia: Unicamp, 2001.

PALMA, José A.; PALMA, Ângela P. T. V. A Educação Física na escola e seu conteúdo. In: Encontro Nacional dos Professores do Proepr. Águas de Lindóia: UNICAMP, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ANEXO B
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista com a professora.

A onde você realiza as suas aulas?

Normalmente na quadra, quando é possível, e na sala de aula.

Você tem materiais e espaços adequados?

Material, eu tenho muito material. Inclusive, a questão teórica, eu tenho um esqueleto que eu pedi. Tenho o dorso, que também as professoras da 4ª também usa na aula de ciências e tal. Mas o meu espaço na quadra, você viu a realidade que é. O sol, a chuva, a quadra super áspera, sem conservação nenhuma. O espaço deixa a desejar, mas o material didático eu tenho suficiente e satisfatório.

Estas estruturas influenciam em sua aula?

Influencia. Influencia principalmente a questão do espaço, que tem muita coisa que me limita. Por exemplo, dias muito quentes eu não posso estar usando a quadra também, eu tenho que adequar toda a minha aula. E as vezes eu nem consigo adequar. Eu tenho que mudar completamente, porque eu tenho que usar a sombra. A sombra dos corredores, eu tenho que usar dentro da sala de aula, e dia de chuva nem se fala, eu mudo. Eu até reservo esses dias de chuva para fazer outra coisa.

Como que a Educação Física é vista aqui na sua escola?

É bem valorizada. mas ainda, tanto na questão de conteúdo, né, de área de conhecimento tudo. Eu vejo por atitudes secundárias, tudo o que eu peso, por exemplo, eu pedi o esqueleto ela foi e comprou. Eu pedi o dorso ela foi e comprou, qualquer material, dentro do possível também, eu não vou ficar pedindo coisas fora da realidade da gente, mas ela sempre esta me atendendo. Sempre esta valorizando, NE, quando agente tem um problema de disciplina ou de qualquer outra coisa ela ta me atendendo, ta atendendo aluno também. E também é muito utilizada e valorizada a Educação Física aqui por que eu tenho uma facilidade nesta questão de dança de coreografia. Então, é usado naquele currículo turístico. Tudo quanto é evento que tem cai na Educação Física para estar montando apresentação, para estar montando teatro, para estar montando este tipo de coisa. E é ai também muito valorizada pela escola.

Em conversas de professores, nas salas dos professores, o que você escuta eles falarem da Educação Física?

A visão é assim, a gente foi conquistando aos poucos. No começo, assim, eu percebi só meramente como a hora atividade dela. Então... até hoje isso ainda acontece. Se eu não venho não é a criança que vai ficar sem aula de Educação Física é a professora que não vai ter aquele tempo para preparar a aula ou, né, minha falta é sentida por isso, não que aquilo vá fazer... ah que pena a criança ficou sem aula de Educação Física. É mais pela questão dá hora atividade dela. Mas mesmo assim quando eu preciso da professora para algum outro conteúdo, tá eu preciso de papel, eu preciso de tesoura,

elas me atendem prontamente. Não tem, não tem, vamos dizer assim é só brincar, não, não vejo assim. Valorizam. As vezes eu cobro, ó aconteceu isto, aconteceu aquilo, elas conversam, elas me apóiam.

E os alunos. O que você percebe deles?

Eles adoram a aula de Educação Física. Eu procuro ... eles sempre estão... a gente vai criando um certo hábitozinho. O que a gente fez? Qual que é o assunto que a gente ta discutindo? Para eles notarem também que existe uma seqüência, né. Mas eu não deixo de... é muito difícil eu fazer uma aula estritamente conteudista, teórica, e que vai tratar só daquele conhecimento puro e simples. Vai ter uma prática vai ter um laboratório, vai ter alguma coisa assim, que é a característica, eu penso, que é a característica da nossa disciplina, usar mas essa parte prática pra estar passando, trabalhando esses conhecimentos. Então as crianças valorizam muito.

Você conhece alguma perspectiva pedagógica da educação?

Algumas.

Quais?

Perspectiva, será que eu estou certa é a questão da tecnicista, militarista, higienista, escola nova, construtivista, neo-construtivista. Acho que é isto.

E aspectos filosóficos da educação?

A visão holística, a visão cósmica. Eu não sei. Visão de mundo, eu não sei te especificar assim, tais e tais, perspectivas, aspectos. Não estou conseguindo me situar não.

Quais são as funções da educação escolar?

Você que a real ou você quer...

Para que você acha que serve a escola? A educação não escola?

Então a educação é a forma que a gente tem de formar, de trazer o cidadão, instruir, formar, construir, e fazer com que ele aprenda, que ele tenha um conhecimento para que? Para agir adequadamente no mundo e nas situações. A escola é um espaço para isto.

Seria um espaço para isto.

Apesar de hoje em dia com a banalização do conhecimento, que hoje eu até escutei, né , para que serve o PI, para que que eu vou aprender o PI? Esta banalização do conhecimento esta banalizando a escola. Ai a escola esta servindo para que? Para o vale leite, para o bolsa escola, o que mais, para a merenda, e o conhecimento esta ficando secundário. Mas a minha visão é que a escola teria como função, é um espaço para que se trabalhe, se construa e se elabore o conhecimento. Ele vai utilizar... ele vai trazer este conhecimento que ele tem da sociedade, da vidinha dele, e tudo mais, e vai trabalhar aqui e vai devolver isto para o sociedade de uma forma adequada, ele vai agir adequadamente a partir da escola.

O que é cultura para você?

vixi.... produção humana. Ponto.

Qual a relação, então, entre cultura e a escola? Se tem.

Por que a escola, tudo o que se traz é produção humana. Então... e praticamente a cultura, é minha cultura que eu estou trazendo para a escola, que a sociedade esta trazendo, o homem esta trazendo. E esta cultura vai ser trabalhada de forma de conhecimento, e ai vai ser devolvido para a sociedade.

Qual a tendência pedagógica da Educação Física que você conhece?

Conheço bem a tecnicista, muito bem a tecnicista. A tradicional, e a agora a construtivista, neo-construtivista, a crítico superadora.

O que é neo-construtivista?

Que agora eles estão dizendo neo-construtivismo, porque? Quando o construtivismo chegou ele chegou assim, tudo o que a criança faz esta certo. A gente não corrigia, por que de alguma forma ela chegou naquele resultado, então aquele resultado não era nem certo nem errado. Não esta errado, ela pensa ela construiu, e não é bem assim. Um engenheiro quando for construir o prédio lá, se ele chegou numa coisa errada cai o prédio. Então agora existem outras vertentes que a gente ta lendo, pouca coisa eu li também, que não é bem assim. A gente tem que fazer com que esta pesquisa, que esta iniciação ao conhecimento científico, que esta construção, chegue sim num resultado certo. Errou, então, vamos ver a onde foi errado, e tentar que ela perceba o erro e ela se corrija.

Você é adepta de alguma?

Eu tento porque, agente nunca ... eu imagino, eu tento acertar ta, né, então dentro daquela critico-superadora, ou da construtivista mesmo, mas eu não consigo dizer eu sou... eu escuto muito ecletismo fragiliza a Educação Física. Mas gente, eu ainda não descobri como que eu vou fazer diferente. Eu ainda não conseguir ser puramente uma coisa.

Eu não quero ser tradicional eu quero ir além, e para eu ir além, está complicado. Eu tenho que me fortalecer um pouco.

Qual que é a função da Educação Física na escola?

Como qualquer outra disciplina, você trazer conhecimento, você ... trazer como eu digo não é o professor trazer, trabalhar os conhecimentos inerentes dessa disciplina. Vamos dizer cultura corporal, né, dentro da cultura do corpo e do movimento os conhecimentos dessa vertente da área de conhecimento. Como o português lá vai tratar de todos... sua organização curricular. Eu penso assim, o aluno precisa sair da escola compreendendo o seu corpo, compreendendo como o seu corpo age, os seus movimentos, como ele age no mundo, como ele age para ele mesmo e levar isto para a vida pregressa dele, a vida alias futura dele, posterior a escola.

Por isso que a Educação Física deve estar na escola então?

Trabalhar o corpo, movimento dentro da cultura do conhecimento.

Qual a relação então dessa cultura com a Educação Física?

Tudo é cultura. Imagina a produção humana, o que que nós somos? Nós somos o corpo, né? E o movimento.

E a Educação Física....

Tem que tratar dessa cultura o tempo todo.

Qual que é a relação do que é apreendido nas aulas de Educação Física com a vida cotidiana deles?
Então... se for pega especificadamente cada conteúdo, né. Por exemplo, quando eu trabalhei a relação espaço e tempo, né, a estruturação, a organização espaço temporal, então como ele vai levar isto para a vida dele? No atravessar uma rua, até num escrever. O que mais...em tudo, né, no cotidiano dele ele vai estar usando isso. Só que ele usa de forma inconsciente, né. Ele esta só usando.

Eu: Em relação a aula, o handebol?

Prof.: O handebol, para a vida dele depois?

Eu: Depois ou hoje?

Prof.: Bom ele vai poder... é mais um, vamos dizer, mais um jogo que ele aprendeu, quando ele vai assistir um jogo de handebol ele vai compreender melhor. Ele tem mais uma opção, por exemplo se ele quiser fazer uma atividade física fora, ele vai estar... é mais uma opção que ele tem, ou puramente realmente curtir o handebol. Aprendeu mais um...

O xadrez também se enquadra...

Também.

Você vê alguma atividade do cotidiano de seus alunos dentro, aqui, das suas aulas? Você falou de alguma forma como suas aulas vão para o cotidiano deles. Agora o cotidiano deles em sua aula?

Ah! Muita coisa, né. O andar, o correr, todos os movimentos que eles trazem. Eles trazem muito exemplo quando a gente começa algum conteúdo eles trazem o exemplo. Por exemplo, eu trabalhei equilíbrio com o 1º ano, então 'ai tia, minha mãe desequilibrou lá e derramou água quente na perna e queimou a perna toda'. Eles conseguiram perceber. Lateralidade, eu trabalhei a lateralidade esses tempos. Eles fizeram uma pesquisa. Eu falei "ó, vocês vão para casa e vão pensar, vão pensar não, vão observar com que mãozinha que escovão os dentes, com que mãozinha que come, que pega o talher, que mãozinha que corta o pão, 'a mas eu não corto o pão é minha mãe que corta para mim', mas olha a mão dela", e tal né. Eles observarão no dia-a-dia deles que eles estavam usando mais um lado do que o outro. Dominância lateral eles estavam aprendendo no dia-a-dia deles. Eles viram que tem um lado dominante, e transportaram isto para o dia-a-dia deles.

Em relação aos jogos, igual você falou, ou outros jogos, como você trouxe o rouba bandeira, como você utiliza estes jogos nas aulas? Como você trabalha, quando, porque?

As vezes ele é um meio, uma estratégia. Como foi na aula do handebol. Ele era uma estratégia um meio de... 'como nós vamos trabalhar a defesa?' então nós trabalhamos por meio deste jogo. Mas lá nos jogos populares, ele é estudado como, objeto de estudo, como conteúdo. A bola queimada também. Aquela bola queimada de duas bolas, né, que na trabalhamos. Foi trabalhado para trabalhar arremesso. Aqui foi um meio uma estratégia pedagógica. A mais ela também tem o tempo dela de ser pesquisado, porque, a história, os tipos, e eles constroem outros tipos de bola queimada e assim vai.

Esportes, lutas e dança você aborda-os como conteúdo?

Abordo. Dança mais para a questão dos eventos.

Como você trabalha?

Luta, não luta eu não abordo.

Por exemplo, ginástica? Ou uma brincadeira? Um exemplo de aula... amarelinha. Como você desenvolve essa aula quando o tema é um jogo, uma luta, ou um esporte?

Então, ai a gente começa lá. Uma aula não, várias... Vamos estudar a amarelinha, vamos estudar a amarelinha: quando que surgiu a amarelinha? Ai a gente faz uma historinha. Por que chama amarelinha? Amarelinha porque era feita com tijolo, o tijolo ficava amarelo, ta-ra-ra-rá. É ai vem uma pequena história, e ai a gente vem com a vevência, ai eles trazem, 'a mas na minha rua ou no meu lugar não é assim que joga. É assim que joga'. Ai a gente vai experimentando. Primeiro a gente vivencia o mais comum, vamos dizer, o mais tradicional, depois a gente vai... por fim depois de lá, sei lá quantas aulas isso pode levar, eles constroem um jogo que a gente pode chamar de amarelinha, que vai ter as regras lá, só que eles estão elaborando, né. Muitas vezes não sai nada, mas eles estão tentando, reelaborar este jogo.

A prática ali do jogo?

Run-run. É a prática sempre.

Sua metodologia é, mais ou menos, sempre desta forma com os outros conteúdos?

É também.

Habilidades motoras... você segue aquela...(proposta da escola)(?)

Tento seguir. Tento seguir sim.

Quais os tipos de atividades que estão mais presentes em suas aulas?

Entre prática teórica estas coisas?É mais a prática.

Mais assim que...(?)

Jogos. Muito jogo, pré-desportivo ou popular, né. Habilidades motoras, bastante, eu trabalho. E os esportes. A dança entra mais nesses eventos.

Você gostaria de estar trabalhando de uma outra forma?

As vezes eu penso que dá para a gente incrementar mais coisas assim, mas eu, eu fico muito limitada na questão do espaço, da situação da quadra, né. E tempo que a gente tem duas vezes por semana, 50 min. Talvez este 50 min. Nem são isto porque, até levar até trazer, tra-la-la-lam, né. São muitas séries diferentes. Então eu tenho que preparar aula para 1ª, 2ª pra-la-la . então é muito corrido, eu não consigo assim. Uma professora de sala de aula ela tem aquela turma de 30 alunos, que seja, mas é o ano todo, todo o dia com aquela criança. Ela consegue uma seqüência. Eu vejo essa criança, às vezes duas, às vezes uma vez na semana. Quarenta minutos. As vezes eu nem posso dar seqüência porque choveu, por que ta muito sol, porque isso, porque aquilo. Então complica um pouco. Eu gostaria... eu sinto que eu preciso ainda uma forma de seqüenciar melhor o conteúdo.

Em relação a esta seqüência também. Como você distribui entre as séries? Um exemplo um jogo, numa primeira série você não dá numa segunda, numa terceira?

Até posso dar.

Como você os diferencia? A forma de estar trabalhando e os objetivos em cima dele?

Então, é lógico indo do mais simples para o mais complexo. A questão da análise daquele jogo, né.

O que do mais simples para o mais complexo?

Vamos pegar sei lá pêra ai... vamos pegar um, um... meio de exemplo, né. Vamos pegar o 2ºano. Bola queimada. Eu começo a bola queimada lá na 2ª série. Na 2ª série eu não dou muita ênfase na questão do, do, do histórico, do por que isso, aquilo. Eles tem que aprender a mecânica do jogo, como é que funciona. Primeiro eles tem que aprende a obedecer até as regras. Por que eles vem para cima da bola, né. Isso vai... as vezes eu consigo chegar lá até uma outra, uma variação. Ai na 3ª série eu já posso entrar com histórico. Eles fazem pesquisa, eles me trazem formas de jogar, eles me trazem a história da bola queimada. A gente faz todo um trabalho de análise. E as variações. Na 4ª série isso também entra um pouco mais elaborado ainda. A questão ai já tem a história, ai a gente pode até discutir por que era feito dessa forma. Porque eles estavam treinando, 'mas escuta, criança treina para a guerra, e tal?' Então eles já conseguem também transferir para uma análise mais profunda, né. E também outras variações. Eles me trazem coisas mais variadas ainda, mais complexas ainda.

Em relação à estrutura do jogo?

Isso. Futebol, por exemplo. No primeiro aninho dou chute a gol, dou mais coisinha lá. 'O que que é o chuta?' Como você usa, qual o pezinho que você usa. Ele também ta ali pensando naquele movimento que ele esta fazendo, por meio de questionamentos, né. 2º ano, já vamos meia quadra, já vamos uma quadra inteira, já vamos fazer jogos. Com regras bem..., vivenciar com regras bem... lateral e gol, né. 3ª série a gente já entra com histórico, já entra com regras, já entra com diferenças entre futsal, futebol de campo, é... por que o masculino e o feminino, menina joga, menina não joga. Tem toda aquela coisa que é... nesse ano por exemplo, as meninas da 3ª , ' a tia eles não passam pra gente'. Então como é que nós vamos fazer? Ai um grupo ficou sentadinho contando quantas vezes a bola passava para a menina. Enquanto dois jogavam dois esperavam. Quantas vezes a bola passa para a menina?

'Ah não passou quase nenhuma vez'. Então para fazer o gol, para tentar fazer o gol, o que que vocês acham que a gente pode fazer? 'ah a gente tem que passar pelo menos por duas meninas'. Então eles já modificaram as regras, mas não conseguiram perceber que aquela regra não era oficial. Aquilo lá não é oficial. Que ai nós fomos fazer o campeonato, rrsrsrs, e ai 'tia ele não passou pela menina' e tal... ai eu falei que não é oficial, né. Embaralhou um pouquinho. Eu percebi que a gente precisa trabalhar melhor. 4ª série, pra que o jogo de futebol, por que as torcidas se matam? Antigamente, ai traz a história dos gladiadores, né. Traz a história de Roma. Agora tem 22 lá se matando, mas é a mesma coisa, só não ta correndo sangue. 'ah mas na arquibancada tem sangue', não sei o que. Então ai vem... a gente tenta trazer para a análise do que acontece hoje, né.

Em relação às capacidades, as habilidades da para trabalhar também em todas as séries complexificando?

Trabalho. Mas não é a minha ênfase maior não. Trabalho pra, pra, pra ter um básico, pra ter um mínimo, né. Pra ele ter um mínimo também. Pra ele acompanhar esse conhecimento, acompanhar essa cultura. Saber que existe um chutar, existe um pular corda, existe um ...

Em relação ao chutar, é uma série, não...

Tem como conteúdo. Depois ele vai ser usado lá dentro dos vários jogos. No baseball que a gente faz, no...

Você conhece a proposta dessa escola, a pedagógica? Não só da Educação Física. Seus objetivos , a meta .

Conheço.

A escola tem um (currículo proposta pedagógica), é igual ao do município? É o mesmo?

Eu acho que é o mesmo.

A parte dos conteúdos só também, né? Por que a primeira parte cada escola elabora, né?

Eu penso que não, eu acho que veio aquela parte teórica veio...

Não aquele pedacinho teórico (da Educação Física). Objetivos, metas da escola. Bem no comecinho da proposta. Caracterização de criança, normalmente tem, de ensino.

Não, isso é de cada escola, mas aquela parte da Educação Física que tra lá...

Concepção da área...

Isso, isso ai acho que veio da secretaria.

Vocês seguem? Você não modificou?

Não modifiquei. Não modifiquei La no papel.

O que você acha?

Que a gente esta caminhando...

Objetivos?

Satisfazem...você esta com ela aí? Eu vou pegar ela lá.

Objetivos.

Os objetivos:

a) *Possibilitar aos alunos situações que envolvam análise, reflexão e abstração sobre seu corpo, compreendo-se como corpo, corpo possível e em movimento;*

Eu tento trabalhar isto sim.

b) *Propiciar ao aluno, enquanto sujeito, a tomada de consciência de sua motricidade;*

Também. Ele é um sujeito, sujeito no mundo, agente no mundo, né.

c) *Favorecer ao aluno a apropriação real de sua própria motricidade, bem como os bens culturais que esta motricidade tem produzido e pode produzir;*

Pega lá, né, um jogo ou qualquer outra coisa, ele vai ta analisando e tomando consciência da sua motricidade naquele jogo. Naquela cultura, seja jogo, seja dança, luta.

d) *Contribuir para a compreensão do aluno sobre os sistemas de significações nos quais suas ações estão inseridas;*

Eu penso que é uma análise isto também.

e) *Proporcionar situações nos quais o aluno promova a interação entre o fazer, o saber-fazer, assim como converta ao plano consciente as estruturas utilizadas na produção das ações;*

f) *Possibilitar ao aluno a aquisição de um repertório cultural relacionado com a motricidade humana.*

Não tem como você ter cultura sem você ter motricidade. A cultura é qualquer produção humana, e o corpo é humano.

O que é que vai diferenciar nesta cultura o específico da Educação Física?

O corpo. Não. A análise de tudo isso.

Mas e daí, uma fisioterapia, o que é que diferencia uma fisioterapia que pega um corpo, um movimento...

A sim... a cultura.que também na fisioterapia existe...

Mas o que é que vai dar o específico? O que eu estava perguntando antes.

É a visão, é a visão que a gente tem de mundo e de corpo. Porque o fisioterapeuta ainda... existe lá alguns que já estão, tanto o médico como o fisioterapeuta, estão até tendo uma visão holística, né, da vida, do corpo. Mas tem muitos que ainda não, a grande maioria.

Vou dar um exemplo. Português, o corpo ta presente também. E ele produz estas linguagens...

Ou seja nós estamos, a Educação Física esta inserida... se a gente for pensar que a gente trabalha o corpo e a motricidade, não tem como separar corpo e motricidade, vamos pensar motricidade. Eu...não... nós estamos em tudo. Só que ai tira, como o português, Noé não estamos usando o português agora? Só que ai, lá no português o que é que vai acontecer, a disciplina português, vai acontecer a analise, vai acontecer a reflexão,né. Vai acontecer o transporte disso para a vida. A gente trás o corpo para a disciplina de Educação Física analisa, reflete, é... mastiga, abstrai e ta-ra-ra-ra. e devolve isso... para a vida.

Os conteúdos que estão ai. Você gosta, concorda, não? O que é que você acha? ...

Outro dia eu falei que eu sou facinha, facinha. Por que eu me convenço... ah é para trabalhar isso, então vamos arrumar um meio. Trazer esse conteúdo de uma forma que eu consiga me satisfazer com ele, enquanto professora né. Tem algumas coisas ainda que eu acho que a gente pode... que as realidades são muito diferentes né de escola para escola, de região para região, não só de lon... região até, em termos de estado, em termos de Brasil, né. Talvez isso poderia estar flexibilizando conforme a necessidade daquela comunidade, daquele grupo, né.

E a metodologia?

[lendo o PP] “Uma prática pedagógica desafiadora e que proporcione reflexões nas aulas de Educação Física, possibilita aos alunos a construção do conhecimento, por meio da abstração, ou seja, o sujeito analisa o desafio apresentado, levanta e testa hipóteses, utilizando sucessivas aproximações para obter êxito na solução de um problema levantado.”

Eu nem penso muito enquanto problema, num levo muito pronlema, né. Ai, bola queimada, ela é um problema, ela existe na nossa cultura. Então, vamos trabalhar, vamos entender esta bola queimada, como ela chegou até a gente. Por que que a gente fala assim: ‘vamos jogar bola queimada’ e todo mundo sabe? Futebol, todo mundo tem idéia do que acontece, né. Se eu chegar aqui hoje e falar ‘vamos lutar karate’... não ta fazendo parte daquela comunidade.

E a avaliação?

Nossa...!! É uma coisa que eu luto todo o dia. Com a avaliação. Como que a gente vai avaliar, né? Questões tão subjetivas assim?

Você faz alguma?

Eu faço bem... uma questão informal, por meio de questionamentos, né. As vezes eu tento... esse ano eu tentei deixar dois ajudantes por dia, ai, aqueles dois ajudantes eu observo um pouco mais, eu pergunto mais pra eles, eu peço mais opinião deles, e tal pra ta. Mas eu não faço nada sistematizado, não tenho instrumento de avaliação. Não da tempo. Ou eu trabalho com eles ou eu vou esse tipo de coisa.

Você conhece os PCNs?

Um pouco.

Gosta, não gosta, tem crítica, não tem?

É muito generalizado. Mas da mesma que é uma crítica, ele está generalizado, por que você Le o PCN qualquer coisa que eu fizer enquanto professora brasileira, eu vou tar dentro dele. Se eu quiser dar uma aula extremamente tecnicista, eu vou tar dentro dele. Se eu quis tradicional, eu vou tar dentro dele. A minha visão. Só que não tem uma forma de ser diferente dada a dimensão continental deste país. Por que a região nordeste tem outros interesses outros âmbitos, vamos dizer outra cultura, né, no sentido de corpo e de tudo mais. Fica difícil eles especificarem, só se eles regionalizar assim eles.

E tem alguma coisa do PCN nesta proposta, você acha?

Encaixa, alguma coisa encaixa, a questão das lutas, das danças, dos jogos.

E você não acha também que aqui é (proposta da escola/rede)?

Mas aqui é muito sucinto e muito aberto também, né.

Isto que eu ia falar.

Também aqui (PP) se eu trabalhar, eu seu de professores que trabalham é, muito diferente de mim, mas eles também estão dentro da proposta. Por que é aberta, né.

E esse currículo ele também não seria – aqui no começo ele diz que está adequado a realidade de Londrina – *mas ele também seria...*

Depende, depende...

Se você levar este currículo lá em... no Ceará. Vai fazer alguma diferença?

*Não precisa ir longe, leva este currículo em Guaravera. Guaravera não é pega-pega é tilha. Eu falei pega-pega lá e eles nem sabiam o que que era. Ah eu ia explicar eles 'ah é tilha'. Então, aqui do lado, tem tanta coisa **diferente** e a gente vai adequando, né.*

O que é o lazer para você?

Ultimamente. Rsrtrs.

Não o que é lazer, as atividades...

Pra mim lazer ...

Não o que você faz..

Não o que eu faço, certo. Mas o que eu penso, o que eu entendo como lazer.

É.

Quando você tem um tempo livre e você vai escolher o que fazer com este tempo. Então vai ser um lazer. É uma escolha.

O que é recreação?

Recreação são atividades que também podem ser trabalhadas neste tempo livre. Normalmente prazerosas, que têm bons... De uma forma espontânea.

Que tem bons o que?

Ah eu ia colocar tem bons, bons, de uma forma positiva. Não consegui achar o termo. Você vai de bom grado. Você não vai obrigado, você..., né.

E o lúdico? Lúdico ou atividades lúdicas? Se tem alguma diferença?

Então, pra mim, quando eu leio, leio, leio, leio, eu penso o lúdico. As vezes pra mim... lavar a louça é lúdico. Por que é uma coisa que eu estou fazendo lá, e estou satisfeita, não estou, não estou... Estou produzindo, estou satisfeita, e gosto de lavar louça, vamos dizer. Pra mim é lúdico. Quando você esta satisfeita com sua atividade.

Este lúdico está na recreação e está no lazer?

Tem que ta, né. Tem que ta.

Você trabalha com o lazer em suas aulas?

Se eu penso que é um tempo livre, minha aula não é livre. Se minha aula fosse livre, como foi estes dias. Vai ser de novo por que choveu e não deu para fazer, nós fizemos só metade, a ai sim. Juntou o lazer que era o tempo livre daquele dia, que vieram os brinquedos ai. Ai a criança foi, ela ia naquilo que ela queria. Ai sim é lazer. Mas enquanto... quando a minha aula, ela tem o lúdico, ela pode ter o lúdico, mas eu não posso encaixar como lazer, por que não é um tempo livre.

E a recreação em sua aula, tem algum...

Pode ocorrer de acontecer. Pode acontecer. Por que a recreação é uma atividade dirigida. Pra mim né. Uma atividade dirigida. Ele pode estar se recreando naquela atividade. Indo realmente de bom grado, mas pode não estar é bem subjetivo, também, como o lúdico. As vezes a bola queimada para uma menina que morre de medo da bola, não é lúdico. E para o outro é lúdico.

Você entende o lazer como um tempo...

Aquele tempo livre que a gente tem e ocupa ele de forma prazerosa, normalmente. Estao esta forma prazerosa é o lazer.

E o lazer, pegando assim o aluno...

O lazer do aluno?

É tem o lazer do aluno, não pegando este tempo, mas o que ele faz. As atividades deste tempo, se elas estariam em sua aula? Igual o futebol. Faz parte do lazer dele. O lazer lá fora da criança...

Então, a minha aula é um conteúdo que a gente vai trabalhar. Futebol, vamos pegar o futebol. Então ele não pode ser pensado ali como lazer. Pode até ser que aconteça o lúdico, a recreação, mas não

posso pensa-lo enquanto lazer. Só que Le vai pegar este futebol e vai lá para a rua dele. Ai ele vai usar, vamos dizer, o futebol aqui como lazer.

É isso que eu estava perguntando. Da relação que tinha entre a Educação Física com o lazer?

É isso. Com certeza. Nós somos um só, né. O movimento é o mesmo, não tem como, eu aluna, na aula de Educação Física, e eu [...] na minha rua.

Mas assim, dentro da aula, tem uma atividade que fora da escola ela é de lazer.

Sim.

Tem algumas atividades da aula que não são do lazer? Oriundas do lazer?

Tem. Por exemplo, aula de alongamento eles não vão fazer alongamento lá fora por puro prazer. Mas agente trabalha aqui. Uma questão de habito, uma questão de conteúdo também. A importância do alongamento, do aquecimento, tra-la-la. Da minha aula de Educação Física das outras disciplinas muito mais.

Aquelas habilidades, capacidade tem alguma relação com o lazer?

Com o lazer, sim... "o loco". Tudo, né.

Dentro das atividades?

Dentro das atividades. Eu vou fazer um bet's, é arremessar, é rebater, é correr, é tudo. Amarelinha, o pular, o lançar, o equilíbrio.

Mas o currículo não traz nada específico...

De lazer?

Sim, o que é lazer, nada. Ele traz alguns conteúdos...

*Não, não. Nem de recreação. Nem... a **preocupação** não é este. A preocupação é a motricidade. É a cultura corporal e a motricidade. Não traz, não cita, não contempla não.*

E você também não gostaria de ta... por que o lazer é bem mais...

*Eu até... é, trabalho um pouco sim quando a gente vai falar sobre **qualidade de vida**, saúde, na 4ª série. Por que? Eles estão escolhendo um lazer passivo que é o vídeo game, o computador, é né, então, a gente conversa muito sobre isto. Quando você for lá escolher as coisas que você vai fazer, tenta um lazer mais ativo. Vai andar de bicicleta, vai jogar futebol, pra-la-la-la. Vai ter uma qualidade de vida maior do que ficar só o dia inteiro no computador. Então aí eu consigo... eu lembro que é um momento que eu faço isso. Que eu falo sobre o lazer.*

Motricidade. Você falou que o objetivo é a motricidade. Corpo, movimento: motricidade...

Han, han.

E o lazer poderia estar, mas não é o objetivo?

Da Educação Física ?

Foi o que você falou mais ou menos agora?

É por que eu, ...entao...

Fale um pouco mais sobre motricidade e lazer. E a Educação Física na escola?

O lazer, o lazer ta na motricidade, ta tudo na motricidade. Que a motricidade sou eu, é você, é o conhecimento, é a cultura. Não tem o que a gente faça que não seja motricidade.

A aula de português é motricidade, trabalha com conteúdos de uma motricidade.

Por que motricidade é conhecimento.

E é igual a Educação Física ?

O conhecimento é ação. Qualquer conhecimento é ação.

Português / motricidade, Educação Física / motricidade. E o que é que dá o específico da Educação Física?

O que é que dá o específico. Da mesma forma que o português dá o específico. O português vai tratar da língua. Vamos dizer, muito rudimentar, porque eu não entendo, eu não sou professora de português. Mas dentro da motricidade é o falar, o escrever, é o redigir, é o ... ta. Tudo isso parte de você. Tudo isso parte do seu corpo. Então é motricidade. Mas ela esta sendo tratadas especificamente, essas questões, essas ações que são conhecimento. E dentro da Educação Física. É o agir, é o movimento...

E o português?

Também ta. É complicado. É, é.

Mas o que é que dá o específico?

Mas é um pouco mais específico. A cultura corporal, vamos dizer. A gente pegou uma outra vertente da escola. Que vai tratar da atividade física mais evidente, vamos dizer assim. Que aqui você não evidencia a atividade física, você não evidencia o corpo no português.

Por que cultura corporal?

Eu posso tirar o corporal daí.

Motricidade, daí a cultura corpora vai dar especificidade?

É, vamos dizer, o corpo vai dar, o corpo e o movimento vai dar a especificidade. E ai que ta. É uma, é uma... vai dar conta de outra parte, vamos dizer. Nós vamos dar conta de uma parte de movimento mais evidente, uma parte de movimento de corpo mais evidente. Aqui(português) mo corpo também ta. Não tem como, mas é outro, outra, outra , não queria falar objetivo, mas é outro foco. Outro foco.

Como você vê o futuro da escola e da Educação Física?

(risos) bom a Educação Física, eu acho que, mesmo que ela desaparecer da escola ela vai continuar. Porque a gente... tem que continuar sendo tratada. E a escola... nós precisamos... esta existindo uma desvalorização muito grande e uma mudança de função. Nós precisamos... estamos virando, antes era uma função, que deveria ser, uma função formadora, agora é uma função assistencialista. E o conhecimento esta ficando de, plano secundário. E isso pode até tender a desaparecer. A escola, a criança, não vai mais para a escola para aprender, pelo menos no Brasil esta acontecendo isto. Ela vai é para a merenda, ela vai é para tomar banho, ela vai para ter o vale leite, o vale sei La o que, bolsa escola, e isso e aquilo. Agora esse pró jovem, ai, que o menino não estudou quando era pequeno, não estudou de quinta a oitava, não estudou. Agora com dezenove anos ele vai ganhar cem reais para estar na escola. Então, eu não... é desanimador. Mas quanto a Educação Física ela vai estar presente, tem que estar presente sempre, né. Como qualquer outra disciplina ela ta sofrendo porque, porque o português esta sofrendo, a matemática também esta sofrendo, o inglês também esta sofrendo. As crianças estão saindo sem aprender ler e escrever, né. Mas agente não pode desistir.

Você vê alguma diferença em relação a Educação Física da escola particular que você trabalhou e nessa? Nas públicas?

Na escola particular ela é muito mais desvalorizada. Lá ela esta por uma questão de força de lei. No minuto seguinte que a lei disser assim, "é facultativo" ela cai. Porque lá é uma empresa, o professor ta lá ele esta sendo pago, ele é um gasto a mais. No minuto seguinte todos os professores das escolas particulares estarão dispensados. Tanto que acontece hoje... a Scola esta só cumprindo lei. Ela esta só cumprindo lei. Ela não que o professor de Educação Física lá dentro.

Ela quer os outros professores...

Ela quer os professores de matemática de português, e tudo mais porque esse vai passar no vestibular. A Educação Física não precisa. Até a quarta série a gente corre o risco de ficar seguro, tudo porque ai o pai quer uma formação integral para o filho, quer que o filho, tenha balé, tenha judô, tenha uma coisa específica. Tanto que eles juntam turmas, eles colocam no horário (fora do horário regular de aula), você da aula para 100, 150 alunos, você não da aula para uma turma. Para pagar menos para o professor, para ter menos gasto. Não esta preocupado de jeito ... essa formação inteira, não vou falar nem integral, mas inteira do aluno, né, enquanto sujeito, TR-la-la-la..., não. O objetivo da escola particular é outro. É lucrativo. É lucro.

E o grupo de estudos da rede. O que você esta achando?

É uma tentativa. Falta ainda boa vontade dos próprios professores em estar aberto para mudanças. Que a gente tem muito professor antigo. Que não ta... que dá trabalho, você reestruturar, você se reestruturar, a sua visão de mundo, a sua perspectiva, as suas idéias. Fora isso... 'eu dou aula a 23 anos desse jeito. Agora eu vou ter que reformular tudo. Ai nessa reformulação vai ter muita coisa que eu vou acertar, que eu vou errar'. Ele não faz. Não adianta que ele não faz.

Você gosta desses grupos de estudo?

Eu gosto, gosto. Gosto bastante porque é um... muito mais do que trazer coisas novas, a gente tem muita troca de experiência, né. Lembra quando a gente ... 'como é que você faz isso, de que jeito você faz isso de que jeito você faz aquilo'. Mas também a gente tem sempre aquele outro que puxa... que não está preocupado, que conversa paralela. Quer saber do salário do final do mês.

E a disciplina do mestrado?

Foi muito contundente para mim. É difícil, eu ainda estou no ar, me desestruturou bastante em relação a idéia de corpo, idéia de ... até outras questões maiores de morte, de outra vida, de não sei que. O buraco foi bem embaixo.

Você vê relações com sua aula?

Sim.

Muito, pouco? Você se dirige para aquilo ou não?

Não dá, não. É pouco mas é assim, mudança não é muito visível, mas o que eu, a minha visão diante daquelas situações é outra.

ENTREVISTAS COM OS ALUNOS E ALUNAS

J. 09 anos.

O que você gosta aqui da escola?

Ah, eu gosto da Educação Física, eu gosto de vir aqui pra cá porque a gente pode ler um livro. Eu gosto da quadra, e dos maus amigos.

Por que você gosta...

Da Educação Física eu gosto por que a gente pode correr, a gente pode brincar. Eu gosto dos meus amigos porque eles são gentes legais, eles são fiéis. E eu gosto da escola, eu gosto de estudar porque eu gosto de ler livro.

O que você não gosta aqui da escola?

Ah, eu não gosto porque eu não posso comer os lanches legais porque eu tenho intolerância à lactose.

Pra que serve a escola?

Pras crianças aprenderem coisas. Como, estudarem coisas, aprenderem.

O que você estuda aqui na escola?

Ah, eu estudo português, matemática, história, geografia, ciências e inglês.... e Educação Física.

Como você gostaria que a escola fosse?

Eu gostaria que a quadra tivesse um teto, porque quando tivesse chovendo poderia ter Educação Física.

E o jeito das pessoas, dos professores, alunos...

Eu gostaria que os alunos parassem de brincar com aquelas cartinhas porque eles se ferram pra caramba.

E o jeito dos professores, diretora?

Eu acho que os professores tem(deveriam ter) um jeito diferente de ensinar

Você brinca aqui na escola?

Brinco. Todo o dia.

Do que você brinca?

Brinco de queimada, pega-pega, esconde-esconde quando dá, e Ogro.

Onde você brinca dessas coisas?

No pátio.

Com quem?

Com 5 meninas e 3 meninos. Na hora do recreio.

Dentro da sala de aula você não brinca?

Não.

Alguma professora faz brincadeiras com vocês?

A professora Rosana as vezes faz brincadeiras.

Você gostaria que as professora fizessem mais brincadeiras com vocês?

Não. Não muito. Porque se fosse muito a gente não ia estudar quase nada.

Pra que serve a Educação Física?

Pras pessoas...saberem como deixar o corpo em bom estado e pra dar uma relaxada das aulas.

O que você faz na Educação Física? Você estuda, você brinca...

Eu faço alongamentos e brinco.

Você faz a aula de Educação Física?

Faço.

Você gosta da aula?

Gosto.

Por que você gosta da aula?

Porque dá uma aliviada das outras aulas e porque a gente se diverte.

Todos da turma gostam e fazem a aula?

Todos. Há, tem duas meninas que não gostam.

Você queria ter mais aulas de Educação Física ou menos aulas?

Mais uma aula na sexta-feira.

Por que mais uma?

Porque assim a gente ia poder brincar mais.

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

A gente faz alongamentos, a gente aprende a fazer alongamentos. Pra fazer sempre antes dos jogos e brincadeiras. Porque se não fizer pode ficar com uma parte do corpo doendo depois. E depois a gente aprende um esporte, e alguma brincadeira. Aquecer.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Algumas eu sei, outras eu não sabia.

As coisas que você faz nas aulas de Educação Física você faz também na sua casa, na rua?

Você faz fora da escola?

Faço fora da escola.

O que você faz? De alguns exemplos.

As vezes quando dá eu brinco de pega-pega, queimada, bola.

E as aulas de Educação Física têm isso também?

Tem.

Handebol?

Faço.

Alongamento?

Faço.

Você faz?

Alongamento eu faço todo o dia.

Quando que você faz?

Alongamento todo o dia de noite eu faço. Principalmente quando no dia que vai ter Educação Física.

O que é que você aprende nas aulas de Educação Física?

Há, eu aprendo esportes e a fazer alongamentos.

Vocês brincam ou jogam alguma coisa mais na Educação Física?

A gente brinca de alguma coisa antes do jogo, pra aquecer depois a gente joga um jogo que a professora vai começar a ensinar.

Vocês têm aula de dança?

De dança não, mas a gente ensaia pra apresentar no final do ano.

Você esta aqui na escola desde quando?

Desde a 2ª serie.

Você já teve aula de dança alguma vez?

Não.

E aula de esporte tem?

TAM nas Educação Física, porque a professora ensina vários esportes. Só que tem um que eu queria que ela ensinasse também, mas não dá. Eu queria que tivesse piscina e a professora desse natação. Porque eu faço natação, daí eu não fazia natação porque não dá para pagar. E se eu fizesse aqui seria bom porque eu faria duas vezes por semana.

E aula de luta?

Não. Com a professora [...] nunca teve.

E de ginástica?

Não.

Nesse ano nem nos outros anos?

Não.

O que ela dá então?

Ela dá esportes e brincadeiras. E alongamentos.

Você gosta dessas aulas de ginástica, luta esporte... você queria ter elas?

Eu gostaria que tivesse aula.

Que organiza as aulas, as atividades, vocês ou a professora?

A professora.

Ela traz a aula prontinha e vocês fazem tudo?

A gente faz o que ela pede.

Ele pede para você fazerem alguma coisa, montarem, apresentarem...

Não. Uma vez ela pediu para e gente fazer, o que a gente gostaria que tivesse na Educação Física. No começo do ano. E daí a gente fez. Só isso que ela deu.

E ela esta fazendo as coisas que vocês pediram?

Há, não tudo. Eu gostaria que tivesse basquete. Ela deu no começo de ano. Eu queria que tivesse mais basquete.

Mas ela pediu para vocês escreverem o que queriam ter e vocês fizeram isso? Ela leu aquele papel e ta fazendo?

Ela leu só que ela não fez tudo. Mas não é tão ruim porque não tem...tem tanta gente.

Como que você daria uma aula de Educação Física?

Primeiro eu daria alongamentos. Depois eu explicaria o que que vai ter. Depois eu faria uma bola queimada ou um pega-pega, pra aquecer, depois ia começar a dar... falar... dar aula sobre algum esporte.

O que é lazer para você?

É quando alguma pessoa se diverte e pode ficar sossegada sem ter que fazer alguma coisa que te ficarem pedindo que é chata, que você não gosta.

A aula de Educação Física é lazer?

Não muito. Porque tem que fazer... no começo quando é pega-pega é lazer, de certa forma, porque a pessoa se diverte, sem ter que fazer alguma coisa mandando. Mas depois quando a professora começa a falar sobre o que que a

gente vai ter que fazer sobre o esporte, não é tanto lazer, porque ter que tar fazendo alguma coisa que a professora pediu.

Aula de português é lazer?

Não.

A hora do conto?

É lazer.

Matemática é lazer?

Não.

Geografia?

É. Pra mim é.

História?

Não.

Ciência é lazer?

É.

F. 13 anos.

O que você gosta aqui da escola?
De estudar. Escrever. Por que é legal.

O que você não gosta aqui da escola?
Não gosto? Da Educação Física.

Você não gosta da Educação Física?
Não.

Por que você não gosta?
Ah, é chato. De vez em quando não tem quase nada para fazer. É pouco "muito" tempo.

Pra que serve a escola?
Há, para estudar, para brincar.

O que você estuda aqui na escola?
Há, matemática, português.

O que mais, só?
Inglês, história, geografia.

Como você gostaria que a escola fosse? Se você fosse mudar alguma coisa.
A piscina.

Você ia por piscina?
Sim.

E o jeito das pessoas?
Não.

la deixar do mesmo jeito?
Sim.

Você brinca aqui na escola?
Sim.

Do que você brinca, quando?

Eu brinco de pega... a quero dizer eu brinco de jogar na parede. Na hora do recreio. Só na hora do recreio. (com as colegas)

Você brinca aqui na escola das mesmas coisas que você brinca na sua casa, na rua?
Não.

Aqui as brincadeiras são diferentes?
Sim.

Por que é diferente?
A ! ...

Tem alguma professora que faz brincadeiras com vocês?
A tia Marina.

Que hora?
No final. A gente brinca de... ela da conta, conta não. Ela da tabuada e brinca do jogo do pontinho, um monte de coisa.

Mas ninguém faz brincadeiras?
Não.

Você gostaria que outras professoras fizessem brincadeiras com vocês?
Sim.

Pra que serve a Educação Física aqui na escola?
Pra movimentar os músculos, pra ficar forte.

O que você faz nas aulas de Educação Física?
Você estuda você brinca.
Nós brincamos.

Você faz a aula?
De vez em quando.

Você gosta da aula?

Não, não.

Por que você não gosta?

Porque é chato.

Todos da turma fazem aula?

Sim.

Eles gostam?

Tem alguns que não fazem. E eles gostam.

Você queria ter mais ou menos tempo de aula?

Mais.

Mas você não gosta!

Há, só para...

Só para que? Só para sair da sala?

É.

Quais as aulas de Educação Física que você tem? O que vocês fazem nas aulas?

A gente brinca de pega-pega corrente, futebol americano – futebol americano não – gol-a-gol, corredor perigoso, só o que eu lembro.

Você aprende coisas novas na Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

As mesmas coisas. Eu já sabia.

As mesmas coisas dos outros anos?

Sim.

Na 3ª. Série, 4ª. Série tudo igual? E você já sabia?

Já.

Você faz as atividades que a professora traz para a aula você faz no seu dia-a-dia? Na sua casa, na rua...

Sim.

O que você aprende na Educação Física?

Um monte de coisas. Pega-pega, futebol...

Vocês tem aulas de dança?

Não. Só ensaio só.

Você esta na escola desde quando?

Faz tempo.

Nunca você teve aula de dança?

Nunca.

E de esporte?

Um projeto lá que eu nem fiz, que eu não podia ir. Futebol.

E na aula de Educação Física, não tem handebol...?

Não.

Handebol não é esporte?

Não.

É um jogo?

É.

Aula de luta, tem?

Não.

Ginástica?

Não.

Você gostaria que tivesse estas aulas?

Sim.

Quem organiza as atividades da Educação Física?

A tia [...].

Vocês..

Não.

Como você daria uma aula de Educação Física? Você mudaria alguma coisa?

Não.

Você iria dar igual a da prof. [...]?

Sim.

O que é lazer para você?

Há, não sei heim!

Aula de Educação Física é lazer?

É.

A de português é?

Não.

A hora do conto?

É.

Geografia?

Não.

História é lazer?

É.

Por quê?

Porque eu gosto.

N. 10 anos.

O que você gosta aqui da escola?

Bem, eu gosto de muitas coisas. O recreio, eu gosto da professora. De varias coisas.

O que você não gosta aqui da escola?

O que eu não gosto...eu não gosto das brigas que tem aqui de vez em quando. Quando tem aquelas...pessoas que ficam bagunçando na sala, ficam gritando. Às vezes eu não gosto disso.

Pra que serve a escola?

A escola serve para poder nos ensinar algumas coisas que a gente não sabe. Sobre algumas coisas.

O que você estuda aqui na escola? Aprende aqui na escola.

Aprendo matemática, português, ciências, história e geografia. E inglês também.

Como você gostaria que a escola fosse?

Eu gostaria que a escola fosse mais legal, mais educada sem essas brigas e sem machucar pessoas, essas coisas. E assim.

Você brinca aqui na escola?

Brinco.

Em que momento?

Eu brinco mais ou menos as 10horas , na hora do recreio e as vezes antes de bater o sinal da gente entrar pra sala.

Na sala vocês não brincam?

Não.

Do que você brinca?

De vez em quanto eu brinco de ameba, de futebol, de basquete de corda e outras coisas.

Você brinca aqui na escola do mesmo jeito que você brinca na sua casa, na rua?

Mais ou menos. Eu brinco em casa de corda, de ameba de bola queimada, mais ou menos disso.

Alguma professora faz brincadeiras com vocês?

Não. Só a professora [...].

Você gostaria que as professora fizessem mais brincadeiras com vocês?

Sim.

Pra que serve a Educação Física?

Pra nos ensinar alguma coisa que a gente nunca sabe o que que é. As regras daquele jogo e outras coisas assim.

O que você faz na Educação Física? Você estuda, você brinca...

Nós aprendemos algumas coisas e também nós brincamos, como ... se a gente aprende handebol, fala das regras, do como é o jogo, dos passe, como é jogada a bola, essas coisas.

Você faz a aula de Educação Física?

Faço.

Você gosta da aula?

Eu gosto.

Por que você gosta?

Porque é um modo da gente aprender que não é só ficar dentro de casa, ficar só parado. Pra gente também ficar brincando, nunca ficar parado.

Todos da turma fazem a aula? Gostam da aula?

Gostam.

Você queria ter mais aulas de Educação Física ou menos aulas?

Eu queria que tivesse mais aula de Educação Física.

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

Eu tive bola queimada, ameba, handebol, vários jogos, xadrez e só.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Não. Eu aprendi tudo na escola. E as vezes a tia fala antes de... as vezes a gente vê assim, no recreio as crianças brincando, tudo quando... te4ve da aula de Educação Física, as vezes não.

As coisas que você faz nas aulas de Educação Física você faz também na sua casa, na rua? Você faz fora da escola?

De vez em quando.

O que é que você aprende nas aulas de Educação Física?

Eu aprendo várias coisas. Que o jogo é importante ou não, se é divertido ou não é, se é legal ou se não é, se... várias coisas assim.

Vocês têm aula de dança na Educação Física?

Não. De vez em quando.

E aula de esporte?

De vez em quando.

E aula de luta?

Não.

E de ginástica?

Não.

Você gostaria que tivesse essas aulas?

Sim.

Por quê?

Para pode a gente ficar mais, aprender várias coisas da dança, da luta, e do esporte também.

Que organiza as atividades na aula de Educação Física?

A professora [...].

Como que você daria uma aula de Educação Física?

Eu daria ensinando os alunos que nunca deve ficar brigando com os outros, que o jogo deve ser divertido, e que nunca podemos ficar... um time ganhar e o outro perder nunca podemos ficar tristes. Tudo é vencedor.

O que é lazer para você?

O lazer é uma forma de a gente se divertir para nós, e pra todos que quiserem ajudar a gente.

A aula de Educação Física é lazer?

É.

A de português é?

É.

Matemática é lazer?

É.

A hora do conto?

É.

Geografia é lazer?

É.

História?

É.

Tudo é lazer?

Tudo.

Na escola tudo é lazer?

Pra mim é.

Por que é lazer?

Porque ensina que não só uma matéria que é lazer, varias coisas da Educação Física, matemática, his'tria, hora do conto, essas coisas...

É tudo divertido?

É tudo divertido.

J. 12 anos.

O que você gosta aqui da escola?

Ah, estudar.

Por que você gosta?

Pra aprender fazer tudo.

O que você não gosta aqui da escola?

Não tem nada que eu não gosto. Eu gosto de tudo

Pra que serve a escola?

Pra vim, pra aprender, pra aprender tudo. Português, matemática, tudo. Para aprender as matérias. Pra prender Educação Física também.

O que você estuda aqui na escola?

Português, Educação Física, ciências, história, é.. inglês.

Como você gostaria que a escola fosse?

Se fosse para mudar? Eu queria que cobrisse essa quadra, reformasse ela mais. Daí ia ficar mais legal. E puxasse La mais pra lá.

Você brinca aqui na escola?

No recreio, assim você fala?

No recreio, qualquer hora.

Brinco. No recreio e antes de começar a aula, tem que bater o sinal, daí a gente fica brincando.

Do que vocês brincam?

É.. como que fala é ... a esqueci o nome da brincadeira. As vezes brinca de bola queimada, brinca de pega-pega.

Você brinca aqui na escola das mesmas coisas que você brinca na sua casa, na sua rua?

Não.

A brincadeira é diferente?

É diferente.

Por que é diferente?

Há, porque aqui na escola é meio... eles são desorganizados. Eles não gostam de brincar, eles gostam mais dessas brincadeiras. Lá na minha rua não. Nós brinca, nós monta um time, nós fica brincando bastante lá.

Alguma professora faz brincadeiras com vocês?

A tia [...]. E a de português. As vezes ela faz umas brincadeiras. As duas professoras também fazem brincadeiras.

Você gostaria que as professora fizessem mais brincadeiras com vocês?

Gostaria.

Você acha que ia ajudar vocês aprenderem mais pelas brincadeiras?

Ah ia ajudar um pouco mais. As brincadeiras.

Pra que serve a Educação Física?

Ah, serve para... se brinca, se aprende mais, fica mais forte também. Perde mais peso também. Serve bastante para brincar. Brinca bastante também.

O que você faz na Educação Física? Você estuda, você brinca...

Primeiro nós faz alongamento, depois a tia da bola queimada. Divide o time, faz bola queimada. Tem vez que é handebol, tem vez que é um pouquinho de cada, vôlei.

E no começo do ano o que é?

No começo do ano. Não me lembro.

Vocês estudam na aula, vocês brincam?

Estuda.

Você faz a aula?

Faço.

Você gosta da aula?

Gosto.

Por que você gosta da aula?

Ah, eu gosto vendo, você vai aprendendo, aprende mais. Daqui uns dias esta terminando o ano já.

Todos da turma gostam e fazem a aula?

Todos gostam.

Você queria ter mais aulas de Educação Física ou menos aulas?

Mais.

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

Handebol, vôlei, deixa eu ver mais...xadrez, quando chove, chute ao gol, o que mais...deixa eu ver. Tem vez que a gente treina lançamento assim, pra lançar. Deixa eu ver mais uma brincadeira, basquete e bola queimada.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Já sei. Já.

Futebol?

Já sei.

Handebol?

Já.

Xadrez?

Xadrez não. Tinha umas coisas que eu não sabia agora estou sabendo.

Bola queimada?

Algumas coisas novas assim também que muda um pouquinho da regra, mas eu também já sei um pouco.

Chute a gol?

A mesma coisa.

As coisas que você faz nas aulas de Educação Física você faz também na sua casa, na rua? Você faz fora da escola?

Faço. Eu ensinei uma brincadeira para eles. É rouba bandeira. Daqui da tia [...] eu levei para lá e expliquei lá.

O que é que você aprende nas aulas de Educação Física?

Aprendo bastante. Estas brincadeiras que eu falei e aprendo alongamento que nós faz. Aprendo bastante. Tudo o que a tia [...] faz eu aprendo.

Vocês têm aula de dança na Educação Física?

Não.

Você estuda nesta escola desde quando?

Desde a 1ª, quatro anos.

Você nunca teve aula de dança?

Nunca teve aula de dança.

E de esporte?

Esporte, pra fazer. Uma vez teve um campeonato na escola, que era de futebol, nunca mais teve.

Aula de jogos?

Jogos. Só xadrez quando chove.

E aula de luta?

Não.

E de ginástica?

Não.

Futebol, handebol, é esporte?

É estava me enganando aqui.

Que organiza as aulas, as atividades?

A tia [...]. Tem vez que para na letra do nome daí ela deixa escolher os dois times. Mas ai tem vez, ela não deixa escolher bastante assim. Eu gostaria que escolhesse bastante, nós escolhesse bastante nosso time.

Ela faz toda a aula? Ela traz a aula e vocês vão fazendo do jeito que ela quer?

É. É.

Como que você daria uma aula de Educação Física?

Ah, eu deixaria nós escolher os times, conversasse com a diretora para dar mais tempo para fazer, pra trazer mais brincadeiras legais ainda. Trazer bastante ainda.

O que é lazer para você?

Lazer. A h, pra mim lazer é quando você ta meio quieto, assim, ai você fica tirando lazer, fica meio parado. Ficar meio parado assim, meio... numa praça daí você fica tirando lazer.

A aula de Educação Física é lazer?

Eu acho que é um pouco lazer.

A hora do conto é lazer?

Eu acho que é lazer.

Geografia é?

Não.

Matemática?

Não.

Tem alguma coisa de lazer na aula de Educação Física?

Os alongamentos. A gente faz alongamento, eu acho que é lazer. Os alongamentos.

Futebol é?

Eu acho que é um pouco. Tipo um lazer brincando.

M. 09 anos.

O que você gosta aqui da escola?

Dos professores, dos alunos ... de tudo.

O que você não gosta aqui da escola?

Da quadra sem estar coberta.

Pra que serve a escola?

Pra gente aprender coisas que a gente vai usar mais pra frente.

O que você estuda aqui na escola?

Aprendo varias coisas.

Como você gostaria que a escola fosse?

Eu acho que do jeito que esta ta bom. Só precisa cobrir a quadra.

Você brinca aqui na escola?

Brinco. Na hora do recreio e na hora dos jogos que a professora [...] dá.

Você brinca aqui na escola do mesmo jeito, com as mesmas coisas que você brinca na sua casa na sua rua?

Algumas coisas sim, mas algumas coisas diferentes.

O que é a mesma coisa?

Tem jogos... as vezes lá em casa brinco de pega vareta com meu irmão, a tia [...] as vezes dá quando ta chovendo. Daí, também tem ameba que eu jogo com meu irmão também, bola queimada, rouba bandeira.

Alguma professora faz brincadeiras com vocês?

A professora marina na hora da saída, às vezes ela brinca de jogo do silencio, ela

...matemática pra gente brincando. Daí a professora [...] também da os jogos.

Você gostaria que as professora fizessem mais brincadeiras com vocês?

Sim.

Por que?

É porque a gente vem aqui fica só estudando, no ano passado tinha a hora do brinquedo, varias coisas.

Pra que serve a aula de Educação Física?

Eu acho que é para a gente se exercitar, estudar um pouco do corpo, do... movimento, e um pouco dos esportes.

O que você falou?

Loco...

Locomoção?

É e um pouco dos esportes.

O que você faz na aula Educação Física?

Você estuda, você brinca...

Na verdade a gente estuda brincando, né. Ai você estuda tipo esporte, mas ai você vai praticando os esportes.

O que você estuda nos esportes?

Como joga.

Lembra algum e explica.

Handebol. O passe, a regra, ...também pra, pra fazer o gol não pode fazer com as duas mãos, tem sempre que fazer com uma mão ou com o pé.

Você faz a aula de Educação Física?

Faço. Agora eu não estou fazendo porque estou doente, mas eu faço.

Você gosta da aula?

Gosto.

Por que você gosta das aulas?

Porque é coisas diferentes. Não precisa ficar olhando para o quadro, escrevendo, usando o caderno, não precisa nada. A gente faz fora, num lugar diferente.

Todos da turma gostam e fazem a aula?

Eu acho que todo mundo gosta, mas eu não sei, eu nunca perguntei.

Você queria ter mais aulas de Educação Física ou menos aulas?

Esta bom o mesmo tanto.

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

Teve Rouba bandeira, teve handebol, tem vôlei, tem corda, te chute a gol.

E de locomoção que você falou?

Eu não lembro.

E do corpo?

Um negócio da posição de dormir. A posição certa, ai ela espalhou pela quadra toda e ai tinha que achar, ai tinha que achar pra nós ganhar.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Ah, a gente aprende coisas novas também, né. Mas a gente tem bastante coisa que ela fala, na TV, eu tenho um irmão mais velho ele já jogou tudo o que eu jogo, e as vezes ele pergunta para mim se eu quero brincar com

ele quando ele não tem nada para fazer. Daí as vezes eu jogo com ele...

O que você falou da televisão?

As vezes eu vejo alguns esportes na televisão, do que ela fala. Quando o meu pai ou o meu irmão ta assistindo Tv daí eu vejo.

As coisas que você faz nas aulas de Educação Física você faz também na sua casa, na rua?

Você faz fora da escola?

É às vezes eu faço também.

O que é que você aprende na aula de Educação Física?

Eu aprendo o jeito certo de brincar, de alguns esportes, aprendo algumas coisas que eu ainda não sabia.

Vocês têm aula de dança?

Não.

E aula de esporte tem?

Teve.

E aula de luta?

Não.

E de ginástica?

Não.

Você gostaria que tivesse estas aulas, jogos, danças lutas, na Educação Física?

Gostaria.

Por que?

Ah, porque é diferente. Para a gente não ficar repetindo as mesmas coisas. Tem coisa que a gente aprende na 3ª série e tem ele de novo na 4ª, daí ia pelo menos ia ser uma coisa diferente. Pra não ficar a mesma coisa.

Que organiza as aulas, as atividades, vocês ou a professora?

Eu não sei, mas eu acho que é a professora [...].

Vocês não organizam nada na aula?

As vezes ela faz votação, quem quer xadrez... quando esta chovendo, as vezes ela fala'quem quer xadrez ou quem quer o jogo dos pontinhos' dai a gente faz votação, ela fala. As vezes a gente faz votação na quadra também, para ver que esportes a gente gostaria de fazer de novo. E o que for mais votado.

Como que você daria uma aula de Educação Física?

Eu ensinaria outros esportes, depois eu perguntava qual eles quisessem e inventassem umas regras para eles brincarem.

O que é lazer para você?

Eu não sei.

A aula de Educação Física é lazer?

Acho que não.

Português é?

Não sei.

A hora do conto?

Dependendo do tipo de lazer.

A. 10anos.

O que você gosta aqui da escola?

Eu estudava no Nina Gardeman, mas aqui o conteúdo é melhor. É mais bem aplicado.

O que você não gosta da escola?

Ah, não tem, a escola é ótima.

Pra que serve a escola?

Se não existisse escola... pra gente aprender a ler, escrever, né. Que isso vai, mas pra frente lá, vai exigir muito da gente, né, então a gente precisa aprender as coisas.

O que você estuda aqui na escola?

Ler, escrever, o inglês, a matemática, o português, a geografia, a história, a ciências, e a Educação Física ali mesmo, né. Que a gente aprende alguns novos esportes.

Como você gostaria que a escola fosse?

Eu mudaria uma coisa só, eu cobriria essa quadra ai.

Você brinca aqui na escola?

Bastante heim.

Do que você brinca? E aonde?

A gente brinca ali na quadra de futebol, ameba, bola queimada.

Isso na aula de Educação Física ou no recreio?

No recreio mesmo. Com meus amigos.

Você brinca das mesmas coisas aqui na escola e na sua casa?

Não é diferente. Lá onde que eu moro é um lugar fechado não tem assim... mas quando eu

saio na rua eu adora soltar pipa mesmo, né. Eu e meu pai solta pipa e tira um rélinho lá.

Alguma professora faz brincadeiras com vocês?

A professora de Educação Física quando fica na sala ela fazia umas brincadeiras. Quando a gente ainda não jogava xadrez, né.

E as outras professoras?

As vezes elas fazem no final da aula, fazem o jogo da tabuada, um vai perguntando para o outro, né, o jogo do pontinho.

Você gostaria que as professora fizessem mais brincadeiras com vocês?

Claro. Qualquer criança queria né. Com certeza.

Pra que serve a Educação Física?

A Educação Física é um momento de lazer para você não ficar tão concentrado somente em estudo. Porque se você só ficar concentrado em estudo você não aprende, então tem que ter pelo menos uma hora de lazer.

O que você faz na Educação Física? Você estuda, você brinca...

Toda criança brinca na Educação Física né. Brinca, sempre aprendo nas aulas. E outras coisas.

Você faz a aula de Educação Física?

Sempre faço.

Você gosta da aula?

Adoro.

As pessoas da turma gostam também?

O loco meu. Não precisa nem perguntar, todo mundo gosta.

Você queria ter mais aulas de Educação Física ou menos aulas?

Mais tempo, né.

Quais as aulas que você tem na Educação Física?

De esporte, ela sempre deu futebol. Eu estou aqui desde o ano passado, né, eu comecei faltando cinco meses o ano passado e vim para o [...], do ano passado até pra cá ela, deu futebol, handebol, é, ela trabalhou um pouquinho de vôlei, é basquete, aquela brincadeira, o pique bandeira, bola queimada, ameba, muitas brincadeiras.

Você aprende coisas novas na aula de Educação Física ou as coisas que a professora traz você já sabia?

Sempre aprendo coisas novas.

Quando ela trouxe o futebol, você já sabia,?

Já.

Você aprendeu alguma coisa a mais, nova? No basquete, bola queimada.

Sim, a questão do passe, né, como você fazer o passe certo, porque ela é uma professora muito boa de Educação Física.

As coisas que você faz nas aulas de Educação Física você faz também na sua casa, na rua? Você faz fora da escola?

Não. Futebol e um monte de brincadeiras sim. Mas basquete, e essas coisas assim, não faço não.

Ela não da aula de correr, essas coisas, de habilidades locomotoras...

Ela deu, no começo do ano.

Vocês têm aula de dança?

Aula de dança não. Mas agente ta ensaiando agora, a gente começou a ensaiar esta semana, é para a dança da formatura lá no ginásio.

E aula de esporte tem?

Tem.

E aula de luta?

Luta, não.

E de ginástica?

Ginástica também não.

Então só esporte?

Só esporte mesmo.

Que organiza essas atividades que vocês fazem? Vocês, os alunos ou a professora?

A professora mesmo.

Como que você daria uma aula de Educação Física?

Primeiramente eu prepararia uma aula em casa, né. O que que eu iria falar, né. Eu começaria colocando um esporte ... um esporte assim, tipo um exemplo, o futebol, né, ensinando como é um passe certo, como faz uma embaixadinha, né. Como é toque de cabeça certo, tem que tocar sempre na testa, porque a bola vai mais forte. Como chutar colocado, bater falta.

Os meninos e as meninas iriam fazer aula?

Os dois.

O que vocês estão aprendendo na aula de Educação Física?

Deixa eu me lembrar...nao lembro se ela falou alguma coisa do corpo humano, eu acho. Eu acho que ela falou alguma coisa do corpo humano, se eu não me engano.

O que você acha que é?

....

Pra que ela esta ensinando o handebol?

Handebol, ela ensinou porque é um esporte que exige você na mão, alem de, você vai treinando você vai ficando cada vez melhor, ai você vai pegando agilidade não mão.

O que é lazer?

O lazer é um momento que você tem para relaxar, para poder ... para poder descansar, né. Para poder não ficar tão cansado assim.

Você falou que a aula de Educação Física é um momento de lazer?

Sim.

E aula de português é?

Português é diferente. Porque já é um momento para você aprender que o português é a coisa que você vai mais usar, né.

A hora do conto?

Claro, vixi. Você esta aprendendo ali.

Geografia?

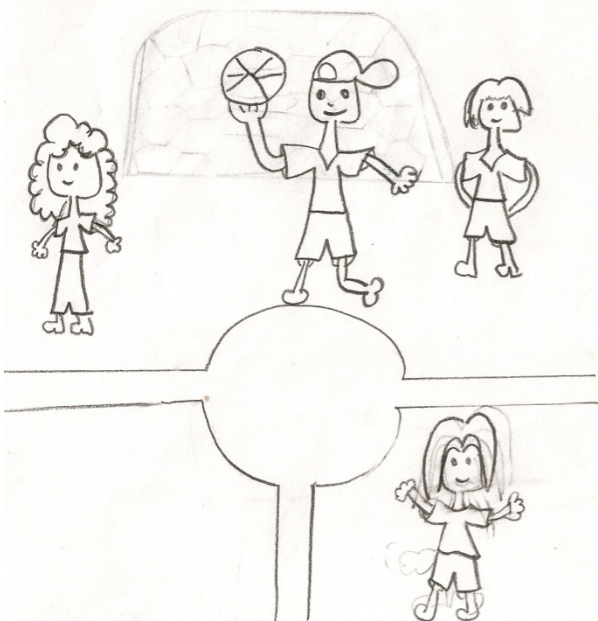
Não. Geografia é uma aula para você aprender sobre os mapas, sobre onde Londrina fica, né e tal.

Você quer falar alguma coisa a mais sobre a escola, sobre a Educação Física?

Olha, da escola eu só vou falar que a escola aqui é demais. Se eu pudesse ter vindo no pré aqui pra estudar eu tinha vindo.

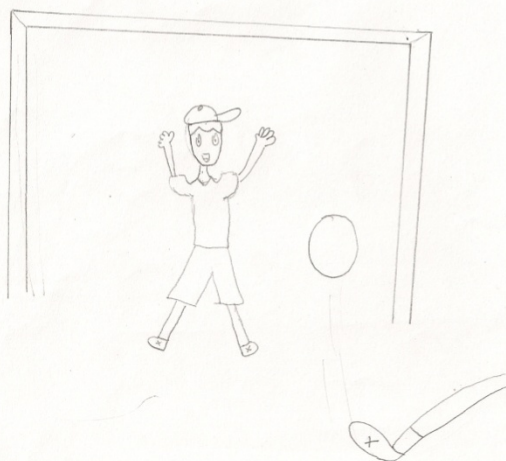
ANEXO C
TEXTOS E DESENHOS DOS ALUNOS

acho a aula de educação física a
 melhor aula que tem na es-
 cola. Todo terça e quinta a professora
 faz educação física na escola para
 nós. Ela também ensina a jogar
 futebol, basquete, vôlei e outros
 jogos.

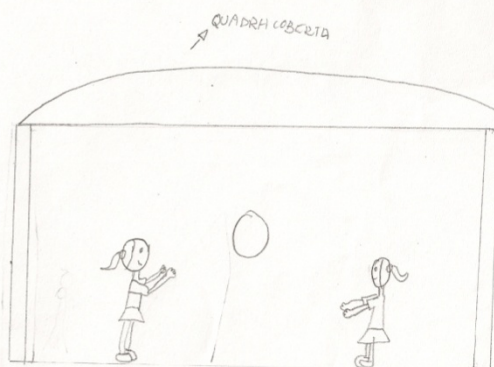


Quero que ficassem o dia inteiro
 fazendo educação

Eu acho a aula de EDUCAÇÃO FÍSICA legal por que
 nós estudamos se movimentando e em um lugar diferente.
 Eu acho que a EDUCAÇÃO FÍSICA é um conteúdo
 diferente que deveria ter em todas as escolas. As atividades
 são divertidas, eu acho que toda a escola gosta de
 EDUCAÇÃO FÍSICA

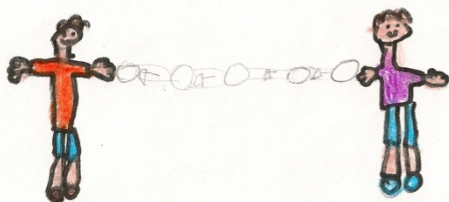


Eu gostaria que tivesse uma quadra coberta para nós
 fazermos a educação física por que nós ficamos com calor
 quando faz sol. Eu também gostaria que tivesse novos jogos
 e que a professora deixasse nós darmos nossa opinião
 sobre eles.



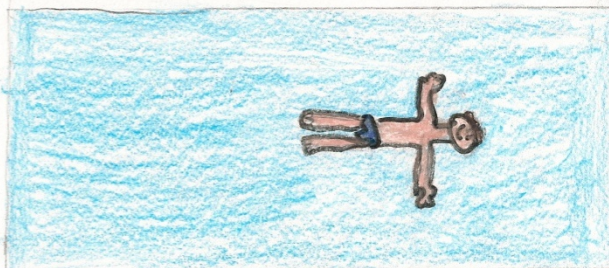
Eu acho o aula de educação física legal porque as pessoas que fazem isso, se divertem, brincam e ainda por cima, mantêm o corpo saudável, mantêm o corpo atlético e é por isso que eu gosto de fazer educação física e eu também gosto de fazer educação física, porque é nessa aula que eu e meus colegas, fazemos as apresentações. Nas aulas nós fazemos queimada, Rodas, roda bandeira e outros brincadeiras.

Queimada



Eu gostaria que tivesse aula de educação física na quarta e no sexta-feira também. E eu gostaria que tivesse natação porque eu gosto e eu também queria que tivesse Kung-fu, porque eu quero aprender isso e eu também queria que tivesse aula de voleibol.

natação



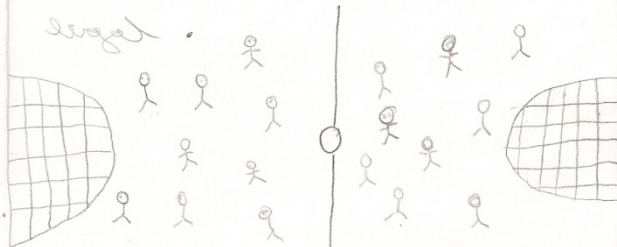
O QUE É A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A aula de educação física é muito legal e é bom também que se ensine bastante e se goste bastante porque é bastante legal como jogar futebol e jogar basquete e tem pouco mais. Eu acho muito bom essa aula sempre quando tem jogo porque dá vontade de jogar com essa aula eu a preferi bastante. Quando chove não dá vontade que é uma coisa legal.

Eu gostaria que tivesse o campeonato de futebol porque eu queria ser bom de mais.

Eu queria que nos escalhassem os times e também queria que nos tomassem pipas e daí um tanto mais pra aprender a tocar na procura de ser ser mais legal de mais divertido.

Eu queria que tivesse aula de música que toda em tivesse a música mais legal.



Eu acho a aula de educação física legal porque ensina sobre os esportes que não conhecemos, como jogar, as regras e etc...

Eu gostaria que fosse educação física todo o dia. Porque para as crianças se esforçarem todo o dia para se divertirem bastante.

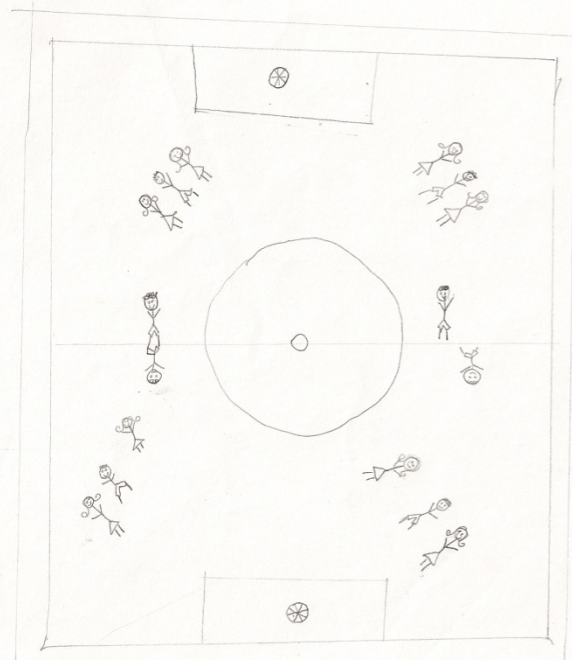


Eu acho a aula de física muito legal,
 Também acho muito interessante, por que
 podemos aprender várias coisas novas
 e ganharmos mais agilidade com
 a física na escola aprendemos muitas
 coisas como, aprender, perder, dar
 dicas, pagar quem não sabe, quem
 faz, não humilha o adversário
 saber perder, temos que ser o quanto
 mais podemos ajudar a aula
 que eu mais gosto é aula de
 bola quero dizer futebol e a
 que eu menos gosto é
 chover quando chove tem
 chover que chato a
 poderia ter aula com
 computadores



Queria que fosse na física aula com
 bola todo hora seria legal - bola bandeira
 fute bol - bola queimada, acho
 muito legal esses tipos de aula

A aula de educação física é a melhor aula da semana. Na aula de educação física a mesma coisa que eu brinco eu aprendo.



Nas aulas de educação física, jogamos bandeirinha ou futebol.

Eu gostaria que tivessemos mais aulas por semana e mais tempo nas aulas, porque é muito pouco tempo. Eu gostaria que nós jogássemos mais jogos de bola, porque nós só jogamos futebol e isso só os meninos gostam, eu nem preciso ser bandeirinha pode ser outra brincadeira.

Educação
Física

Eu to achando a educação física chata e mais mesmo legam de vez quando eu ate gosto de jogar de bola que me da paz e pra gente Chades em Chato Chades não qe a educação física eu quero que a deu coisa física mais legal e divertida e tiverem mais coisas legais e mais simples e al mesmo tempo legam e super masha

Eu achei que era que tiverem um pouco de fibra e e achei legam a escola um pouco e muito legam e divertida

Antônio Carlos 4ª Santos Dumont 2007

Cula de Educação física é uma aula para briga para não ficarmos tão ligados comite em escrever, estudar, aprender se não ficarmos frustrados mas também para fortalecer os músculos e aprender novos esportes.

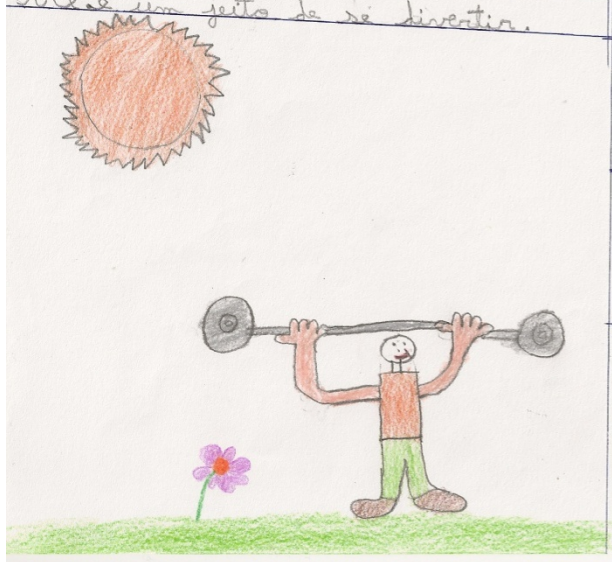
Essa aula trabalhar os seguintes esportes
FUTEBOL, HANDBOL, PIC BANDEIRA, etc

alguns esportes são difíceis de escrever como
HANDEBOL por isso coloquei ETC

gostaria que este tivesse toda aula de trabalho uma pena que não teve esse ano para a nossa defesa nas novas escolas e no resto a professora é DE MAIS uma pena que entre no período não tinha nada esse ano que me despedir da escola

MAIS uma aula que gostaria e de montagem e manutenção de computadores já sei muito contendo mas quero aprender mais.

A aula de educação é um preparo físico para o modo correto de portar-se, gastar a energia que os alimentos nos dão e quem for obeso emagrece de um jeito saudável e um jeito de se divertir.

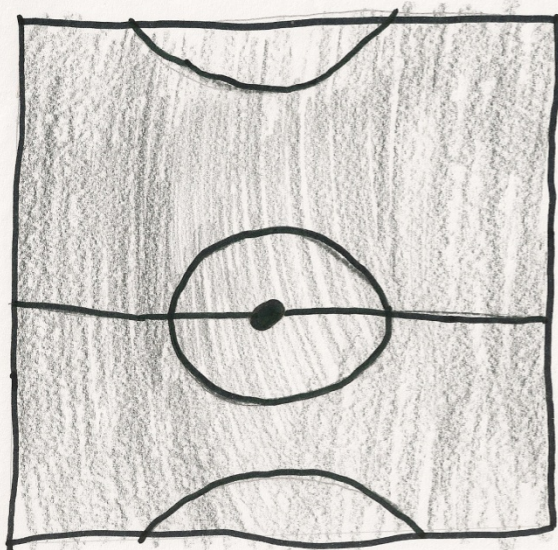


SEGUNDA-FEIRA	PEITBOOL
TERÇA-FEIRA	ROUBA-BANDEIRA
QUARTA-FEIRA	QUEIMADA
QUINTA-FEIRA	VÔLEI
SEXTA-FEIRA	PEITBOOL



Gostava que todo dia tivesse aula de educação física, e que houvesse chadrese, porque é muito chato e também que não tivesse ensaios.

Eu acho a aula de Educação Física legal mais
de vez em quando é chata. A aula é bom
para os desportos, eu acho legal ter mais escalas
e também é legal porque nós brincamos e se
diverte com os amigos.

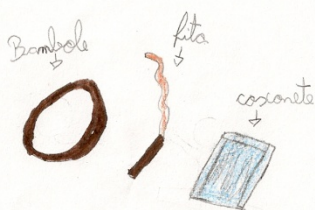


Eu queria que todos os dias fosse
volei e também que fosse na praquinha na
quadra coberta que tem lá. Porque aqui na
escola não tem quadra coberta, se queria aprender
melhor volei.

Na aula de educação física a parte que eu mais gosto de trabalhar é o equilíbrio, a ginástica é a coisa que eu mais gosto entre os esportes.

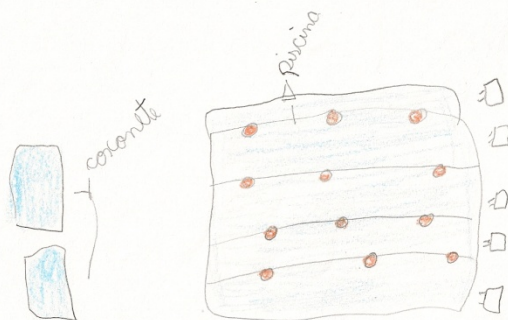
Não gosto na educação física de esportes com bola, pois ninguém passa a bola para mim, e se param eu fico sem jogar.

É isso que eu acho de educação física!



Eu gostaria que tivesse uma piscina e que agente fizesse aula de natação e se não desse um dia para usar a piscina agente fica no coronete fazendo ginástica.

Eu queria que fosse assim a educação física, pois é que eu gosto de fazer.



O que é aula de educação física!!

Para mim a aula de educação física, é uma aula especial onde aprendemos a jogar alguns esportes, e alguns jogos de raciocínio como o chadrez e o dama. A aula de educação física não é só uma aula onde nós brincamos, mas também aprendemos de uma maneira gostosa.

Tem alguns jogos que a professora nos ensina que eu acho muito legais como: Bola-lançada, bola-quemada, amela, kendibol.

Como eu gostaria que a aula fosse

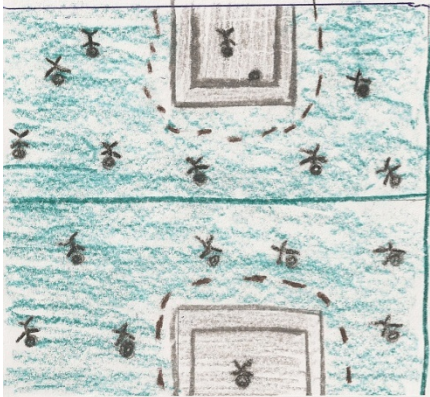
Eu gostaria que a professora pedisse para os alunos falar alguns jogos conhecidos para jogarmos e também gostaria que a professora pedisse para algumas pessoas ler alguns amigos para a aula.

O que é a aula?

A aula para mim é uma forma que os professores adotam para fazer com que nós aprendamos outras coisas. Também uma maneira de se exercitar.

Também uma forma de ensinar mais as crianças, além disso nós ensinamos a compartilhar as coisas como:

meus brinquedos e coisas assim que você quer que os outros brinquem com para isso as crianças do meu grupo precisam colaborar com você.



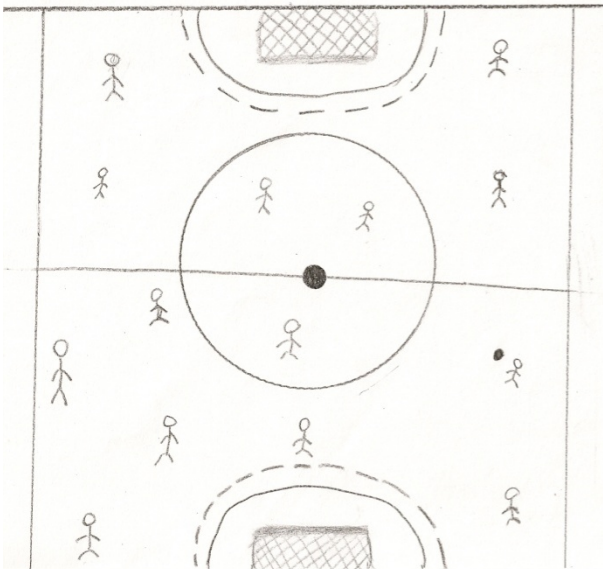
Como eu gostaria que fosse?

Gostaria que tivesse educação física todos os dias, por que ~~ter~~ quarta, quinta, sexta e quinta.

- 5 = SUNDAY: QUEBADA
- TERÇA: FUTEBOL
- QUARTA: REMO BOLA
- QUINTA: NATAÇÃO
- SEXTA: PEGA PEGA
- SABADO: VOLEI NA QUARTA

A aula de educação física é muito legal. Esperar de ser muito pouco tempo, os professores não muito legais, como nós, tem alguns exercícios que são muito legais, mais tem alguns que são um pouco chatos. Mas eu não deixo de fazer a educação física porque eu não gosto daquela brincadeira.

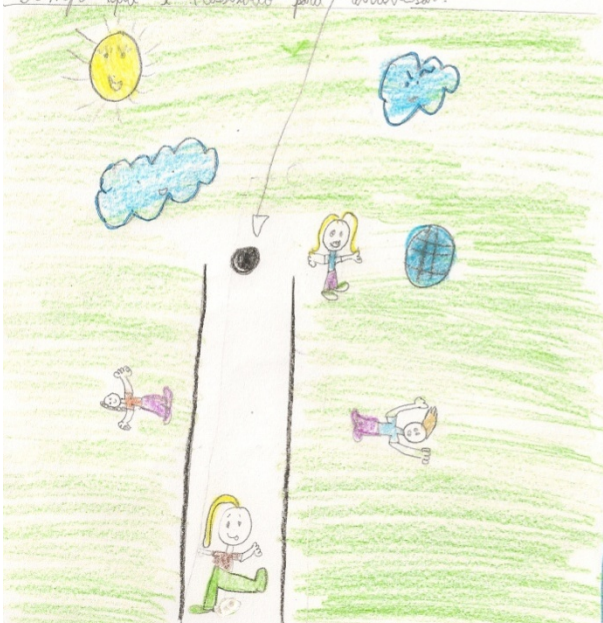
Eu gostaria que a aula de educação física tivesse futebol, Karatê, que tivesse educação física na prática que aumentasse o tempo de educação física por que nos temos 50 minutos por que não aumente mais 50 minutos e outras coisas.



Por que seria muito mais legal a aula.

CORREDOR PERIGOSO

O corredor perigoso nos ajuda a aprender a atravessar a rua. Nos jogos não tem que chutar a bola bem longe, e correr e tocar com o pé a bolinha. E nos jogos se aprende o tempo que é necessário para atravessar.

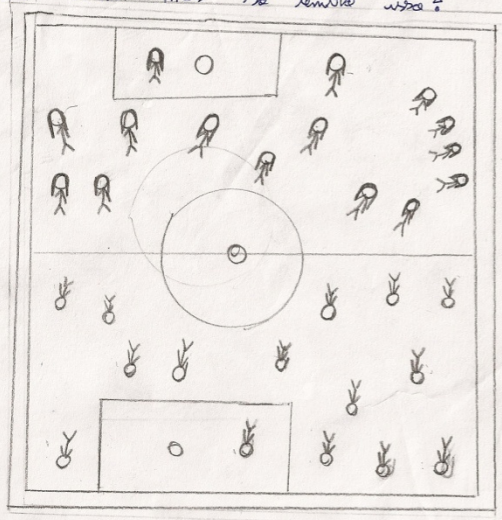


AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. SÓ PARA AS MENINAS.
A AULA INTEIRA.



A aula de educação física, é legal, gostosa, divertida etc... Ela é a aula melhor da semana, com essa aula a gente aprende e se diverte ao mesmo tempo.

Com ela a gente descontra porque a gente se livra de escrever, ela é super-legal. Eu lembro um pouco do que a gente fez é: bola - quadra, futebol, hand - Bal, e vários outros jogos mas tá lembro isso! :



Eu gostaria que nós tivéssemos mais aulas por semana, nós brincamos de vários jogos de memória.

EDUCAÇÃO

FÍSICA

3

A aula de educação física é muito legal, e a gente aprende mais e se diverte um pouco.

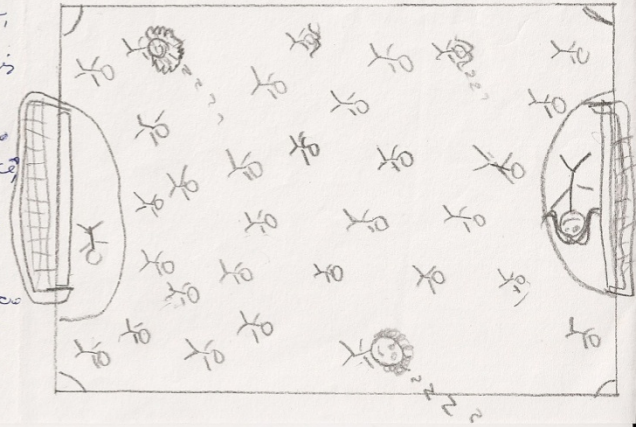
A aula que eu mais gosto é de bola handeica, e também umas aulas que nós acostumamos ter é hand-bal, futebol etc... e terça e quinta são os melhores dias da semana.

Eu queria que a quadra fosse coberta porque quando chove não dá para fazer e quando faz sol nós ficamos com calor.

É quando nós fazemos queria que a professora deixasse nós darmos opiniões para que nós vamos fazer.

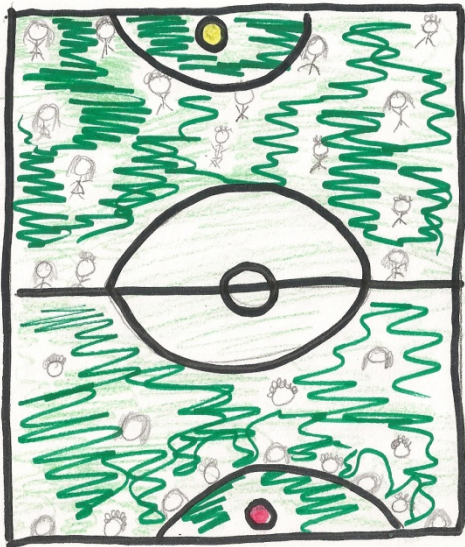
Eu acho a aula muito legal
 os vezes é chata, mas é legal.
 Porque nós brincamos de coisas novas
 e legais e divertidas. A aula de
 Educação Física é muito importante
 porque ela faz os alunos aprenderem
 e a se divertir. De vez em quando
 nós brincamos de vôlei, bola-quimada,
 esconde, roundball e vários outros coisas.
 Educação física é legal, divertida,
 divertida. O prof. Luis é a prof. mais
 legal, porque ela é gentil, alegre em
 pouquinho nervosa e em pouquinho chata.
 mas ela é um amor de pessoa, e nós
 nós tivemos aulas de bola-quimada
 esconde, de realça bola, bola-bandeira.
 isso é muito legal a educação física.
 Que pena que nós estamos saindo desse
 escola.

Eu gostaria que tivesse mais aula de
 educação física, como todos os dias. Porque
 é muito legal, e também eu
 gostaria que tivesse mais aula de
 roundball, vôlei e futebol para que
 eu aprendesse mais. Porque eu gosto
 que aprender e eu gosto também. E
 tivesse aula de natação, no piscina
 me e vários outros coisas legais.
 Eu gostaria que fosse mais tempo
 por exemplo 1:00 h de aula de educa-
 ção física. E que tivesse aula de
 dança dos 8:05 as 10:05 de manhã.



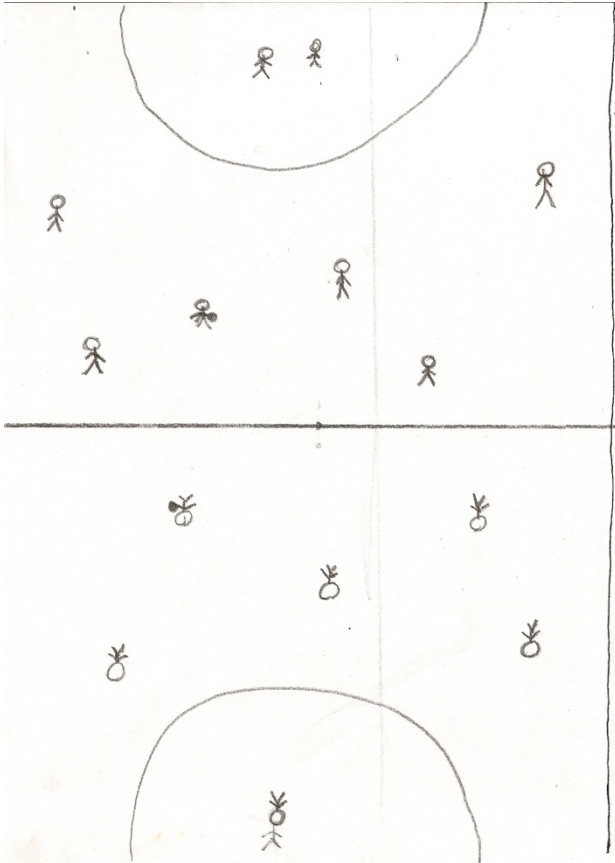
Educação Física

A Educação Física é muito legal, e também
 tem o prazer que ajuda a desenvolver
 a mente. A brincadeira que eu mais
 gosto é bola-quimada e vôlei e bola-
 bandeira.



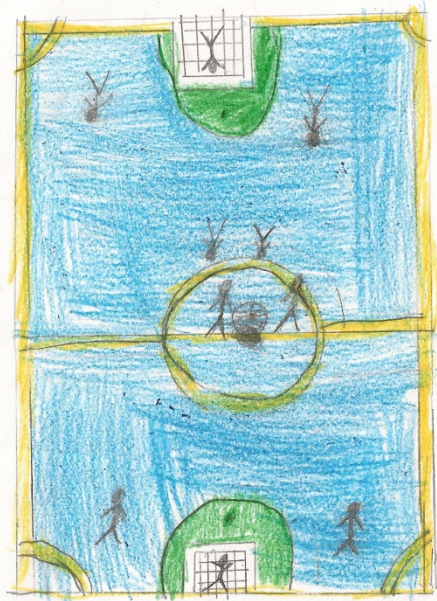
Como eu gostaria que a aula
 fosse. Porque.

Eu acho muito bom assim mais
 gostaria que tivesse mais bola-quimada
 e que pelo menos um (1) dia por mês
 que a professora deixava a gente esse-
 lher uma coisa para nós fazermos e uma
 aula de pc (computador).
 Porque eu gostaria e gosto muito
 de bola-quimada e de computadores
 (pc)

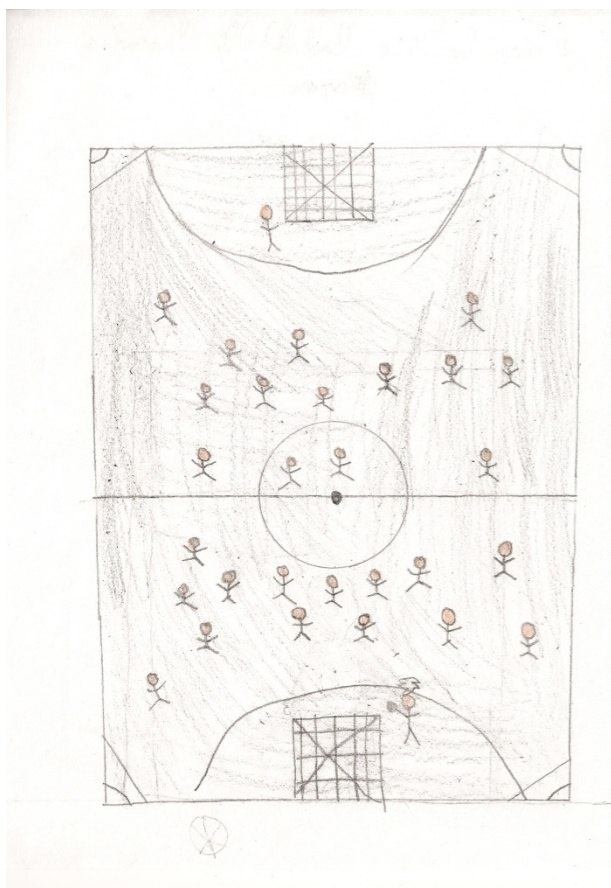


eu gostaria que fosse ^{americano} estabelecido que o futebol fosse
 obrigatório por dia
 Por que é legal e só pra bater na goiabada

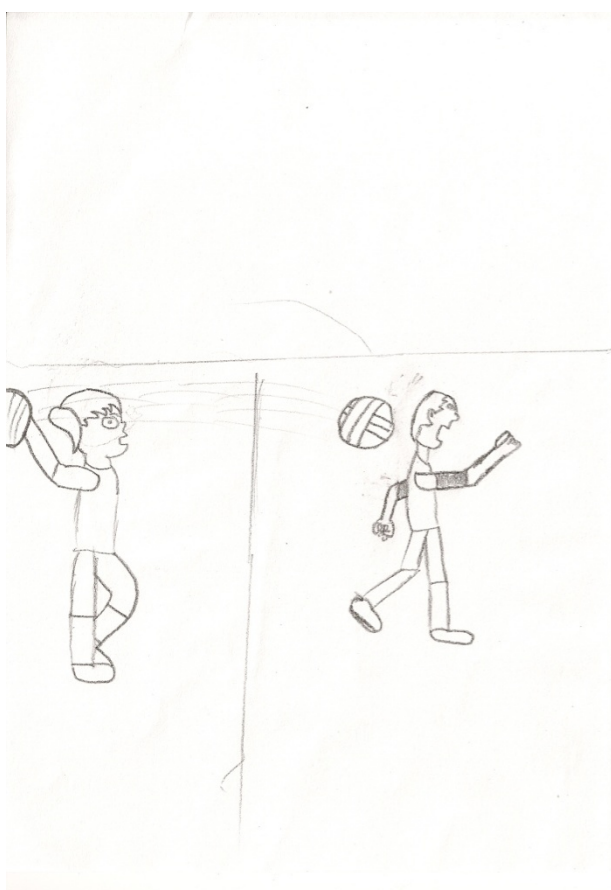
O que é a Cule



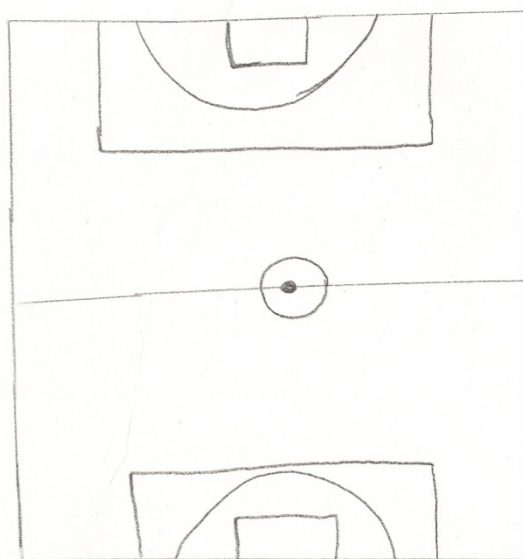
Eu queria mais desse futebol americano
 porque é um esporte que eu gosto



Eu gostaria que fosse só para jogar não
educação física. Porque eu gosto de jogar vídeo-
game e eu sou crack.



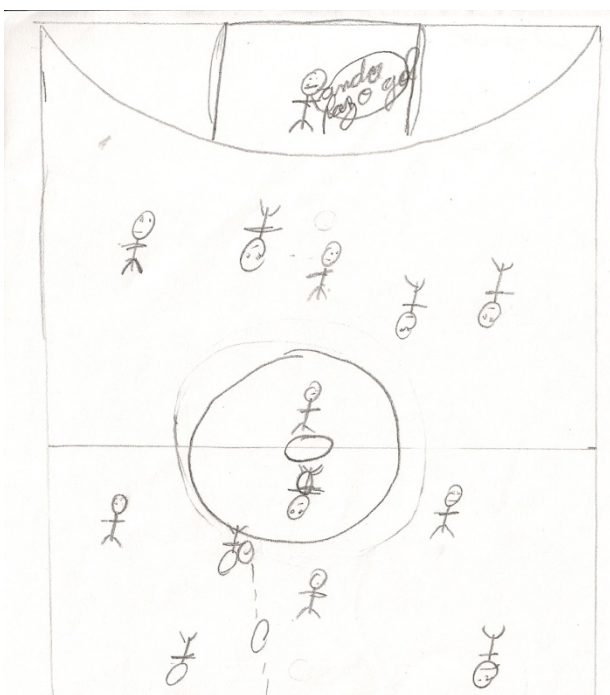
Quero que tivesse mais futebol.
Porque eu gosto.





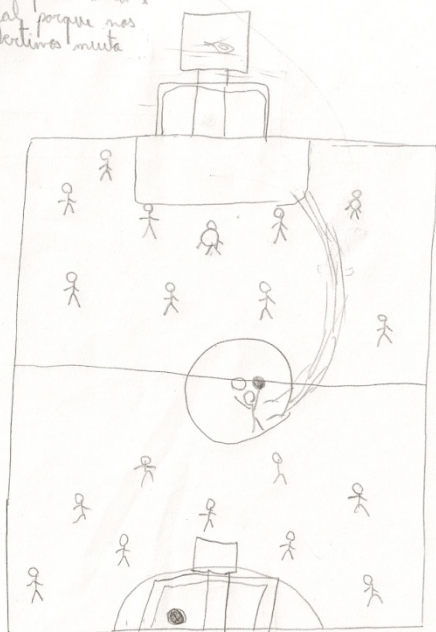
Aula todo dia, futebol, aula de pipi, aula de pipa, futebol americano, aula no campinho, volli um playstation 3,

R: Porque eu gosto de aula de educacao fisica principalmente do handebol.



Eu gostaria que abrisse o quadra, por que era ruim, eu gostaria que tivesse futebol todo dia, porque eu gosto, eu gostaria que nos ensinassem o time.. porque a professora que ensina e tambem fisica todo dia e uma hora de fisica, por que e so cinquenta minutos

Eu gosto que a sala é
bem legal porque nos
nos divertimos muito.



Eu gostaria que tivesse um gramado do lado da
escola e a gente podia jogar futebol americano na aula
de educação física. Porque eu gostaria de aprender a jogar.

